REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL
N.º 37 ★ 10-9-1949



NOVA E EMPOLGANTE FASE DE

A CENA muda

Agora Sim!

MODERNA
DINÂMICA
MOVIMENTADA



SEMANALMENTE

- ★ REPORTAGENS — assuntos de atualidade.
- ★ ARTIGOS — amplamente ilustrados.
- ★ CRÔNICAS — assinadas com exclusividade.
- ★ HUMORISMO — ironia e sátira às coisas do cinema.
- ★ CRÍTICAS — dos últimos lançamentos.
- ★ FLAGRANTES — instantâneos de "astros" e "estrêlas".
- ★ GALERIA — as mais recentes pôses de artistas.
- ★ ENTREVISTAS — com as celebridades do écran.
- ★ CINE-ROMANCE — novelização de filmes inéditos com especial sabor literário.
- ★ INTELECTUAIS FALAM DE CINEMA — a opinião de consagrados literatos.
- ★ MODAS — artigos exclusivos e ilustrados com as mais elegantes "estrêlas".
- ★ SEREIAS — apresentando os últimos modelos de maiôs. . . e de pernas.
- ★ MÚSICA — recentes novidades em letras de foxes, boleros e sambas.
- ★ TESTE — Passatempo leve e divertido.

COMPRE JÁ! EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS

REVISTA DA SEMANA

N.º 37 ★ 10-9-1949

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES
Rancho mal assombrado (Thereza de Almeida) 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
REPORTAGENS
Caxias no "Pantheon" (II) .. 4/7
Vinte e três dias de incêndio (Harold Green) 16/17
As mulheres ingressarão na Academia? (Maria Vesentini) ... 26/29
Novo jôgo para Monte Carlo .. 56/57
LITERATURA
Vida literária (E. Catete Reis) 14
HUMORISMO
Homens e bichos (Théo) 10
Bom humor 15
O mundo manca e a mula murcha 58
ROMANCE
Viver com amor (Margaret Nichols) 12/13
RADIO
Broadcast 44
NOVELA
Um poeta em minha vida (Loiva Leiria Borba) 18
CONTOS
As broas de milho (Neyde Joppert) 30/31
Nosso Dedé foi p'ra guerra (Silveira Junior) 42
CINEMA
Sansão e Dalila (Luis Alípio de Barros) 32/39
Uma fábrica de "estrêlas" de cinema 55
SUPLEMENTO DA MULHER
Nos bastidores femininos (O.B.) 19
Vestidos pretos 20
Últimos dias frios 21
Detalhes e novidades 22
Assim é o amor (Lucille D'Alermont) 22
Mães e filhos (Anamaria Célia) 23
Para meninas 23
Chapéus primaveris 24
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 24
Problemas da mulher (M. Mercedes Santos) 25
Drapeados e panejamentos 25
Novas blusas 40
Escocês 41
Detalhes de beleza 42
Week-end na cozinha 43
MÚSICA (Roberto Lyra Filho) 46
TEATRO (José Fomm) 47
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu (A. Max) 54
FOLHETIM
Scarlett, a mulher invisível ... 53
ILUSTRADORES
M. Queiroz
A. Pacheco
Z. Pinto

NOSSA CAPA



Ann Miller, graciosa morena de Hollywood e uma das "estrêlas" de "Easter Parade" e "The Kissing Bandit", ambos da Metro. (Foto M. G. M.)

RANCHO MAL ASSOMBRADO

DIZEM que o rancho da coxilha é mal assombrado, que é tapera que se encheu de almas do outro mundo, que tem um entêrro de ouro sob o teto de quincha que se desfaz a cada rajada fria de minuano, e que... Tanta coisa se conta do tal rancho! Tanta!...

E' um pobre rancho. Igual a muitos que existem no rincão, meio desfeito, chão batido e com manchas do sol que entra pelas fendas, paredes de barro, esburacadas, e um cinamono escalavrado na frente, tão velho que nem dá mais sombra. Está ali porque está. O minuano talvez tenha tido pena de sua velhice, porque basta um empurrão para deitá-lo nas guanxumas que tomaram conta da frente do rancho. Do rancho é o modo de dizer. Da tapera; que há muito ninguém mora lá.

Dizem... Todo mundo diz coisas! Um tropeiro que passou e chegou para armar pouso encontrou cinzas quentes, uma velha cuia e uma chaleira de ferro, e por mais que procurasse o morador, não encontrou. O rancho estava limpo, convidando para um descanso, mas o tropeiro, que por via das dúvidas não queria nada com almas do outro mundo, resolveu pousar mais adiante. Não queria ter o sono interrompido por algum chamado, por gemidos, por um reboliço altas horas da noite. Não estava disposto a ter, depois, de chamar sua gente às pressas e tocar o gado para ficar noutra paragem até que o dia começasse a clarear.

Muita gente não acreditava nessa história do rancho mal assombrado e ria quando se comentava isso no galpão. Mas um dia tudo mudou, e ninguém mais parou na frente do rancho para tomar água da cacimba. E' que o Pedro Carreteiro havia passado por lá, à bôca da noite, e ouvira naquele silêncio enorme, sons de gaita querendo encher a tarde que ia morrendo. Ao princípio era algo indeciso, sem feitio, sem harmonia, notas sôltas e hesitantes como se o gaiteiro invisível há muito não pegasse na cordeona. Pouco a pouco, no entanto, a música foi se elevando, foi aumentando, gemendo, tomando corpo, se retorcendo, tomando conta das sombras que se agrupavam nos baixios da coxilha, rasteiras como se quisessem tragar o rancho.

O Pedro Carreteiro ficou todo arrepiado e jurou que boi dele nunca mais iria pisar pasto daquele chão. Tocassem as carrêtas prá frente, que ali êle não ficava, nem mesmo por dinheiro! Havia mistério, e dos grandes, naquele rancho meio desfeito.

— Puis é como eu lê digo, patrão! A gente parecia que tava vendo uma mulher dançando ali no escuro! E quando a assombração, que Deus me livre!, impeçô numa ranchêra, o senhor precisava vê prá acreditá! Parecia um baile! A gente sentia um mulherio dançando ali onde era antes a ramada. E a gaita, patrão, parecia que dava gargalhada! Credo! Nunca vi gente viva tocá daquele jeito!

★

Pouco tempo depois, questão de dias, passou um homem da cidade e pousou ali, por descuido talvez, ignorando tôdas as histórias do rancho miserável, condenado à solidão. Pousou e saiu dizendo que ali vivia um pobre velho, muito velho, gaiteiro de dedos trêmulos, que gostava de tocar ao anoitecer.

— E' um poeta! — disse o viajante lá no galpão da Corunilha.

A peonada encolheu os ombros. Alguém se benzeu.

— Poeta? Coisa da cidade! Home velho, gaiteiro assim, é o seu Minigildo, que morreu faz muito tempo! Deus o guarde! Naquele rancho é que eu não vô mais. Seu Minigildo era home prá tudo!

Mas o velho gaiteiro não morrera. Apenas voltara do povo para morrer em seu rancho, e ser enterrado nas terras do rincão. E enquanto esperava a morte ia enchendo os dias com a lembrança antiga das alegrias e das tristezas da velha cordeona.

THEREZA DE ALMEIDA
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)



As homenagens ao Duque de Caxias e à sua espôsa movimentaram tôda a cidade do Rio de Janeiro a 30 de agôsto próximo passado, e se revestiram da maior solenidade. Damos neste clichê um aspecto do palanque erguido ao lado do Pantheon, face a face ao parque do Campo de Santana e onde tomaram seus lugares de honra as autoridades, vendo-se o presidente Dutra ao centro, ladeado pelos ministros da Aeronáutica e da Marinha

CAXIAS NO "PANTHEON"



EM virtude do mau tempo que reinou durante a semana em comemoração ao nascimento do Duque de Caxias, somente a 30 do mês último foram realizadas as últimas homenagens ao patrono do nosso Exército.

Essa parte do programa que constituía, justamente, o ponto culminante das celebrações em memória do general Luiz Alves de Lima e Silva, constou de grande desfile cívico-militar desde a Igreja da Cruz dos Militares, na rua Primeiro de Março, até a praça da República, onde se ergue o Pantheon no qual repousam os restos do Duque e da Duquesa de Caxias.

O ato se revestiu da maior solenidade e atraiu em tôda a vasta extensão do seu percurso grande multidão.

Filas de militares se estendiam da rua Primeiro de Março ao Pantheon, sendo a guarda do cortejo formada por elementos de nossas três armas, Exército, Marinha e Aeronáutica, intercaladamente.

Ao lado do Pantheon que dá para o antigo Campo de Santana, erguia-se o palanque de onde o sr. presidente da República, ministros e autoridades civis e militares assistiram ao desfile.

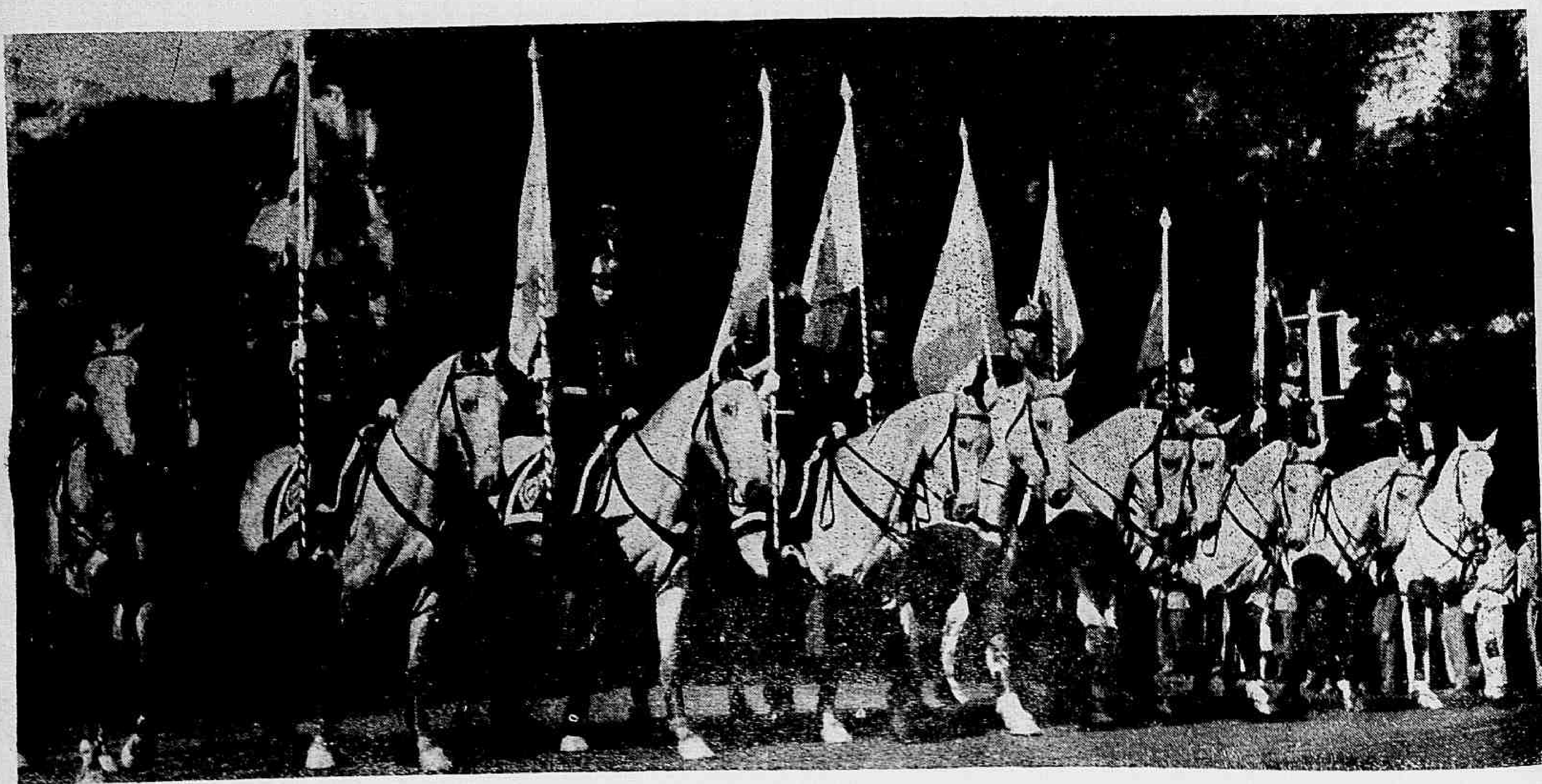
A fisionomia daquele largo onde, até pouco tempo, existia o monumento a Benjamin Constant, mudado para o centro do jardim da praça da República, transformou-se completamente com o novo monumento mandado construir pela Prefeitura e entregue agora ao Exército.

Passou nossa pátria a possuir o seu Pantheon Nacional, onde os sentimentos da nacionalidade encontrarão ambiente propício às suas vigílias diante dos vultos mais destacados do país.

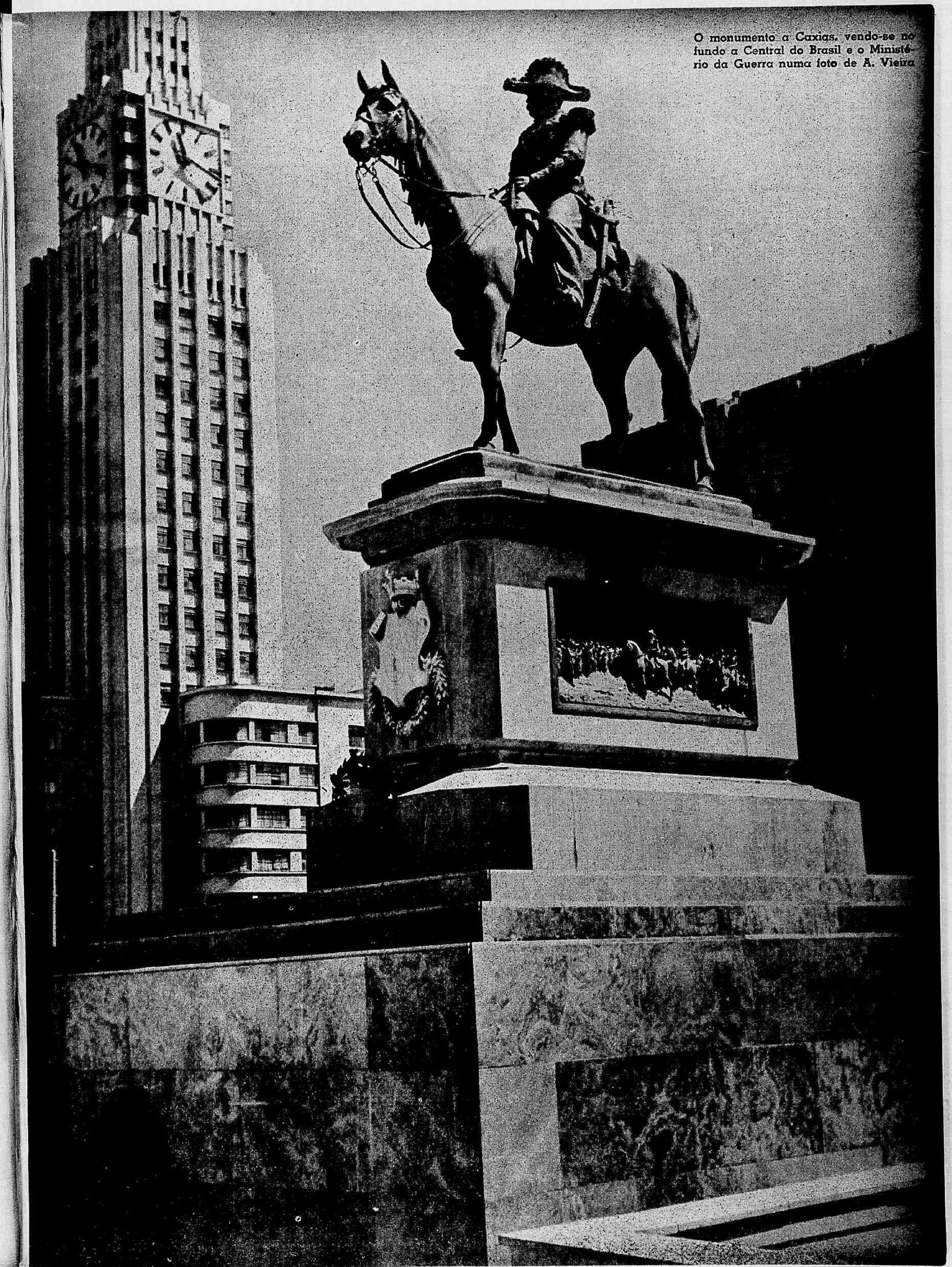
Sua inauguração não podia ser em dia mais próprio e justo, o que relembra um dos mais venerados nomes do Brasil, vulto que encheu nossa História no segundo reinado e continua a projetar-se nos tempos atuais como exemplo de coragem moral e valor militar sempre a serviço das causas da Pátria.

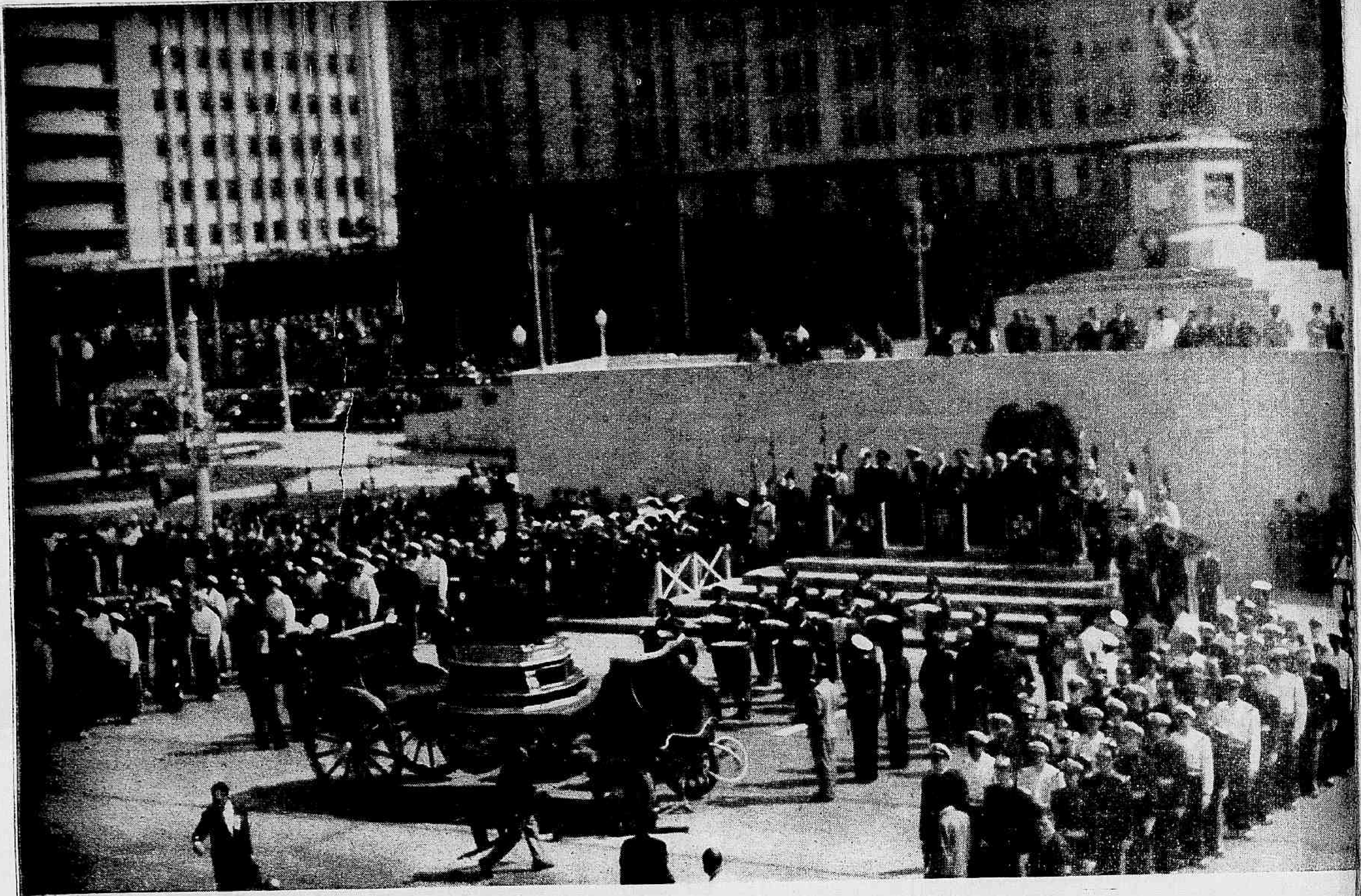
Apesar de não ter sido decretado feriado para o Distrito Federal, grande massa de povo acorreu ao centro principal das solenidades, mantendo a custo as turmas da Guarda Civil os cordões de isolamento.

A multidão que assistia ao desfilar do cortejo com os restos mortais do Duque e da Duquesa de Cavias, mantinha-se na mais significativa e tocante atitude, guardando completo silêncio como homenagem ao seu grande patrício.

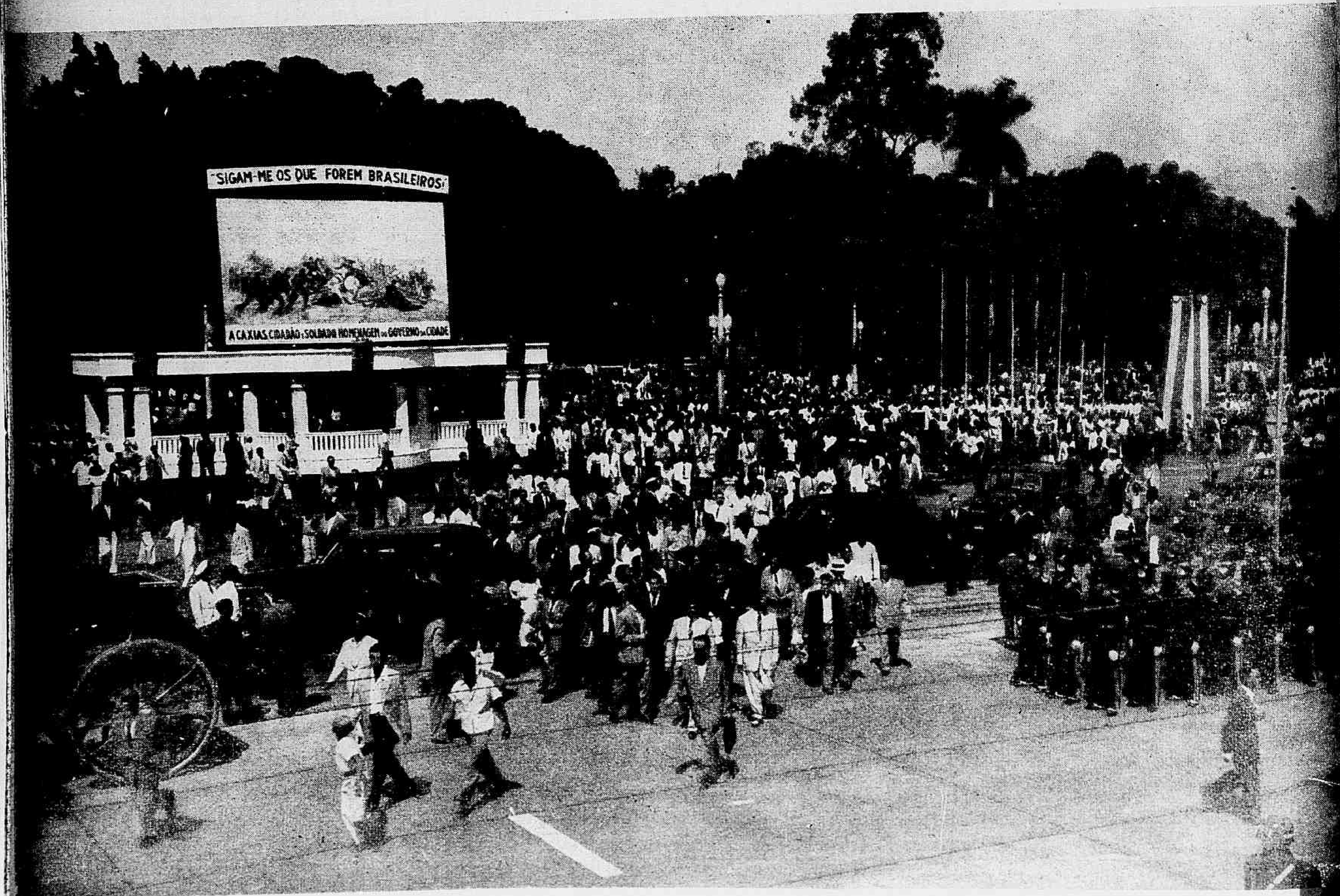


EM CIMA, A ESQUERDA — Fotografia apanhada quando era franqueado o interior do Pantheon ao público, já estando vazias as urnas com os despojos do Duque e da Duquesa de Caxias. EM BAIXO — Pelotão de Cavalaria do Exército formando na marcha a passo lento, conduzindo tôdas as bandeiras históricas que simbolizam a existência de nossa nacionalidade, desde os mais recuados tempos do Brasil-Colônia até hoje


O monumento a Caxias, vendo-se no fundo a Central do Brasil e o Ministério da Guerra numa foto de A. Vieira

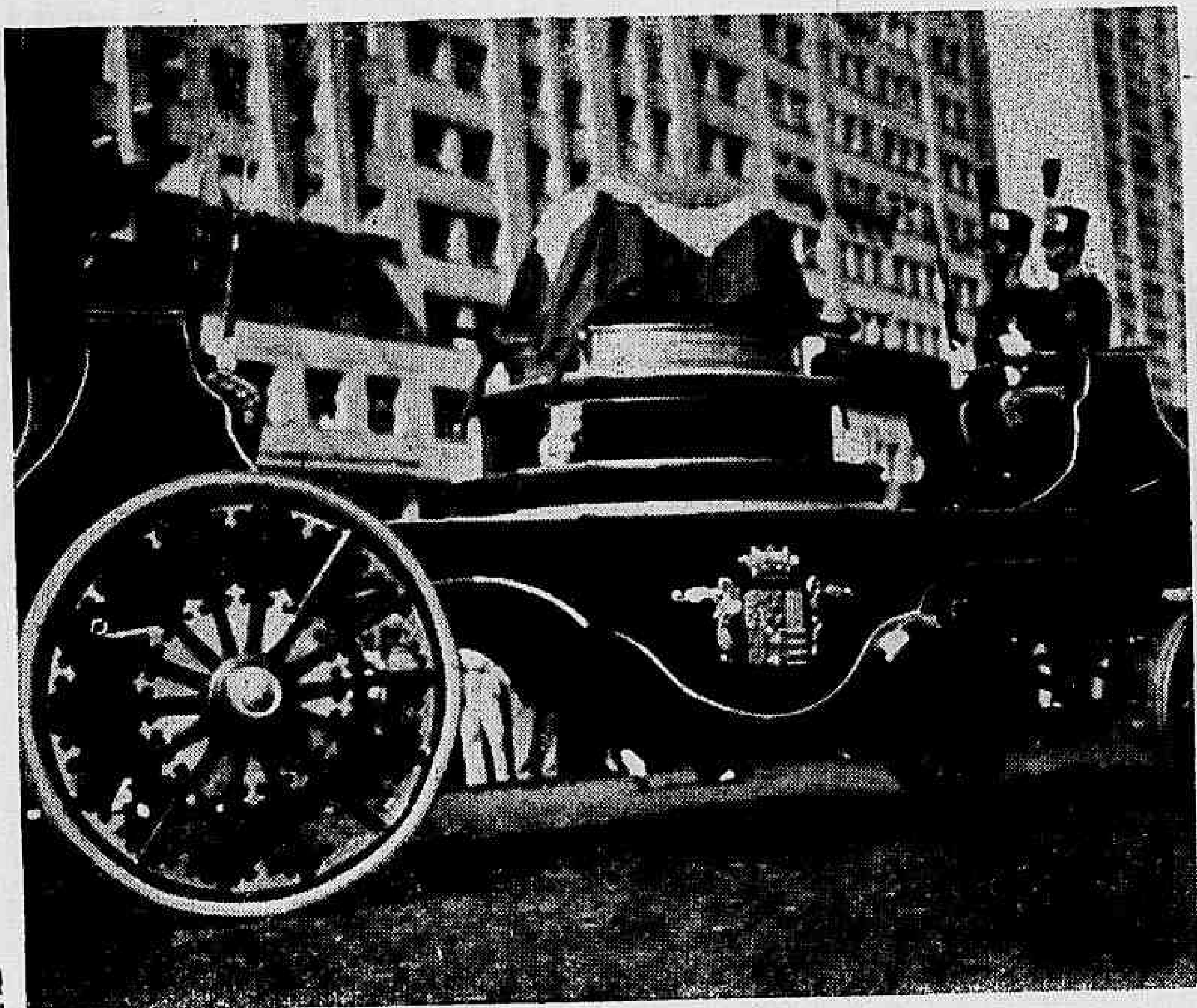


EM CIMA — Vista geral da solenidade, abrangendo parte do Pantheon, o palanque oficial e o côche com a urna dos despojos de Caxias, no momento preciso em que discursava o prefeito general Mendes de Morais. EM BAIXO — A multidão que afluiu à praça da República, invade a área das solenidades logo após o seu encerramento e se dirige para o Pantheon

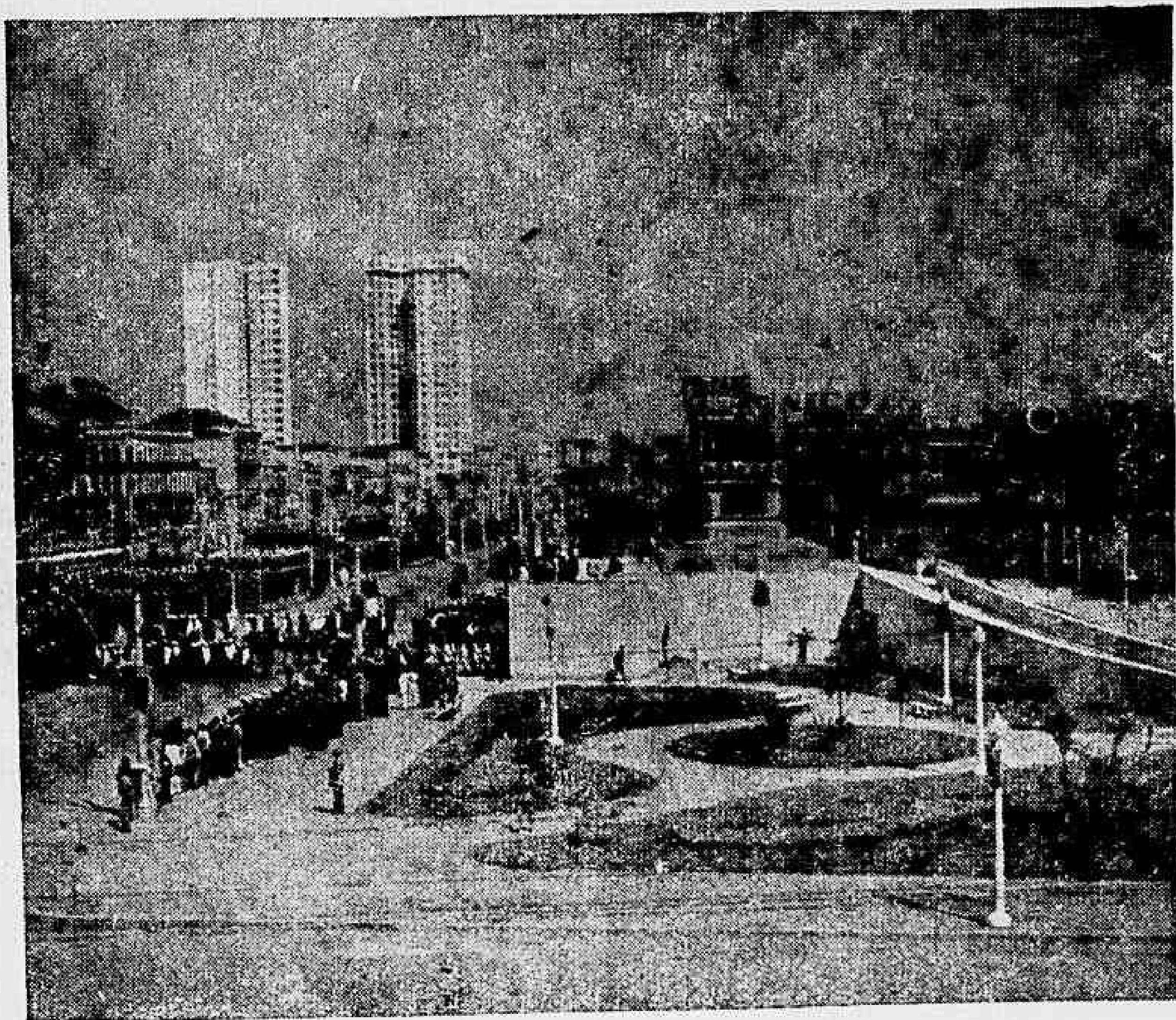




Flagrantes do cortejo no instante em que saíam os despojos da Igreja da Santa Cruz dos Militares e desfilava pela rua Primeiro de Março, com a guarda de nossas três armas, intercaladamente: Marinha, Exército e Aeronáutica



O côche conduzindo a urna dos restos mortais do Duque de Caxias, com uma guard de alunos da Escola Militar em uniforme de gala, no momento em que entrava na avenida Presidente Vargas



Vista geral da parada, com as tropas em marcha desfilando em homenagem e continência ao Duque de Caxias, e um dos ângulos do Pantheon com a estátua do grande militar e cidadão, recentemente vinda da praça Duque de Caxias



EM CIMA — O general Mendes de Morais, prefeito do Distrito Federal, oferecendo ao Exército o Pantheon Nacional. EM BAIXO — O general Rondon entre congressistas, acompanhando a pé tôda a extensão do cortejo até o Pantheon





Não foi fértil em assuntos políticos de maior relêvo a semana que se foi. Os encontros, as confabulações articuladas com os desejos dos dirigentes do país para que a próxima sucessão presidencial se projete sem grandes abalos, nada produziram que nos inspirassem a destacar aqui um nome como a personagem da semana.

Também nos outros setores da vida nacional não surgiu ninguém. Contudo, inesperadamente, um nome apareceu que merece ser trazido a esta coluna, como a personagem da semana.

E' o do sr. Guilherme da Silveira, atual ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco do Brasil.

O ato que nos fêz escolhê-lo para esta espécie de berlinda, causou sensação nos meios políticos, financeiros e administrativos e foi comentado e ainda será motivo de comentários na imprensa do país.

O ministro da Fazenda, espontaneamente compareceu à Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados e, ali, diante dos nossos legisladores deu contas da situação financeira do Brasil.



O sr. Guilherme da Silveira, ministro da Fazenda

Até aí, nada de mais. O que, entretanto, provocou admiração e surprêsa, foi o conteúdo das suas revelações.

Revelou o sr. Guilherme da Silveira, da maneira mais nua e crua, a delicada situação financeira do Brasil, nada escondendo, nada ocultando que pudesse dar falsa idéia de prosperidades.

O ministro da Fazenda falou uma linguagem um tanto já esquecida do povo. De ordinário o que sempre se faz, é esconder a verdade, salvo quando quem fala é um oposicionista. Assim, a palavra do ministro da Fazenda despertou curiosidade e causou sensação em tôdas as camadas do país

Mas, pelo modo por que falou, o ministro não está desiludido ou pessimista Êle acha que a situação é grave, mas também julga que se poderá salvar o país de uma catástrofe. Não tenhamos medo dos "deficits", e, neste aspecto, suas idéias se ajustam à tese de todos que advogam meios de defesa a favor do país, mas que ninguém tem coragem de pôr em prática.

Fazemos votos para que o sr. Guilherme da Silveira, já que vê os abismos aos seus pés e nos fala de maneira tão dramática, não se limite apenas a localizar as zonas perigosas e tome suas providências para tapar os rombos na quilha da nau do Estado e lhe vede as aberturas do cavername com o betume de sua capacidade administrativa econômico- financeira.

A SEMANA EM REVISTA

ASSIM NÃO É POSSÍVEL

Segundo artigos e parágrafos de nossa bela Constituição, é dever do Poder Público proteger a instrução e a educação do povo brasileiro. O ensino é livre em todos os graus e os mestres devem ser amparados, etc., etc. Mas, na prática sucede cada uma! Não é segrêdo para ninguém o que se passa com muitos dos nossos educandários, desde o de curso primário, aí pelos subúrbios, aos mais avançados na escala pedagógica no centro da cidade. Todo aquêle que não possui edifício próprio, definitivamente pago, está sujeito a surprêsas aflitivas. Há alguns que se instalaram e funcionam em prédios sub-locados. Os alugéis estão em dia, tôdas as modificações em ordem com prévio consentimento do proprietário, o qual, porém, não se cansa de lamentar estar o imóvel alugado ainda por preço mais baixo do que o atual. A ganância não o deixa dormir; porém, como os pagamentos são feitos na hora, não há meio legal para pedir o edifício. Contudo, sempre arranjam um meio de meter medo ao ocupante e recebem dele, por fora alguns contos de réis. O diretor do colégio, que vive nesse regime de receios permanentes, quando julga estar a côberto de qualquer providência que venha desalojá-lo e botar na rua as carteiras e os alunos, recebe uma citação com tôdas as formalidades legais Tem que deixar o prédio porque... o proprietário precisa dele para morar. Mas como? Um edifício que acolhe 400 alunos vai servir de moradia a um casal sem filhos? Pois é o que sucede. Na semana que se foi, Copacabana assistiu estarrecida ao despêjo de um Colégio com 400 estudantes, sob o motivo de para lá ir morar o dono do casarão. Pediu o diretor do educandário um prazo até 1 de outubro, mas não foi atendido. Os meirinhos, em pleno funcionamento das aulas, foram jogando os móveis na rua. E ainda querem que a mocidade seja patriota.

★

E NINGUÉM DIZ NADA

Nos começos de sua projeção como a principal cidade do Brasil, possuía esta capital um largo nas proximidades dos pântanos onde está hoje o Canal do Mangue e que recebeu o nome de Campo da Aclamação. Êsse terreno era onde se realizavam tôdas as manifestações políticas, rivalizando com aquêle outro que se chamou Praça da Constituição. Com os tempos, tudo foi mudando e recebendo outros nomes. O antigo Campo da Aclamação passou a ser, com muita justiça, Praça da República, pois que foi ali que Deodoro com todos os oficiais e soldados se levantou contra o Gabinete Ouro Prêto e derrubou a Monarquia, proclamando-se a República. Depois êsse ex-Campo da Aclamação recebeu com louvores o nome de Praça da República, decorada com um monumento a Benjamin Constant todo decalcado nos princípios do Positivismo, àquele tempo com tôda a pujança de sua organização e doutrina, especialmente entre os militares de altas patentes. Mas o mundo vai rolando e os homens vão mudando de pensamentos. Não demorou muito e o parque, que já tivera aquêles dois nomes, passou a chamar-se Júlio Furtado. A Praça da República limitava-se, pois, à área que circundava os gradis, desde o Corpo de Bombeiros ao Quartel General. Entretanto, para o povo, tudo aquilo continuava a ser Praça da República, e, para os mais velhos, Campo da Aclamação, pois a velhice é teimosa e tradicional. Agora, porém, com a inauguração do Pantheon Nacional e da estátua de Caxias, vinda do Largo do Machado, que tomara o nome do grande militar, passou a chamar-se Praca Duque de Caxias o que era da República. O monumento a Benjamin foi lá para o Parque Julio Furtado e... que resta hoje da Praça de República? Ninguém falou nisso. Nem os positivistas.

★

IMPÔSTO DE RENDA

O aspecto um tanto ilógico do nosso Impôsto de Renda leva à imprensa e aos tribunais episódios que dão pequena amostra do quanto é contraditória essa tributação. Impôsto de Renda deveria ser justamente o que diz o seu próprio nome. Somente aquêles que dispõem de renda, deveriam estar sujeitos a essa taxação. Que vem a ser renda? Tudo aquilo que dá resultados em dinheiro provenientes de uma fonte sólida, um patrimônio transmissível por sucessão ou loteria, apostas, jôgo, enfim. Mas, entre nós, ficou firme a idéia do fisco federal de que ordenado, comissão proveniente de trabalhos avulsos, também representam renda e, consequentemente, sujeitos ao impôsto da dita. O Tesouro Federal precisa de dinheiro, não há dúvida; mas deviam os nossos financistas e legisladores encontrar outra forma para cobrar dos contribuintes um tributo que está sendo mal orientado. Ordenado jamais foi renda. Taxar um cidadão que vive exclusivamente do suor do seu rosto e sustenta parentes e aderentes com sacrifícios enormes e, ainda por cima, forcá-los com executivos a pagar impôsto de renda, é até uma iniquidade que os sentimentos cristãos bradam aos céus. Vejam o que acaba de suceder com êste simplório José Lincoln de Sousa, de Luziânia, Goiás, que estava devendo de Renda a **fantástica** importância de 33 (trinta e três) cruzeiros, referente ao exercício de 1947. Desempregado, sem recursos, José não pôde pagar. Veio o executivo. Mas os promotores da cobrança judicial disseram que não era possível receber os 33 mil réis porque o homem estava insolvável. Veio o caso para o Tribunal Federal de Recursos e os ministros decidiram que o processo não fôsse arquivado e sim suspenso até que o devedor esteja em condições de pagar. Êsses fatos concorrem para aumentar no Brasil a lista de anedotas.

UM CONSELHO DE SHAW

George Bernard Shaw, o famoso humorista e dramaturgo inglês que o mundo inteiro conhece e discute, acaba de dar sua opinião acêrca do crime, dos criminosos e dos meios de nos livrarmos deles. No entender de Shaw o meio mais prático e radical para acabar com o crime seria êste: abolir as prisões e exterminar os que lá estivessem. Êsse conselho o velho pilérico mandou, ao completar 93 anos de idade, lá de sua residência de Ayot Saint Lawrence, subúrbio de Londres, para a imprensa da capital inglêsa. Para justificar seu ponto de vista, disse Shaw: "Se encontrarmos um tigre faminto em liberdade ou uma cobra no jardim não devemos puní-los, e sim matá-los, se não quisermos que êles nos matem. Pulgas, piolhos, gafanhotos, mosquitos e coelhos selvagens da Austrália devem ser exterminados e não punidos. Precisamente a mesma necessidade se levanta no caso de sêres humanos horrivelmente perigosos ou nocivos, sãos de espírito ou dementes, idiotas desesperados e soldados inimigos. O método mais suave até agora conhecido é o de deixar os criminosos irem para a cama e dormir como de costume e depois ligar-se a torneira de gás, a fim de impedir que êles jamais acordem. Os soldados inimigos devemos matá-los como pudermos". A teoria de Bernard Shaw se parece com aquela de certo governador de um Estado do Nordeste brasileiro. Êsse homem não tolerava o ladrão profissional e o cangaceiro que recebe dinheiro para friamente executar a sentença de morte decretada pelo seu pagador. Certa vez, um criminoso lá dos sertões do Espinhara foi agarrado pela polícia. Um advogado pretendeu impetrar habeas-corpus em favor do cangaceiro; mas o governador tirou a idéia do causídico com estas palavras: "Olhe, doutor, deixe a coisa como está. Êsse homem se sôlto, é capaz de receber amanhã dez mil réis para tirar também a sua vida..." Shaw não é original...

★

ÁGUA PELA BARBA

O regime democrático é ainda o melhor de todos; mas, de quando em quando surgem episódios que dão o que pensar. Veja-se, para exemplo, o que acaba de ocorrer no vizinho município de São João de Meriti, Estado do Rio. O prefeito José dos Santos Manhães, convocou, de acôrdo com a lei, uma sessão extraordinária da Câmara Municipal, a fim de tomar conhecimento de várias medidas do interêsse do povo da localidade, figurando entre os assuntos, um contrato com a Prefeitura do Distrito Federal para o serviço de abastecimento dágua. A maioria da Câmara, porém, nega-se a dar número, surgindo um impasse, pois, embora tenha maioria no legislativo, as fôrças que apoiam o prefeito não conseguem obter do presidente da Mesa a convocação dos suplentes de dois vereadores. O ato da oposição representa verdadeira sabotagem, pelo que o chefe do executivo municipal resolveu esclarecer o povo de todos os distritos do município, acêrca dos acontecimentos. Para isso promoveu na semana passada vários comícios populares, dando contas à população de São João de Meriti, dos embaraços que está tendo para resolver o problema da água à cidade. Não satisfeito com êsse programa democrático, o prefeito Manhães ainda foi mais longe: convoca o povo para comparecer em massa à sede da Câmara Municipal, a fim de obrigar os senhores vereadores faltosos a darem as caras naquela casa legislativa, de modo que todo mundo possa constatar a atitude condenável de alguns representantes dêsse mesmo povo. Aí está um caso municipal que reflete o que se dá ou já deu e se dará nos legislativos mais graúdos E' uma contingência da democracia. Mas, por outro lado, nos trás o confôrto de sabermos quem está cumprindo o dever. O prefeito Manhães está com água pela barba e quer ver tudo muito claro.

★

TRABALHO AOS MENORES

O dr. Acayaba de Toledo, Juiz de Menores Substituto da cidade de Campinas, recomendou rigoroso cumprimento da portaria que proibe a venda e a compra por menores, de publicações consideradas perniciosas à infância. Na sua ação em prol da educação dos menores daquela cidade, ainda determinou o Juiz que fôsse terminantemente proibida a entrada de menores nas salas de cinemas, mesmo quando acompanhados de seus pais ou responsáveis, quando os respectivos filmes trouxessem a indicação da advertência, "impróprios para menores". Tudo está muito bem. Uma providência, entretanto, vai o mesmo juiz tomar que nos parece injusta e perigosa: proibição que menores trabalhem avulsamente com suas caixas de engraxate. Será isto muito justo se o juiz encontrar antes para êsses pobres meninos, um emprêgo melhor e mais bem remunerado, ou os internar em educandários onde tenham teto, mesa, cama e educação. Tirar de suas mãos o meio de vida honesto de que usam, e, talvez, concorrendo para ajudar os pais pobres, é uma desumanidade. O trabalho de menores engraxates é geral por todo o país. Desde o Rio aos mais longínquos logarejos há meninos engraxadores de nossas botas. Aqui êles recebem dois cruzeiros; em Poços de Caldas, 1 e meio, em Tacaratu, um cruzeiro O viajante, o cidadão que vai à missa ou o convidado à festença do casamento da filha do coronel, muito apreciam a existência dêsses proletários volantes e de menor idade. Num país que dispusesse de boa aparelhagem de proteção à infância, estariam êles amparados pelo Estado, a cursar escolas profissionais, colégios, etc. Mas... que fazer! Êles contam apenas com o amparo de suas toscas caixinhas de madeira e suas latas de graxa, trabalhando honestamente. Não aumente o Juiz Acayaba infelicidade dessa gente.

ANO XLVIII **REVISTA DA SEMANA** N.º 37 ★ 10-9-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr$ 270,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

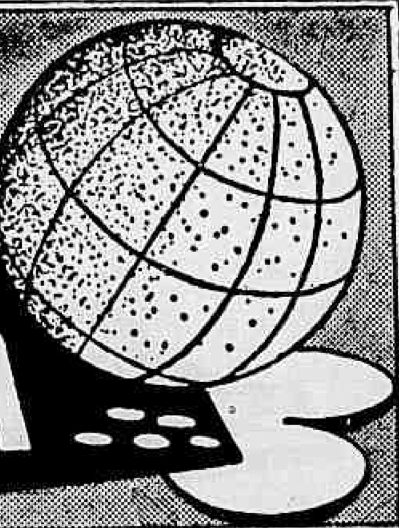
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O MUNDO MARCHA



Luta o govêrno da Bolívia para reconquistar Cochabamba, em poder dos rebeldes. ★ Levantam-se os mineiros de Catavi, na Bolívia. ★ Adere à revolução boliviana a guarnição de Camari. ★ Declara John Abbink, na conferência sôbre recursos naturais da ONU, que o Brasil será uma das mais prósperas nações do mundo. ★ Guerrilheiros comunistas põem em perigo a retaguarda de Cantão. ★ Gottwald, presidente da República Tchecoslovaca, acusa e ameaça os dirigentes católicos daquele país. ★ Renunciaram dois ministros chilenos. ★ Baixam os títulos britânicos. ★ Pede a Iugoslávia um empréstimo americano de 25 milhões de dólares. ★ Discursa Truman em Filadélfia e alerta a nação sôbre os iminentes perigos de crise financeira sôbre todo o mundo. ★ Espera-se para dentro de dois meses a queda de Tito em face das manobras políticas soviéticas nos Balcans. ★ O governador de Nova York, Dewey, manda investigar os autores do motim anti-comunista contra o cantor negro Paul Robeson. ★ Aprovado no legislativo carioca o projeto que manda construir seis teatros populares. ★ La Paz é bombardeada pela aviação rebelde da Bolívia. ★ Descobre-se um complot anti-comunista na Tchecoslováquia. ★ Cresce de intensidade a ameaça comunista sôbre Cantão. ★ Tanques russos nas fronteiras da Iugoslávia. ★ Volta o rádio soviético a atacar o marechal Tito. ★ Aumentam as críticas norte-americanas à Inglaterra, revidando esta por sua imprensa de forma violenta. ★ Espera a Inglaterra receber mais 112 milhões de dólares do Plano Marshall. ★ E' homenageado na Argentina o ministro da Agricultura do Brasil. ★ Advertência na Câmara dos Vereadores do Rio contra a rearticulação integralista. ★ Sérias críticas na Câmara dos Deputados ao Partido de Representação Popular. ★ Decidida a Inglaterra a defender Hong-Kong de qualquer ataque comunista. ★ Tropas legais bolivianas ocupam Cochabamba. ★ Fôrças revolucionárias ocupam Sucre. ★ Grandes importadores brasileiros obtêm dos Estados Unidos créditos a prazo curto. ★ Paralisada a vida em Tóquio em virtude de violento tufão. ★ Aumenta a pressão soviética contra a Iugoslávia.4 ★ Seguem para os Estados Unidos os srs. Bevin e Cripps. ★ A imprensa do mundo inteiro registra com largos comentários o décimo aniversário da irrupção da segunda Grande Guerra. ★ Fecha a Tchecoslováquia sua fronteira com a Austria. ★ Desce em Nova York a cotação do café. ★ Grande onda de boatos invade os países europeus a respeito de manobras de tropas russas nas fronteiras iugoslava. ★ E' recebido no Senado Federal o visconde Jowitt, presidente da Câmara dos Lords, da Inglaterra. ★ Novos protestos na Câmara Municipal do Rio contra a articulação integralista. ★ Queixas dos deslocados de guerra no Paraná contra a dificuldade de adaptação e ausência de trabalho. ★ Tito desafia abertamente as ameaças russas. ★ Discursa Mac Arthur em Tóquio sôbre a situação japonêsa depois da derrota. ★ Diminui de intensidade a guerra fria entre a Rússia e os Estados Unidos. ★ Cem mil pessoas trabalham no Japão contra os efeitos do ciclone. ★ Avançam os comunistas em direção de Chen-Sien. ★ Sublevam-se as tropas bolivianas do Chaco. ★ Grande desastre de trens na Central do Brasil com muitas mortes e dezenas de feridos. ★ Instala-se no Automóvel Clube do Brasil com solenidade a comissão nacional do Ano Santo. ★ Declara o ministro da Fazenda do Brasil que é alarmante a situação financeira do país. Anunciam de Bucarest que está operando na Iugoslávia a quinta-coluna comunista com o fim de derrubar o govêrno de Tito. ★ Avançam guerrilheiros comunistas para o cêrco de Cantão. ★ E' condenado à morte um padre polonês por conspiração contra a segurança do Estado. ★ Veteranos da guerra e anti-comunistas declaram nos Estados Unidos que impedirão o concêrto de Paul Robeson. ★ Inaugura-se na capital do México o Congresso Continental da Paz. ★ Acusa o Departamento de Estado norte-americano, a Rússia sôbre pontos do tratado de paz com a Austria. ★ Cresce o comércio do Brasil com a Inglaterra. ★ E' declarado o "deficit" do Tesouro americano nos dois meses do presente ano fiscal em mais de dois biliões e quinhentos milhões de dólares. ★ Reconquistam as fôrças legais da Bolívia 4 localidades que estavam em poder dos revoltosos. ★ E' abolido em tôda a Dinamarca o racionamento do chá, do cacau e do sabão. ★ Grã-Bretanha, Estados Unidos e Canadá estão dando retoques para a solução da crise econômico-financeira da Inglaterra. ★ E' rejeitada pelo Senado a aprovação de um tratado comercial com a Tchecoslováquia. ★ Inicia-se na Câmara dos Deputados a discussão final do projeto da nova Lei de Segurança para o Brasil. ★ Resolveu o Conselho de Segurança Nacional a instalação em Santos da grande refinaria de petróleo do govêrno federal. ★ Alta na cotação do cacau brasileiro em Nova York. ★ São presos em Havana vários estudantes acusados de conspiração. ★ Aumenta o governador do Rio Grande do Sul os vencimentos da Brigada Policial. ★ E' fundada em Vitória, Espírito Santo, a Academia Feminina de Letras. ★ Aproxima-se a batalha pela posse da cidade de Sucre, na Bolívia, entre rebeldes e fôrças legais. ★ O Brasil e a Argentina fecham suas representações diplomáticas na China. ★ O Papa Pio XII apelou para os católicos da Polônia no sentido de reconquistarem a liberdade religiosa naquele país. ★ Ordena o governador do Estado de Nova York, Thomas Dewey, a máxima garantia para o concêrto do cantor comunista negro Paul Robeson. ★ Ordena o vice-presidente Li Tsung-Jen a prisão de Mau-Tse-Tung, líder comunista que dirige a guerra civil na China contra o govêrno de Chiang-Kai-Chek. ★ Grassa varíola em Buenos Aires. ★ Estuda o Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos um empréstimo de 40 milhões de dólares para o Estado de Minas Gerais. ★ Explode na Rússia um grande meteorito. ★ Regressa ao Rio o ministro da Agricultura do Brasil. ★ Joe C. de Bona bate todos os recordes de corrida aérea em disputa do Troféu Dendix. ★ Encerra-se em Petrópolis o Seminário de Alfabetização. ★ E' completada a Diretoria da Associação Brasileira de Escritores. ★ Recordes de quantidade e valor na exportação do café. ★ Fecha suas usinas de ligas de aço a "Republic Steel", em Ohio, deixando sem trabalho milhares de operários. ★ Conferenciam em Belo Horizonte políticos mineiros com o governador Milton Campos. ★ São presos em Petrópolis vários membros do extinto Partido Comunista. ★ Rebela-se contra Chiang-Kai-Chek a guarnição militar de Yuan. ★ Nega a Índia que deseje anexar o Thibet. ★ Paul Robeson, cantor negro dos Estados Unidos, realizou o seu concêrto garantido pela polícia, sendo ouvido por dez mil pessoas. ★ Desafia o cardeal Beran o govêrno da Tchecoslováquia. ★ Continua a Rússia a fazer pressão contra Tito. ★ Pavoroso incêndio em Ching-King, na China, destrói mais de oito mil casas. ★ Severos golpes das tropas do govêrno boliviano contra os revoltosos. ★ Movimenta-se a campanha a favor da conservação de Ouro Preto.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Êstes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA.**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

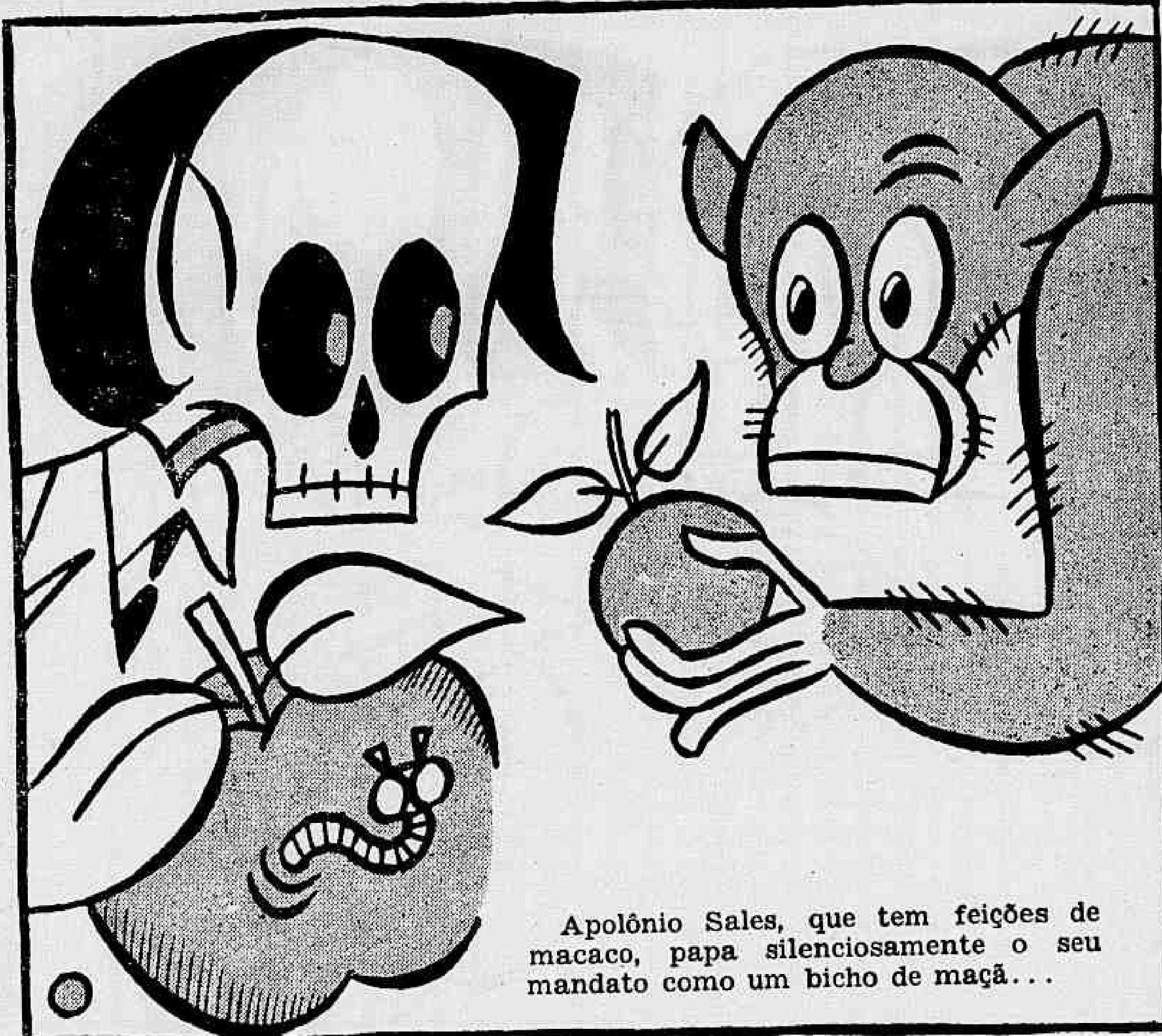
HOMENS E BICHOS...



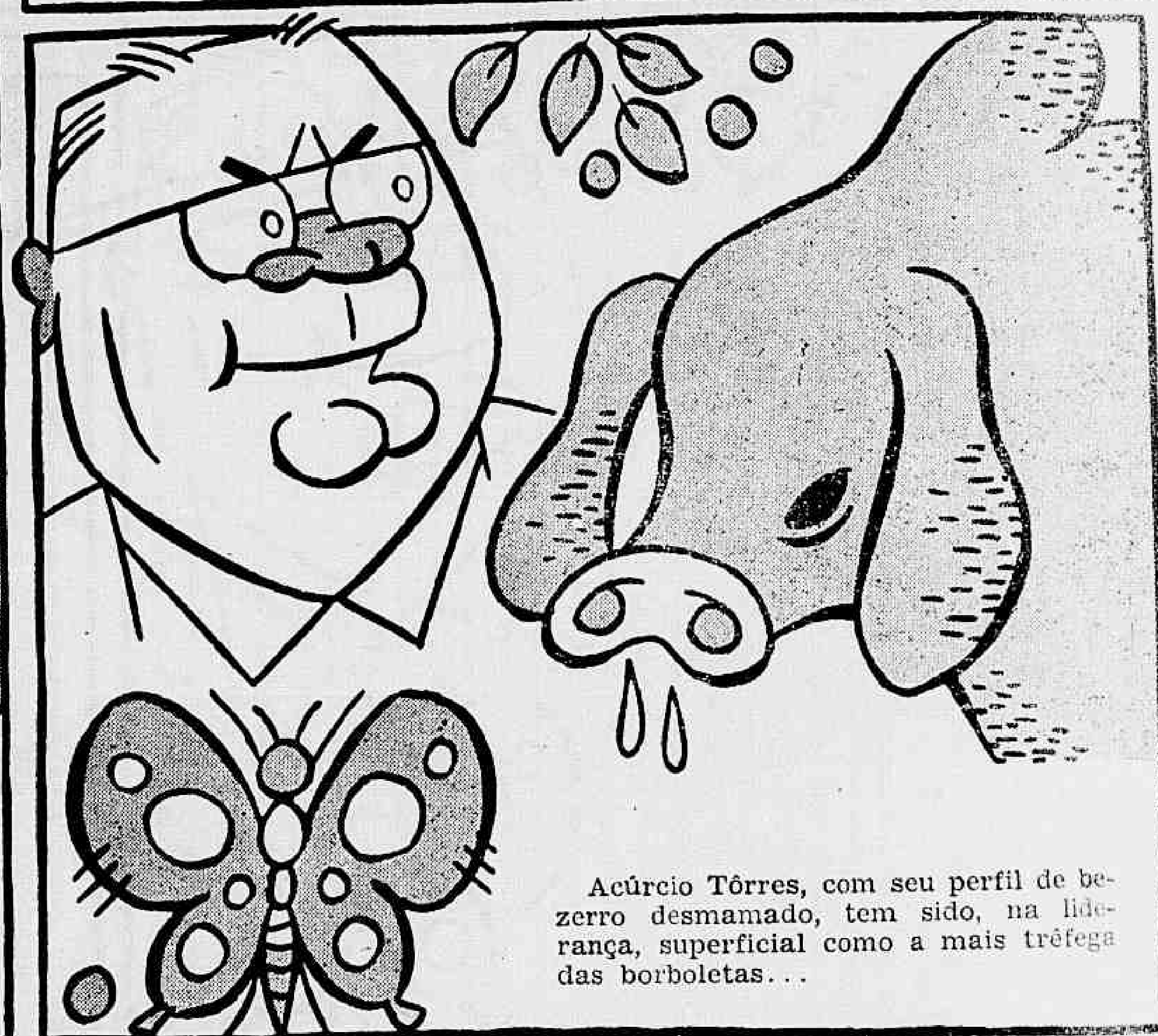
Os homens se parecem com os bichos, mas às vêzes as aparências enganam. Amaral Peixoto, com seu corpo de baleia, está firme na política como uma lagartixa à parede...



Samuel Duarte, que sempre foi um "carneiro" disciplinado do rebanho, passou pela presidência da Câmara resguardado como um peixe colorido de aquário...



Apolônio Sales, que tem feições de macaco, papa silenciosamente o seu mandato como um bicho de maçã...



Acúrcio Tôrres, com seu perfil de bezerro desmamado, tem sido, na liderança, superficial como a mais trêfega das borboletas...



Prado Kelly, com sua figura de grou pensador, tem se mostrado no trapézio alto mais cuidadoso e previdente que um pelicano...



Walter Jobim, com seu todo de urso branco, é sagaz, ligeirinho, como o mais esperto dos coelhos...

BERNARD SHAW
VISTO POR UM HOMEM DE TEATRO



O famoso dramaturgo e humorista inglês admirado com sua cara num busto da autoria de Clare Winsten

HÁ pouco tempo, o administrador do "Theatre Guild", Mr. Lawrence Langner, em companhia de sua colega de direção do mesmo teatro, Theresa Helburn, esteve em excursões pela Europa, tendo oportunidade de ir a Londres.

Como não podia deixar de ser, Mr. Langner convidou Theresa Helburn para fazerem juntos uma visita ao velho Shaw, nome dos mais discutidos dos mais admirados e dos mais combatidos dêste pobre mundo.

Informaram que para ir até a residência do humorista era preciso dispor de um roteiro, pois que sua casa ficava além dos dos subúrbios de Londres. Vamos ver como procederam os visitantes americanos, num relato feito pelo próprio Mr. Langner:

"Quando eu e Theresa nos sentamos no carro e começamos a marcha através de estradas batidas pela ventania alcançando os afastados subúrbios de Londres até atingirmos a Great North Road, íamos estudando as indicações que nos orientavam na direção, escritas pelo próprio Shaw, pelas quais êle nos mostrava como chegar à sua casa em Ayot St. Lawrence.

Só mesmo um dramaturgo poderia escrever aquilo, bem como só mesmo um administrador de teatro sentir-se-ia animado a seguir as instruções. Vielas estreitas, irregulares, em local acidentado, cheias de neve, pareciam intermináveis. Íamos rodando. Lá no tôpo de uma elevação tivemos que seguir até que o caminho nos deixou em plena Ayot St. Lawrence. Continuamos através das ruas e passamos por uma igreja em ruínas. Por fim, surge a casa de Bernard Show num dos ângulos da estrada que ali se divide em duas.

Nosso chofer não se mostrou surpreendido com as nossas dificuldades para romper a neve. Quando chegamos diante do portão da casa do velho dramaturgo esperávamos ver face a face as ruínas de um escritor, ou um escritor em ruínas.

Nesse instante comecei a lembrar-me da primeira vez que vi o grande dramaturgo. Tinha eu então quinze anos e o fato se passou em Elizabethan, povoado de Ayot St. Lawrence. Um amigo me havia oferecido uma entrada para ouvir Shaw na palestra intitulada "The Position of the Artist Under Socialism", que teria lugar na "Fabian Society", em Londres. Shaw, alto, magro, magistral, entusiasta, vigoroso, com as suas barbas avermelhadas e tôda a sua personalidade, produziu profunda impressão em mim. A posição de um ator autor ou artista em face do socialismo seria a de um capitalista milionário. E concluiu: "Minha renda como dramaturgo seria enorme!". A idéia proporcionou uma exclamação de certa pessoa lá no auditório: "E isso lhe satisfaria maravilhosamente!".

Bem. Estamos na Inglaterra novamente e, se êste país não está propriamente sob o socialismo, pelo menos o socialismo vai em seu caminho e Bernard Shaw gozando de rendimentos de capitalista milionário. E' interessante verificar o que aconteceu ao escritor.

Recordo-me muito bem da primeira vez que falei com Bernard Shaw. Foi no inverno de 1921, na época em que o "Theatre Guild" estava levando "Heartbreak House" em Nova York. Fui incumbido de obter de Shaw um contrato para levar as restantes peças suas. Lembro-me de que me assustei um pouco com essa idéia de falar-lhe, temores êstes que iam aumentando à proporção que eu ia subindo as escadas de seu apartamento em Adelphi Terrace, 10.

Depois de entrar no seu escritório, um confortável salão georgiano todo cheio de esculturas e fotografias, bustos de Shaw, etc., esperei alguns minutos pelo **gênio**, como lhe chama Mrs. Shaw, e então êle apareceu. Àquele tempo tinha êle seus 65, magro ereto, parecendo uma espécie de Papai Noel. Tinha as barbas encanecidas, falava com desembaraço e seus olhos brilhavam. E me atirou esta: "Vocês não precisam de contrato para representar "Back to Mathuselah". Não é provável que um outro lunático se meta a levá-lo à cena".

Ao passar pela igreja em ruínas, fiz a mim mesmo esta indagação: "Como estaria agora aquêle Bernard Shaw de vinte e tantos anos passados?".

Entramos sem dificuldades e fomos levados a uma sala decorada com muita coisa de arte e "bric-a-brac". A um canto o fogo aquecia o ambiente confortável, com suas cadeiras fôfas e cômodas. Sentei-me diante da chaminé, sendo imitado por Theresa. Já não era êle o mesmo de 1921. Parecia uma espécie de filósofo chinês esculpido em marfim.

— Como está passando o senhor? — perguntei-lhe logo que apareceu.

— Minhas pernas teimam em puxar-me para baixo; contudo sinto-me perfeitamente bem.

Sentou-se comodamente numa grande cadeira de braços ao lado da lareira. Shaw começou a tratar sôbre o tempo na Inglaterra. Theresa contou então que fôra a Edinburgo com a companhia de Behrman para representar "Jane", e que ficara apavorada com o frio. O velho famoso teve então oportunidade para aconselhar uma visita a Orkneys, mais ao norte, onde, segundo garantiu, havia um clima deliciosamente sub-tropical devido a influências do "Gulf Stream". Então Theresa lhe perguntou:

— Que está fazendo atualmente?

— Tenho estado muito ocupado. Escrevo uma nova peça para o "Malvern Festival". Acho, porém, que muita coisa já eu incluí em obras minhas anteriores. Como sabe na idade de noventa anos não é muito fácil criar coisas novas.

Perguntei então a Shaw que achava êle do Teatro na Inglaterra socialista. E êle respondeu imediatamente:

— Valha-me Deus! Não temos socialismo neste país. Simplesmente "trade-unionismo". E muitas dessas uniões operárias não sabem o que venha a ser socialismo. Em muitos pontos são superiores ao que vocês têm na América. A média da mentalidade americana é ainda a do ferrador do povoado. Sabem vocês o que há no próprio país, mas ignoram o que se passa fora. Na minha opinião é Henry allace o único homem nos Estados Unidos que está a par do que vai pelo mundo e compreende os assuntos mundiais.

Falei-lhe sôbre minha boa impressão de James Byrnes. Shaw me contestou. A conversa descambou para o teatro e Theresa aludiu à recente produção de Eugene O'Neill, "The Iceman Cometh", ao que Shaw perguntou:

— Que espécie de gente é êsse O'Neill?

Expliquei que se tratava de um pessimista descrente do futuro do mundo. Bernard Shaw fêz "blague" e nos pediu que disséssemos ao autor que não se preocupasse com o futuro do mundo. Falou sôbre a bomba atômica e declarou que os Estados Unidos deviam parar com isso, da mesma forma por que já as nações haviam condenado o emprêgo dos gases asfixiantes como arma de guerra. Nesse instante a empregada entra com uma bandeja de chá e bolinhos diversos. Theresa enche uma xícara e oferece a Shaw. Mas a doméstica intervem:

— Não. Mr. Shaw não toma chá. Para êle é isto aqui.

(Cont na pág. 31)



Bernard Shaw aos noventa anos parece um filósofo chinês esculpido em marfim



Bernard Shaw ao lado do cineasta Gabriel Pascal, que tem levado ao cinema algumas de suas obras

Viver com AMOR

Conclusão do capítulo XI

Clive continuava a assediá-la esperando convencer a desquitada de que devia aceitar sua proposta.

— Ninguém pode fugir a uma dedicação verdadeira, Carol.

— Você diz muito bem. Eu o aprovo perfeitamente.

O trem se aproximava e ela não havia dado nenhuma esperança. Clive, teria, pois, que regressar a Nova York.

— Ei-lo que chega, disse êle esboçando um sorriso e se levantando.

Ao transporem a entrada para a gare, Clive procurou desculpar-se:

— E somente agora me recordo de que não fomos jantar. Queira desculpar-me. Você deve estar faminta, não?

— Não... nem tanto. Até esqueci isso.

— Posso beijá-la?

Antes que ela lhe desse qualquer resposta, êle a beijou rapidamente nos lábios e procurou o carro sem olhar para trás.

Ficando a sós, Carol pensou consigo mesma:

— E lá se foi Clive. Não o verei mais, pois que não aceitei as suas condições. Por sua vez êle também não virá ver-me outra vez, a menos que eu provoque essa visita.

Desejaria ela que êle voltasse? Carol poderia responder veemente: "Não!". Mas, seria possível manter esta mesma disposição de ânimo sempre? Ela bem sabia que êsses pensamentos ou propósitos no espírito de uma divorciada não podem ser mantidos sempre.

Ao fazer a si mesma estas considerações íntimas, voltavam aos seus ouvidos, com a maior clareza, aquelas palavras que ouvira de Clive, a bordo, e que continuavam a ecoar em seu espírito: "Carol você tem vivido com amor. Pensa agora, que poderá viver sem amor?"

No dia seguinte foi ela visitar Freda. Estava a amiga a tricotar um sueter para o filho, quando Carol chegou. Freda muito queria à divorciada e a recebeu com a maior alegria. Sentadas uma ao lado da outra em confortáveis cadeiras no mimoso jardim da casa do casal Ian, Carol contou à confidente tudo o que ocorrera na tarde anterior entre ela e Clive.

— E você desdenhou dessa amizade, querida?

— Penso que foi êle quem procurou desdenhar de mim, como já eu sentira que o próprio Bill tivera a intenção de humilhar-me naquela noite do clube.

— Penso que Clive é um sujeito correto, Carol. — E continuou num tom de moderação filosófica: uma mulher que nunca se casou, e, consequentemente, jamais conviveu com um homem, está mais inclinada a aceitar uma ligação por amor, do que aquela que já esteve antes ao lado de um homem. Isto se assemelha ao processo de estancar o fluxo de uma artéria. E você, minha cara amiga, jamais poderá viver sem amor. E' inútil procurar escapar a essa fatalidade. Uma vida sem afetos é uma infelicidade, tanto para o homem como para a mulher. Seria o mesmo que uma árvore sem raízes, sem fundamentos, desprovida dos meios de conseguir seiva. Veja que, por mais ocupados e fatigados que estejam os homens de negócios, nunca estão assim tão ocupados que deixem de olhar para um rosto feminino bonito. E, quanto às donas de casa também muito ocupadas... estas vão ao cinema.

Quando Freda terminou a tirada filosófica, sua amiga concluiu:

— E as divorciadas como esta sua amiga vão a cruzeiros turísticos e se encontram com certos homens como Clive...

— O que não deixou de ser atraente para você, não é mesmo?

Carol fitou-a com certa curiosidade. Em seguida, em tom amigável prosseguiu:

— Você fala como se já o conhecesse tanto como eu e houvesse sentido as mãos dele afagando as suas, vertendo em seu ânimo gotas de sua grande vitalidade.

Mudando de acentuação, Carol se ergueu e, indo afagar a cabeça de Freda, disse-lhe: — Quando somos mais jovens, temos do amor uma sensação diferente, uma errada atração para o amor. Somente depois é que sentimos o verdadeiro amor por um homem, quando vemos nele o objeto de nossas sensações, com os estímulos para uma vida ideal e feliz. Talvez tenha sido êste o sentimento que me ligou a Bill, formado de estímulos e de atração. E mesmo quando o casamento baixa de intensidade, sempre nos surgem outros motivos ainda mais agradáveis.

Freda levantou a cabeça para ver bem a fisionomia de Carol. Depois lhe falou:

— E' êste um fenômeno que as pessoas não casadas não compreendem. Clive, que nunca foi casado, não pode compreender nada disso. E' dos que somente querem do casamento a florescência.

Depois, olhando para o seu tricô perguntou a Carol:

— Você vai à festa com Lillian, Browne e Scott?

— Vou.

— Gosto muito de Scott e precisava manter-me calada; mas...

Freda fitou mais uma vez a amiga, fixando-lhe os seus belos olhos azuis: — Mas... eu desejaria saber, ou melhor, interessa-me saber se você também se interessava conhecer as intenções de Scott com a mesma clareza com que já conhece as de Clive. Mas... é melhor conservar-me caladinha.

Carol sorriu.

— Por que deseja isso?

— Porque a uma pessoa que está colocada em boa posição é possível ver as coisas ambientes de melhor ângulo, distinguindo bem o que está certo e o que está errado, com os caminhos levando a precipícios. Posso estar errada em relação a Scott. Gosto muito dele; mas... ora bolas! Porque estou eu agora a me meter em tais histórias! Bem... vou falar-lhe com clareza. Tem observado que, sempre que nós quatro, eu, você, Ian e Scott estamos em lugares fazendo despesas, sempre cabe a Ian pagar as contas? Sempre que sucede a vez de Scott pagar, êle não se acha presente. Sei que você jamais prestou atenção a isso, e estou certa de que Ian julga que eu também nada notei a êsse respeito. Não quero falar sôbre dinheiro, você sabe muito bem. Mas, o fato é que, se Scott procura fugir de pequeninos compromissos como êsses, com muito mais gravidade êle procurará evitar obrigações maiores.

— Mas... Bill também fazia isso.

— Nunca. Sempre que estávamos juntos, eu, você, Ian e Bill, quando Ian pagava as despesas, logo depois, fora da mesa, Bill fazia questão de pagar sua parte com você, e, muitas vêzes chegavam até a altercar. Oh! Carol. Perdoe-me estas coisas, mas se o faço é para seu bem. Scott pode tornar-se pesado a você!

Muito lhe agradeço, Freda, tudo o que me acaba de dizer.

— Agora ouça isto: êle está terrivelmente apaixonado por você!

Carol, embora não se surpreendesse muito, não chegara a perceber, uma vez que Scott jamais indicou essa paixão, fôsse por palavras, ôsse por procedimentos ou atitudes. A amizade que sempre houve entre os dois continuava o mesmo ritmo como se ainda estivesse ela casada e vivendo com Bill. Carol já havia ido a cinemas e a concêrtos com Scott; jogava com êle, Freda e Ian, partidas de bridge e, por vêzes, jantavam juntos. Só havia estado a sós com Scott, nos instantes em que êle a conduzia de carro até ao seu apartamento.

A conversa entre os dois sempre era sôbre assuntos sem maior importância. Quando não tinham o que falar, sempre sucedia longo silêncio entre êles. Com certeza êle não desejava divulgar seus planos e pensamentos íntimos. Contudo, Carol estava certa de que tais pensamentos e planos existiam. Por detrás daqueles olhos negros e profundos palpitavam desejos a seu respeito.

Capítulo XII

PENSANDO EM CASAMENTO

Freda, depois que falou a Carol acêrca de Scott, começou a raciocinar:

— Afinal de contas, embora nada tenha com o caso, devo, porém, alertar Carol, pois é minha amiga. Não devo desaconselhá-la a que se case com Scott apenas por julgar isso inconveniente. Nada tenho contra êle; mas, estou certa de que êle não seria um bom espôso para Carol. Parece-me que seria um espôso inadequado. Scott parece disposto a esperar calmamente pelo momento asado. Aí então dará seu golpe.

Depois de assim pensar, voltou a falar com a amiga:

— Sinto muito, Carol. Creio que êsse assunto é por demais delicado e triste. E' melhor esquecê-lo. Contudo, é certo que você não poderá riscá-lo do seu espírito. Conheço sua memória. E' igual à de um elefante! Diga-me, pois, mais alguma coisa a respeito de Clive.

Carol, antes de satisfazer a amiga, sorriu gostosamente, quase com escândalo.

Freda prosseguiu:

— Sou uma dona de casa que jamais encontrou na vida um homem como êsse Clive, e que, provàvelmente nunca encontrará. Entretanto eu muito gostaria de vê-lo um dia com você. Afigura-se-me como o tipo ideal como resposta aos sonhos de tôdas as jovens solteiras, todo cheio de pôse e arrogância. Mas de uma coisa estou certa. E' um homem que denota muito bom gôsto acêrca de escolha de mulher. Não seja boba, Carol. Se êle estivesse louco por você, não interromperia sua viagem para Nova York apenas para vê-la. Creio que voltará e a causa não está perdida, como você pensa pela resposta negativa que lhe deu. Sou até capaz de fazer uma aposta com você. Houve entre os dois um desafio. Mas não é o fim. O caso nem mesmo chegou a começar...

Reclinando a cabeça no espaldar da cadeira, Freda sorriu com graça e disse:

— Que coisa engraçada. Estivemos a conversar sôbre os homens, amôres e casamentos. E' justamente a êste respeito que as mulheres conversam sempre que se juntam. Farão o mesmo os homens? Você seria capaz de apostar sua vida em como êles não fazem isso. Ian me disse uma vez que êle muito gostaria de ficar invisível num meio de mulheres somente para saber o que elas tanto falam. Eu então lhe respondi que, se êle pudesse ouvir tais conversas saberia que, o que mais temem as mulheres é o perder aquilo que elas já possuem. As mulheres têm muito mais coisas a perder do que os homens. E é por isso

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença ali de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à etação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal.

ROMANCE DE **MARGARET G. NICHOLS** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**

mesmo que ficamos em situação de dar pena.

— Bill nada perdeu — acrescentou Carol.

— Claro. E' êste um exemplo. Na verdade, não perdeu o emprêgo, nem seus amigos, nem a posição que desfrutava e desfruta na sociedade, ao contrário do que sucedeu com você. Entretanto, êle perdeu uma fôrça motriz, Carol. Você, Carol, você muito o ajudou, e nunca deixou que êle o reconhecesse. Muitas vêzes vi que você o tirava de certas dificuldades, dando-lhe o caminho certo, justamente quando êle não sabia como fazer. Vi certa ocasião que você lhe preparava um relatório e, uma semana depois, também vi Bill dizer que aquilo era obra dele. Você pensa que, tanto eu como Ian tínhamos dificuldade de escolher entre vocês dois? O voto de Ian seria a seu favor. O meu também. Ian sabe, como sucede com tôda gente, que Bill permaneceria como obscuro profissional se não fôsse sua ajuda, suas luzes, sua colaboração. Nada do que aconteceu modificou a opinião do povo e dos que a conhecem acêrca dos seus méritos. Você continua a mesma.

— Não, Freda... Decididamente eu perdi e êle tudo ganhou e nada perdeu. Possui hoje uma espôsa cuja mãe a apresentou na Côrte da Inglaterra.

— Mas perdeu uma parte substancial de todo o seu mecanismo de viver e cumprir seus deveres: — você. De você esteve êle dependendo durante sete anos. Não falo com sentimentalismos. Registro um fato incontestável. Bill perdeu grande parte de sua atividade mental. Talvez eu esteja errada. Tôdas estamos sujeitas a enganos. Mas gostaria que você recuperasse sua personalidade, voltando a abrir seu coração a alguém que a fizesse feliz...

Carol estava gostando muito daquela conversa. O ambiente convidava para tais confidências e Freda era uma pessoa de sincera afeição e absoluta confiança.

Depois de breve pausa aventurou Carol:

— E acha você que êsse alguém seria Clive?

Freda não respondeu de pronto. No espírito de Carol a pergunta também ficara dividida. Ela, no íntimo, desejava perguntar apenas isto: — Por que devia ser Clive e não Scott?

Mas Freda percebeu sem nada ouvir. Percebeu e sorriu.

— Eu não sei, nem quero dar palpite, Carol. Não posso dizer que êsse alguém venha a ser Clive. Mas, o que lhe garanto é que o assunto entre vocês não terminou. E continuo a dizer que farei uma aposta com você.

— Não, Freda. Nada de apostas. Agora, está na hora de ir chegando para minha casa.

— Bem, você recusa a aposta; mas não vai recusar ficar aqui para jantar conosco. Está proibida de ir para seu apartamento sem jantar aqui. Ian me tem perguntado porque diabo você não vem para jantar ou almoçar conosco. Já chegou mesmo a supor que você não vem pelo fato de achar, talvez, nossa cozinha com máus temperos, a comida sem graça... Êsse Ian, minha filha, Deus o abençõe e conserve. Eu o adoro, palavra!

Carol não podia dispensar tão amável convite. Era aquêle casal o ponto máximo de sua vida social em Clinton. Se lhe faltasse Freda, nem mesmo sabia o que seria de sua vida ali.

E ficou.

Continua



VIDA Literária

E. CATETE REIS

CASIMIRO

CASIMIRO DE ABREU, como tantos outros poetas, que, no século passado, deram destaque e fulgor às letras nacionais, vinha, de há muito, sendo esquecido na fluência maviosa dos seus cânticos, repassados de doçura e sentimento, sem que se encontrasse qualquer desculpa para êsse imperdoável olvido.

O escritor Nilo Bruzzi, que é um estudioso de nossa literatura e, particularmente, da vida e da obra do grande vate fluminense, publicou uma série de artigos nos suplementos dominicais do "Jornal do Comércio", dissecando, às minúcias, a personalidade de Casimiro.

Com isso revelou o articulista um desejo incontido de focalizar ângulos novos e desconhecidos do temperamento do cantor das "Primaveras".

Dêsse modo, entretanto, não entendeu o sr. Alberto Tôrres, que, também escritor e admirador incondicional do poeta, aproveitou a tribuna da Assembléia Legislativa do Estado do Rio, para contestar algumas afirmações do sr. Nilo Bruzzi, as quais, no seu entender, eram desairosas ou quase aviltantes à memória de Casimiro.

Não nos cabe aqui entrar no mérito dessa discussão e, por isso mesmo, estamos longe de participar da defesa de qualquer dos pontos de vista esposados pelos ilustres litigantes. Apenas encontramos, nessa tertúlia, que chegou, muitas vêzes, a ser acrimoniosa e contundente para ambas as partes, motivos para nos alegrarmos com a oportunidade, que se ofereceu para essa "ressurreição", do discutido poeta, que, combatido pelos inimigos do romantismo exagerado, não deixou de ser, pela musicalidade de seus versos, pelo sentimentalismo de seu estro, um intérprete bastante fiel da alma de nosso povo e que, como poucos, deu à nossa literatura um cunho acentuadamente nacionalista, chorando sim, é verdade, porém demonstrando um grande e extremado amor à sua terra.

"ROTEIRO", UM JORNAL DE LETRAS

Na cidade de Ubá, apareceu, há pouco, um novo jornal, de feição diferente dos até agora publicados nessa cidade.

"Roteiro", tal o nome dessa publicação, ocupa-se apenas de assuntos "que se relacionem intimamente com a literatura, as línguas, a poesia ou quaisquer outras manifestações do espírito, que ponham em relêvo sua cultura."

"Roteiro", que é editado sob a direção de Ulisses Campos, publica, em seu primeiro número, artigos de autoria de Renato Miranda, Ignez Martins, Manoel Reis Mendonça, David Abelha e outros.

★

FESTIVAL BUFFON

Durante a última semana os Serviços Diplomáticos e Consulares da Universidade de Georgetown, em Washington, levaram a efeito o "Festival Buffon", em comemoração ao bi-centenário da publicação do primeiro volume da "História Natural" do grande autor francês.

O dr. Joaquim de Siqueira Contino, professor de Geopolítica da mesma Universidade, presidiu às reuniões, a que diversos intelectuais prestaram o seu concurso. As primeiras palestras e conferências foram consagradas à influência de Buffon na França, na Europa e nas duas Américas.

★

GOETHE

Em comemoração ao segundo centenário do nascimento de Goethe as "Edições Melhoramentos" instituiram uma "Coleção Gotheana", formada pelos seguintes volumes: "Goethe", discurso de Albert Schweitzer; "Perfil de Goethe", de Pedro de Almeida Moura; "Clavigo", "Estela" e "Egmont", dramas de Goethe e "Goethe no Brasil", apanhado das atividades goetheanas entre nós, de autoria de Pedro de Almeida Moura e Carlos Fouquet.

★

NOVA TRADUÇÃO DA "DIVINA COMÉDIA"

Dante Milano trabalha atualmente na tradução de trechos da "Divina Comédia", que serão editados pela José Olimpio. Muito se espera dessa tradução, pois poucos poetas entre nós, talvez nenhum mesmo, tem a sua sensibilidade tão harmonizada com as antigas formas da poesia, tão natural dentro da métrica e da rima.

PARANÁ LITERÁRIO

O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura prossegue na expansão de suas atividades pelo interior do país.

Ainda agora foi inaugurada, em Curitiba, a Comissão estadual dêsse órgão cultural da O.N.U. em sessão especial presidida pelo professor José Loureiro Fernandes, representante da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras.

— Curitiba hospedou os escritores Érico Verissimo, Malba Tahan e Hamilcar Garcia, os quais tiveram oportunidade de receber várias homenagens, tendo, também, pronunciado palestras e conferências sôbre atualidades literárias.

★

MANUSCRITOS DE D'ANNUNZIO

Segundo publicou o jornal "O País", de Roma, um pequenino cofre, encerrando uma edição do "Noturno", de Gabriele d'Annunzio, anotado pelo autor, assim como uma coleção de medalhas e diversos manuscritos foi encontrado no túmulo da mãe do grande poeta, cujos despojos foram, há pouco, transferidos para um outro mausoléu.

★

MILENÁRIA EVOLUÇÃO DA VIDA ESPANHOLA

Sôbre o tema acima, o Professor Alvaro de las Casas pronunciou as seguintes conferências — "Roma em Espanha e Espanha em Roma. Classicismo e Cristianismo. Outra dimensão do Império"., "As invasões germanas. A nação se faz Estado. Os oito séculos noturnos que precedem a alvorada isabelina"; "Do grande Carlos ao pequeno Carlinhos. O drama dos Augsburgos. A canção cervantina" e "A era bourbônica. Luta da Espanha e da anti-Espanha. O renascimento de 1809. De Goya a Borrilla."

★

ATIVIDADES DO CLUBE DE POESIA

O Clube de Poesia, fundado há pouco em São Paulo, prossegue no seu Curso de Poética, tendo o escritor José Geraldo Vieira pronunciado uma conferência sôbre Rilke.

— O clube já editou, até agora, dois volumes da série "Cadernos de Poesia" — os "Poemas", do sr. Ciro Pimentel e o "Ângulo e Face", do sr. André Carneiro.

— Em homenagem à memória de seu associado Paulo Sérgio, há pouco falecido, o Clube de Poesia fará realizar uma solenidade especial.

★

NABUCO E RUY EM BELO HORIZONTE

Realizar-se-á, em Belo Horizonte, a partir da segunda quinzena dêste mês, uma série de solenidades em comemoração ao centenário de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa.

Do programa, organizado pelo Secretário da Educação, constará uma série de conferências a cargo de figuras da mais alta projeção nos círculos intelectuais do país.

★

DUMAS HISTORIADOR

Alexandre Dumas, pai, tinha uma maneira tôda especial de descrever a batalha de Waterloo. Os velhos soldados de 1815 ficavam pasmados com a imaginação de Dumas, que dispunha os corpos de exército, citava nomes, etc.

— Mas não é bem assim, senhor. Nós estivemos lá e tudo que acabais de contar nos é absolutamente estranho.

— Então é que não vistes nada! — respondia, imperturbável Dumas.

★

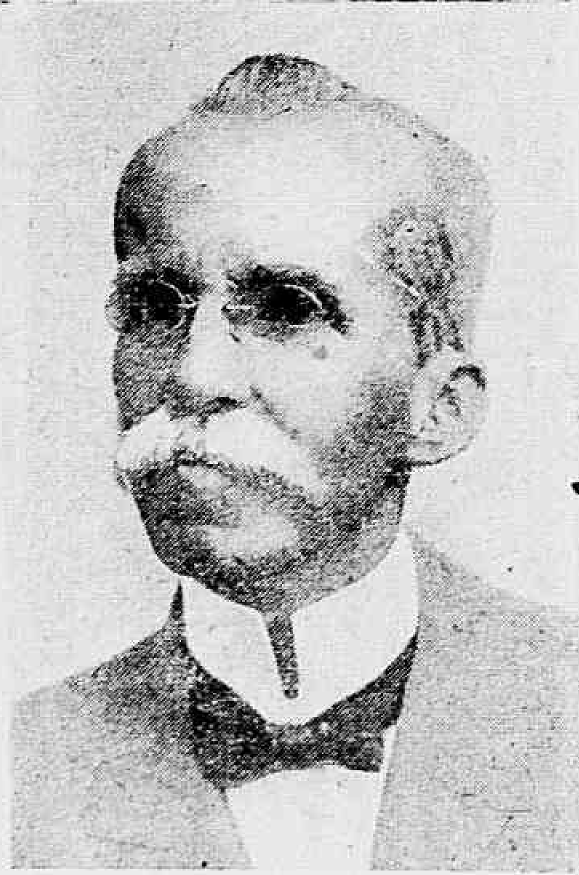
MICHELET E OS GATOS

Michelet e sua mulher adoravam os gatos. O grande historiador possuía algumas dezenas de bichanos e a mulher levava o seu amor aos gatos a ponto de querê-los em sua cama de dormir.

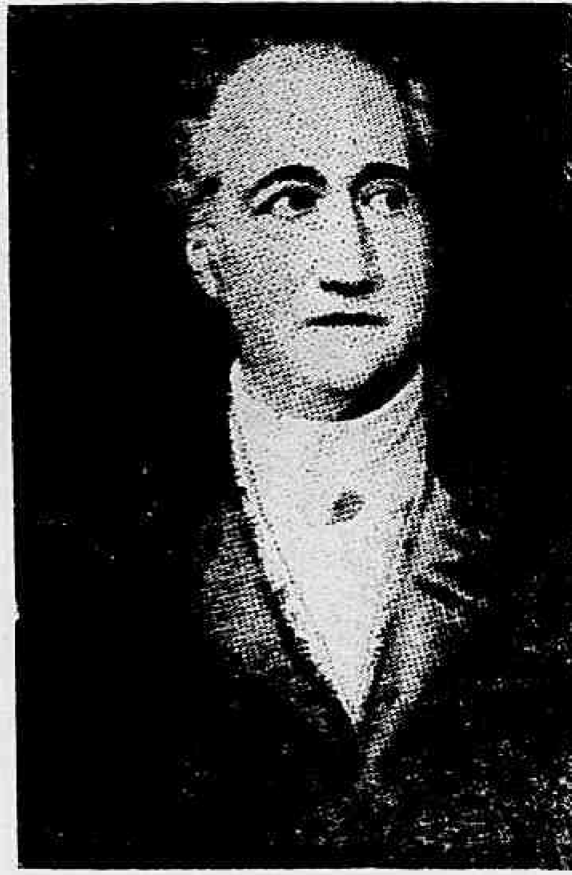
Um dia Michelet escreveu em seu diário: "Os gatos roubam ao meu filho as carícias de sua mãe".



DUMAS, Pai



RUY BARBOSA



GOETHE



D'ANNUNZIO









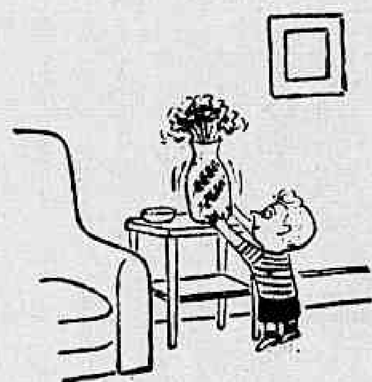
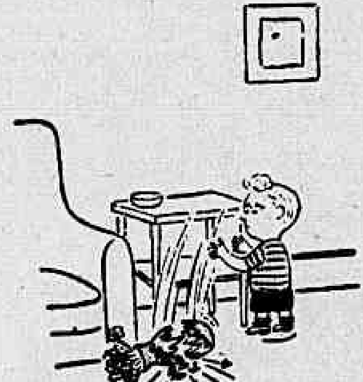
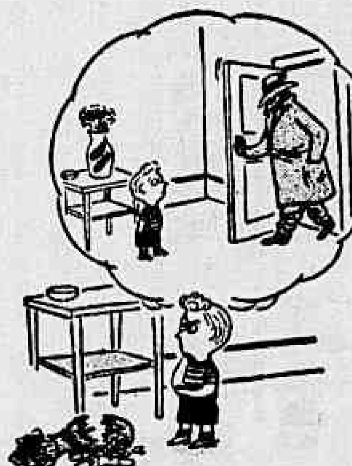




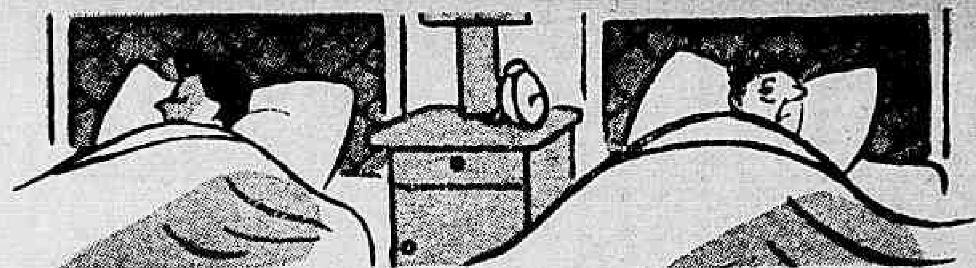




BOM HUMOR

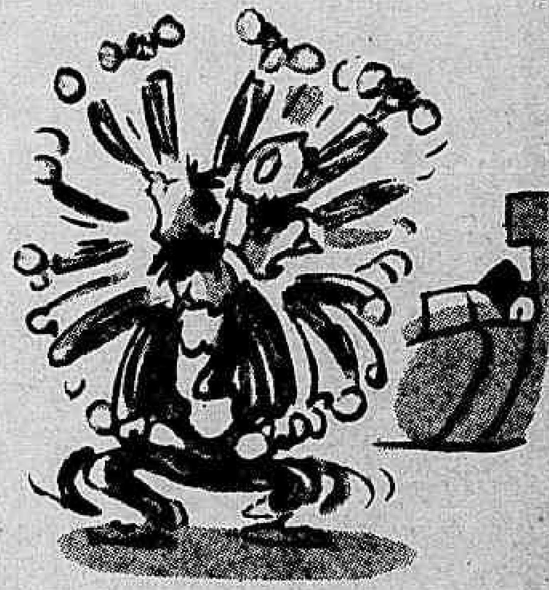








1


2


3


4


5


6




— Trouxe os jornais da tarde, querido?



— Claro que um empregado eficiente como você nos fará muita falta, Barnabé...



Dantesca visão noturna quando as chamas atacavam residências de guardas-florestais e as reduziam a cinzas



Mr. Queuille, presidente do Conselho da França, apresenta condolências do govêrno às famílias das vítimas

VINTE E TRÊS DIAS DE INCÊNDIO!

TEXTO DE **HAROLD GREEN** ★ FOTOS **KEYSTONE**



Mulheres residentes na área do fogo, munidas de galhos de árvores na luta sem tréguas para vencer o fogo



Na região de Saucats um popular indica a policiais o ponto em que foi encontrado um engenho suspeito

NOS primeiros dias de agôsto do ano corrente, desabou sôbre a França uma das mais compungentes calamidades de que há memória nestes últimos decênios. Imenso e pavoroso incêndio se declarou em vastíssima extensão no sudoeste de seu território, atingindo vários dos seus departamentos, destruindo florestas inteiras.

A região mais castigada pela fantástica fogueira foi a de Bordéus.

Começado o incêndio nos primeiros dias de agôsto, prolongou-se por mais de três semanas, só vindo a ser considerado extinto a 23 do mesmo mês.

O grande sinistro que enlutou a França, causou cêrca de cem vítimas, mortas pela ação das chamas e do fumo, além de centenas de feridos.

Essas vítimas se encontram entre bombeiros e populares que voluntàriamente formavam as brigadas contra as chamas, assim como pessoas que foram cercadas pelo fogo e do mesmo não puderam escapar.

A área em que lavrou a colossal fogueira é calculada em mais de 104 mil hectares, ou sejam, mais de mil quilômetros quadrados.

Num país pouco povoado, um fato dêsses não traria as marcas de calamidade pública como sucederia numa nação de densidade demográfica da francesa, em que todo o seu território que regula com o do Estado de Minas Gerais, é aproveitado metro a metro, abrigando uma população de 40 milhões de habitantes.

Desta forma, os mil e muitos quilômetros quadrados atingidos e calcinados pelas labaredas, representavam grandes extensões de florestas de madeiras de lei, campos de cultura, pastagens e aglomerados residenciais, casas isoladas, oficinas, etc., tudo sitiado pelo fogo como se estivessem os seus habitantes a assistir os dias do juizo final.

Logo que foram sendo combatidos os focos de incêndio e reconquistando-se o terreno calcinado, coberto de brazas e de cinzas, houve a suspeita de que o incêndio fôsse obra de sabotadores.

Na região de Saucats, por sinal uma das que mais sofreram a ação das chamas, houve quem afirmasse ter sido encontrado um aparêlho ou engenho misterioso que teria causado o irrompimento do fogo.

Entretanto, nada se pode, com exatidão afirmar. Há mesmo entre os pesquisadores e técnicos que acorreram para estudar as verdadeiras causas do incêndio, a opinião de que o mesmo talvez tenha sido a resultante de alguma imprudência. Aquela região, nesta época é muito sêca e os elementos de combustão se acham a cada passo.

E' possível que um viajante pouco cuidadoso tenha jogado à margem da estrada uma ponta de cigarro, um fósforo mal apagado, originando-se daí a deplorável catástrofe que cobriu de luto todo o país e lhe deu prejuizos incalculáveis.

Tôda uma região se mobilizou para combater o fogo. Mulheres, homens, civis, militares, crianças, bombeiros, operários, etc., formaram um exército contra o fogo.

A batalha se prolongou por mais de três semanas cobrindo 23 dias de vigília e luta contra os elementos que ameaçavam fazer mais vítimas.

Por fim, estava dominado o inimigo. Cem mortos e centenas de feridos. Casas destruidas, florestas reduzidas a cinzas, animais carbonizados, lágrimas, luto, orfandade por todos os lados.

O presidente da República, o presidente do Conselho, altas autoridades nacionais se movimentaram para socorrer os desabrigados e empobrecidos, dar sepultura aos mortos e curar os feridos, recolhendo-os a hospitais.

Já não bastando a ação direta do incêndio, o calor que fêz em tôda a zona provocou uma explosão num depósito de munições em Bedessac-Bussac a sessenta quilômetros de Bordéus, afetando gravemente a vila e o campo de aviação, com enormes prejuizos.





Em cima: Uma fase impressionante do enorme incêndio que irrompeu na floresta e devorou 104 mil hectares. Em baixo: Combate ao incêndio na área de Bordeus, servindo como aceiro protetor um trecho

LOIVA LEIRIA BORBA

UM POETA EM MINHA VIDA

AQUÊLE era o meu primeiro contacto com o sol, com a vida, após um longo período de trevas e sofrimento. Não me refiro aos dias de recolhimento obrigatório que sempre sucedem a uma intervenção cirúrgica melindrosa como a que eu acabara de sofrer. Falo na angustiosa noite de provação moral que vinha atravessando ao lado de Alberto até aquela data. Comparada a tamanho infortúnio, essa necessidade de me afastar de casa e vir me operar no Rio, longe de Alberto, era até um meio oportuno — apesar de transitório — de fuga e sossêgo. Com aquêle seu temperamento voluntarioso, intransigente, rebelde e egoísta, meu marido estava longe de ser o companheiro compreensivo, terno e amigo a que tôda mulher aspira em seus sonhos de moça. Daí a sensação de beatitude que vinha sobrepor-se aos meus sentimentos mais amargos, nessa manhã de praia e bulício, risos, luz e brincadeiras. Acontece no entanto que tal apreciação estava sendo erradamente interpretada por meus primos. Clóvis fazia troça de mim, dizia que eu envelhecera precocemente com o casamento, que estava madura demais e muito sisuda para aquêles risonhos vinte anos. E minhas duas primas, Isáura e Nancy, ignorantes também da minha tragédia íntima, não podiam compreender porque me entregava assim àquela melancolia. Alegres e brincalhonas, deixaram-me à sombra do guarda-sol de praia, e lá se foram ao encontro de amigos, bater peteca e jogar bola. Reclinada molemente, olhando o mar, eu pensava tristemente em minha vida tão infeliz, e tinha saudade da menina meiga e idealista que há poucos anos atrás entregara cegamente o coração, numa estranha confusão de sentimentos. E longo tempo estive assim ausente, até que Clóvis veio me despertar. No seu jeitão folgazão, aparecera chamando por mim:

— Nanete, venho pedir-lhe um favor. Tome conta dêsse nosso amigo. E' esquisitão como você, também prefere um livro ou uma parola, a jogar peteca com a turma.

E para o rapaz que o acompanhava, ironizou:

— Minha prima deve ser um caso psico-patológico, Miguel. Vive só engavetada dentro de si própria, numa obstinação doentia. Veja se consegue atingir o seu espírito e se encontra alguma lógica nesse desapêgo..

E, sem mais explicações, deixou-nos um diante do outro, como dois idiotas. Tive raiva de sua indiscreção, cheguei mesmo a maldizê-lo intimamente. Não sentia vontade de falar com ninguém naquela hora. O desconhecido notou logo:

— Clóvis fêz mal em não consultá-la previamente. Receio estar-lhe desagradando...

Fui grosseira, derivei:

— Pode acomodar-se à vontade. Já foi bem prevenido contra mim, sabe que estou longe de ser uma companheira amável. Portanto não se admire se descobrir em mim apenas a indesejável que em verdade eu sou.

Notei que se estirava displicente à sombra do guarda-sol, para logo me fixar atentamente com seus olhos perscrutadores:

— Tenho muita compreensão das coisas, Nanete. Estou certo de que todos se enganam a seu respeito. Você não é a indesejável que pretende. Há em suas palavras uma amargura tão mal dissimulada em desafeto, que eu só posso sentir em você a marca de uma tremenda decepção. No íntimo, bem nos recessos de sua alma, deve persistir ainda um anseio recalcado de beleza, de vida, com resquícios de você mesma.

Ouvindo-o, entre perplexa e emocionada, eu sentia como se êle estivesse tangendo minha alma e apoderando-se de meus mais íntimos segredos. Os olhos foram esquentando e, embora eu tentasse impedir, já meu rosto se amornava de lágrimas. E enquanto êle me oferecia o lenço e eu o aceitava naturalmente, ouvia a sua voz calma e profunda garantindo segura:

— Deixe estar. Um dia ainda descubro quem andou judiando assim de você.

Aquilo me fêz um bem infinito; meu ânimo abatido começava a se reerguer milagrosamente. E, depois dêsse dia, eu só fazia recordar as passagens mais amenas de sua palestra tão proveitosa. Nunca supunha que um novo encontro com êle fôsse me causar a decepção que causou.

Minha prima Nancy fazia aniversário e ofereceu uma festinha íntima aos amigos. Miguel apareceu atrasado e mal me cumprimentou; só tinha olhos para uma bela pequena muito coquete que se comprazia em girar pela sala nos braços dos outros. Decepcionada com essa indiferença inesperada, recolhi-me ao passadiço das folhagens, a espiar a noite da janela. E o novo alento de vida que me haviam despertado suas palavras compreensivas da praia, ia-se transmutando novamente — nessa vontade imensa de morrer. Longo tempo estive à janela a sofrer naquela noite, à luz da lua; das estrêlas, ouvindo a música que vinha lá de dentro. De repente a voz de Miguel:

— Sonhando, Nanete? Posso ficar fumando por aqui?

Estremeci. Quis retribuir-lhe a pouca atenção de há pouco:

— Se lhe dá prazer.

Percebeu:

— Pelo que vejo o prazer é só meu...

— Você não disse que é muito psicólogo, poeta?

Acendendo o cigarro, deu a primeira baforada:

— Hum... Já a informaram a meu respeito... E é por isso que está desgostosa comigo?

Falei que não, até pelo contrário, sempre gostei muito de poesia:

— Acontece que nesse momento dou-me o direito de pôr em dúvida a sua poesia... ou melhor, a alma que consubstancia a razão do seu impulso criador.

E ante a sua surprêsa, me expliquei melhor:

— Sim, porque, a meu ver, numa criatura superior não cabem atitudes vulgares... Falaram-me também que você é noivo fora do Rio e eu fazia outra idéia de um poeta apaixonado. Que os outros lá dentro se mostrem triviais, está certo. São criaturas comuns, normalmente medíocres Mas você... confesso que me decepciona.

Ia escapar, êle me deteve:

— Um momento Embora possa não lhe agradar, amanhã mesmo vou lhe remeter alguns de meus livros. Só então você poderá fazer juízo menos apressado.

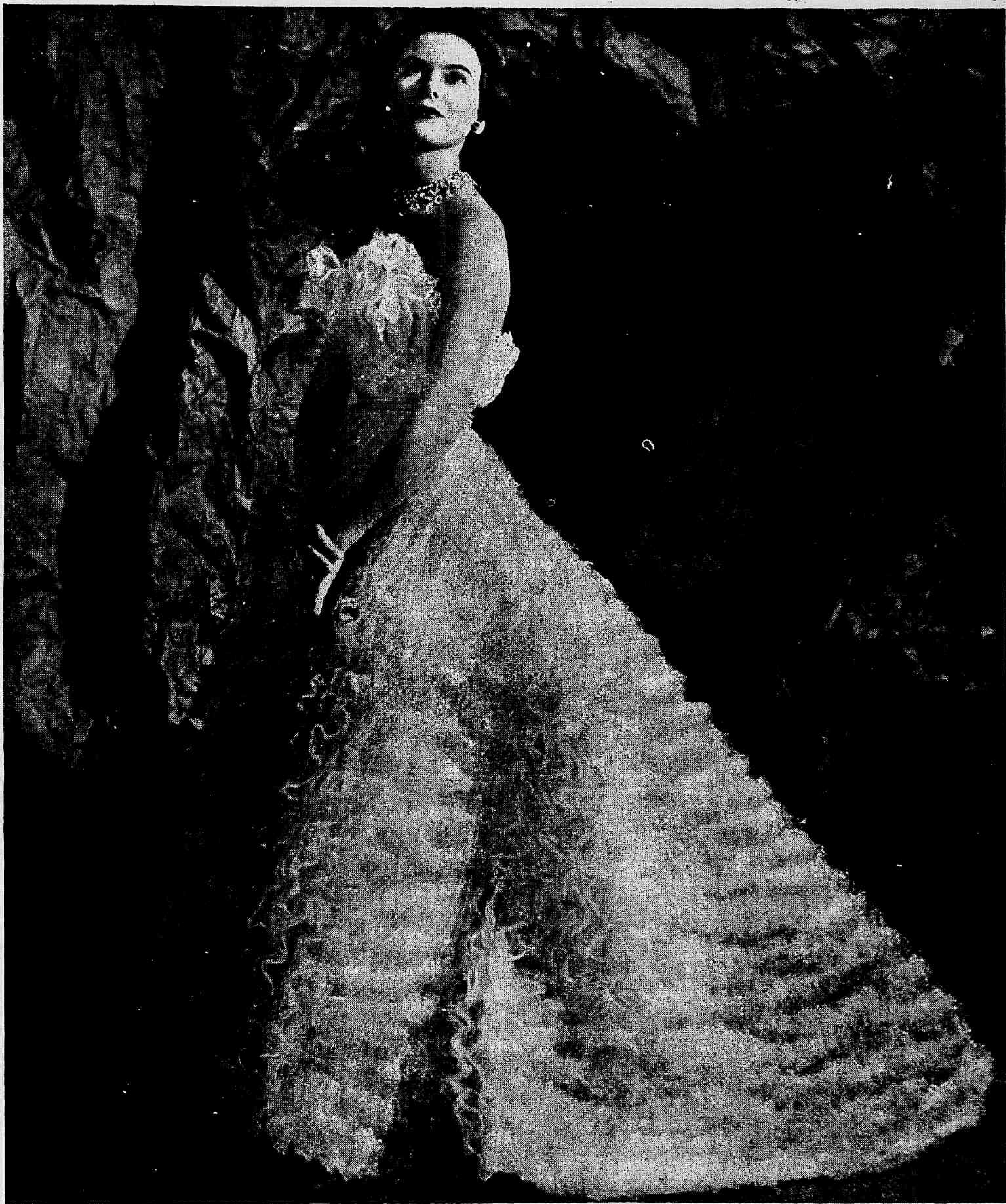
E desta vez foi êle quem se afastou...

Confesso que não percebi logo o perigo. Meu coração despedaçado, minha alma ansiosa, encontravam luz e apoio na superioridade de Miguel. A negra noite de minha vida se extinguia, e, aos poucos se esgaçavam as sombras, começando eu a encontrar novamente objetivo de viver.

Primeiro foram os livros, depois os telefonemas. Conhecedor da minha admiração por suas poesias belíssimas, e compreendendo o grande bem que sua amizade me fazia, tomou a peito o dever de me reerguer moral e espiritualmente. Assim, tôdas as tardinhas, após o jantar, enquanto meus primos saíam para os divertimentos habituais, eu me quedava ao pé do telefone à espera do seu chamado. E ficávamos os dois num colóquio amigável a princípio, e que depois foi-se tornando verdadeira obsessão para mim. Foi quando analisei meus sentimentos e descobri que já não podia continuar tentando iludir-me. Tinha ultrapassado as barreiras da amizade e me entregara insensivelmente a uma querência proibida. Era preciso que esclarecesse Miguel sôbre a minha condição de mulher casada, que lhe falasse com naturalidade sôbre Alberto. Porém o que aconteceu foi tão imprevisto que veio antecipar a revelação da verdade da forma que eu menos podia desejar...

À noitinha, eu estava na saleta ao pé do telefone, quando Clóvis chegou da rua com Miguel. De passagem ainda brincou comigo chamando-me de telefonista. Depois pediu a Miguel que espe-

(Cont. na pág. 50)



Maravilhosa criação de Christian Dior em tule todo bordado a "paillettes"

NOS BASTIDORES FEMININOS

PROGNÓSTICOS DE PRIMAVERA

Nascidos em pleno inverno, os primeiros chapéus de primavera oferecem a promessa tão desejada de renovação e alegria. Muitos, como graciosos meteoros, passarão sem deixar vestígios, outros permanecerão em tributo à beleza dos dias primaveris. A moda dos cabelos curtos provocou a aparição dos solidéus redondos que se ajustam na cabeça; alguns, no entanto, tomam as mais variadas formas, num arrôjo que só os rostos privilegiados poderão enfrentar. E fatalmente, deveriam aparecer os grandes chapéus, ora tombados para trás, ora tombados para os lados, muitos em palha branca, de tons pastel, guarnecidos de flores, frutos e fitas, muitas fitas. Quanto aos tecidos, usar-se-á, entre o "shantung", a sêda e o algodão, também a lã finíssima, de extraordinária flexibilidade. Se bem que apareçam muitos estampados, são os tecidos unidos que predominam e principalmente o branco, para tôdas as ocasiões. Entre os tecidos de fantasia, sempre muito discretos, o "Príncipe de Gales", ô "pied-de-poule", as listras, os "pois" e os escoceses são os favoritos. A sêda, cuja importância é tão variável de uma temporada para outra, volta a encontrar o seu inigualável prestígio. Sôbre os seus aristocráticos reflexos correm desenhos jaspeados ou motivos de grande delicadeza que se inspiram algumas vêzes em lantejoulas de divertidos movimentos, em torvelinho, ou em ondas, ou em motivos de flores, sempre muito suaves. Também o tafetá, em escocês ou "pied-de poule", geralmente discretos, algumas vêzes acompanhados de um tom unido igual. As mousselines de sêda voltam também a predominar, principalmente para os vestidos para a tarde e para a noite. Entre as côres mais modernas estão o vermelho-cereja, o amarelo-banana e o rosa-lilás. Também se vê um tom muito especial de marron-dourado e tôda uma gama de pastel, ao qual, naturalmente, há que acrescentar o prêto e o marinho, que representam as côres da primavera parisiense e que são principalmente notados nos tecidos de lã. — O. B.

Vestidos PRÊTOS







CHRISTIAN Dior, Marcel Rochas, Jacques Griffe e Jean Dessés, são os criadores dêsses elegantíssimos modelos em prêto, próprios para ocasiões de maior cerimônia, como, por exemplo, o teatro, um "cock-tail", um casamento, etc. Nota-se o uso do cetim brocado, de jersey flexível, da mousseline e da renda. Êsses tecidos dão excelente execução, realçando os modelos e a beleza feminina.

PARA os últimos dias frios selecionamos êstes modelos de grande "classe" que poderão também serem usados na meia-estação. A alpaga está sendo usadíssima em Paris, principalmente para modelos de meia-estação. Ela é vista em "tailleurs", em "redingotes" e até vestidos, com resultados excelentes, pois é tecido de ótima queda.







PARA OS ÚLTIMOS DIAS frios

O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Numa casa aprazível dos subúrbios do Rio morava uma jovem graciosa, educada e modêlo de filha.

Seus pais previam para ela um futuro dos mais belos. Tinha tôdas as qualidades para tornar-se uma espôsa e mãe irrepreensível.

Certa noite os pais notaram que ela estava com ares de quem tinha algo de importante a lhes dizer. Era a hora do jantar, quando as pessoas da família se predispõem a conversas de natureza íntima e confidencial.

Com efeito, a jovem estava amando. O seu escolhido era pessoa conhecida dos de casa. Nenhuma objeção haveria nesse enlace.

O rapaz começou a frequentar a casa e a sair em passeios com a noiva. O casal de namorados era tido como uma perfeição. Os vaticínios não eram diferentes de bôca em bôca, de casa em casa.

Tudo fazia crer que êles seriam felizes. Ambos educados, corteses, cultos, de excelentes famílias.

O noivado seguia seu curso normal. De quando em quando surgia, porém, uma nuvem para toldar o azul daquele céu.

Eram pequenas ciumadas dela, ou mesmo da parte dele. Trocavam palavras de mútua censura, mas, horas depois, estavam novamente em harmonia.

Essas cenas são muito comuns entre os que se amam, especialmente durante o namôro e o noivado. Ainda se conhecem pouco e há sempre uns mexeriquinhos de amigos da onça para atrapalhar.

Veio, enfim, o feliz dia do casório. Muito linda, ela foi para o civil e, em seguida, com todo o ritual do religioso, diante do altar.

Depois de casados, empreenderam uma viagem de nupcias a uma estação de águas. Voltaram aparentando felicidade. Foram residir em Copacabana, num apartamento muito bonito e bem mobilado.

Mas, foi aí que a infelicidade começou a penetrar pelas janelas e pelas portas.

Êle começou a abrasar-se de ciúmes. Ela não dava motivos. Mas o rapaz somente agora mostrava a outra face do seu gênio. Era ciumento. Exageradamente ciumento.

A desgraça desabou sôbre ela. Vivia a chorar. Estava emagrecendo. Os pais, depois de muitas insistências vieram a saber do drama que ameaçava tornar-se em tragédia.

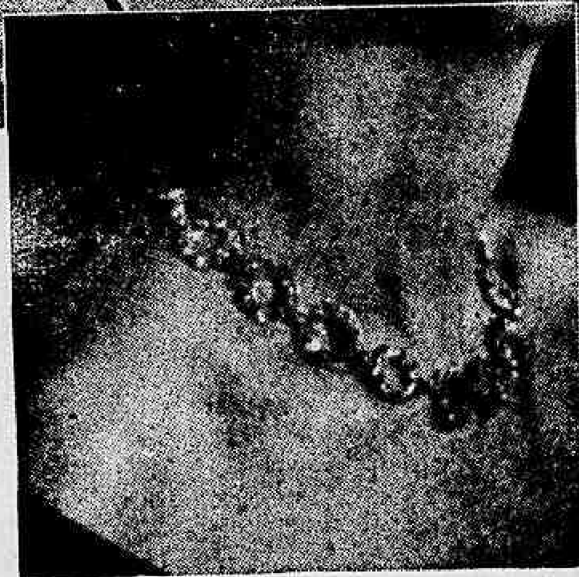
Vendo que não podiam viver juntos, ela foi para a casa dos pais. Êle ficou desesperado. Não podendo viver sozinho, vendeu tudo o que possuia e foi para uma pensão.

Tentou reconciliação. Ela o repelia. Uma tarde, alucinado, não conseguindo viver sem ela, foi procurá-la. Tornou a pedir, a rogar que voltasse para sua companhia. Com a recusa definitiva, êle puxou de um revólver e alvejou-a por cinco vêzes. Matou-a.

O amor é assim.

DETALHES E NOVIDADES





Colar de argolas em ouro cobertas de pedrarias. A direita: Neste modêlo de lã a "écharpe" sai da blusa



Neste casaco de lã beige as tachas douradas dão muita originalidade





Broche de linhas simples com pedraria. Bôlsa de pelica, espaçosa e prática. Sapato de linhas clássicas para o cock-tail







Original capuz em lã de dois tons para os dias frios. Traje esportivo de linhas elegantes, próprio para passeios marítimos



PARA MENINAS

Para as nossas filhas a primavera traz modelinhos graciosos e elegantes como os que aqui apresentamos. Os tecidos favoritos são o percal, o fustão, o algodão, etc.

MÃES e FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA



À criança deve ser dada a oportunidade de revelar as suas próprias tendências. Pôse de Gigi Perreau, da R.K.O.



SER BOM É FÁCIL...

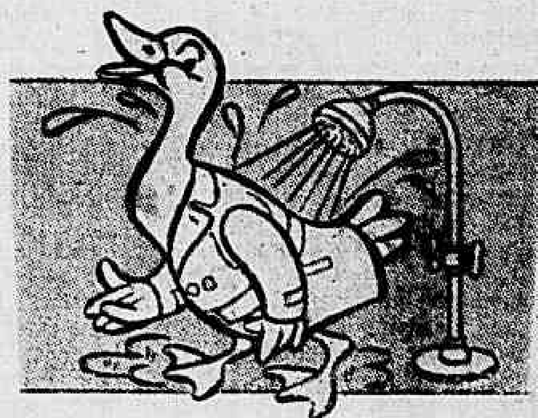
E' fácil ser bom quando existe o bom exemplo... Se querem que os filhos sejam bons só resta aos pais serem bons também...

Saber dar, por exemplo, é uma grande virtude, e uma virtude que pode ser adquirida na infância, que pode ser incentivada e encorajada. Naturalmente cabe aos pais dar o bom exemplo.

Se a mãe recebe um presente qualquer, uma caixa de bombons, por exemplo e guarda-a avaramente; se despacha apressadamente um pobre mendigo sem sequer atendê-lo; se não se condói da miséria alheia, se não é prestimosa e agradável, essa mãe não pode esperar que o seu filho venha a ser um anjinho de bondade.

Já aquela que distribui os bombons entre todos com naturalidade e amabilidade, que dá esmolas, que auxilia aos que a ela recorrem, que sabe ser útil e gentil, estará mostrando aos filhos uma bela alma que fàcilmente será imitada. No entanto, deve ser sempre observado um meio têrmo. Saber dar, por exemplo é muito importante. Porque, se você permitir que os seus filhos dêm tudo o que tm, que os outros se apoderem de tudo o que lhes pertença, que satisfaçam apenas os desejos dos outros, aí então serão encarados no futuro não como pessoas bondosas mas como tolas. Lembre-se de que a indiferença atual provocará o abuso e isto influíra mais tarde na situação perante a sociedade.

O ideal, portanto, é ensinar a criança a dar, mas dar sem se prejudicar. Se você costuma fazer visitas de caridade, leve a criança consigo; se dá esmolas, deixe que ela presencie o fato; se remete auxílio aos orfanatos e casas de caridade, deixe que ela também contribua, retirando pequena quantia do seu cofre e que constituirá a sua "parte". Deixe, enfim, que a criança conheça tôdas as suas boas ações, porque assim irá fàcilmente aprendendo a lição. No princípio tudo não passará de imitação, mas por fim a criança se interessará realmente em proporcionar alguma satisfação aos que a ela recorrem.



SAIBA QUE...

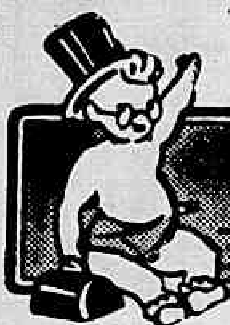
...Exigir de mais de uma criança, é um êrro comum que só tem como resultado prejudicar a própria criança.



...Os hábitos de higiene devem ser incutidos na criança desde a mais tenra idade. Há pais que julgam que tais hábitos só virão com o tempo...



...O ""ambiente de família" é indispensável à boa formação do caráter infantil.



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

RESFRIADOS, ANGINAS E CRUPE NAS CRIANÇAS

São frequentíssimos, na infância, os processos agudos que atacam o faringe — desde sua porção atrás das fossas nasais até os limites com o laringe, comprometendo também a êste: febre, obstrução da respiração nasal, dores de ouvido, gânglios palpáveis atrás do pescoço; ou febre, tosse, rouquidão, fluxão nasal, mais ou menos abundante; ou ainda febre, voz rouca, tosse estridente, respiração estertorosa E' isso, precisamente, o que se vê, por exemplo, nas rinofaringites do lactente, no sarampo, no falso crupe, como localização dos processos, respectivamente, nas fossas nasais posteriores, faringe e laringe.

1 — Muitas condições concorrem, nos primeiros anos, para que, com tanta frequência, ocorram êsses processos nas crianças.

Em primeiro lugar, no lactente, certas particularidades da própria conformação e situação recíproca do nariz, faringe e laringe.

Em primeiro lugar, as cavidades nasal e faringéa são muito estreitas nessa idade no ponto em que se unem entre si, nas fossas nasais posteriores, constituindo o **rino-faringe**. Revestidas ambas de uma mucosa fàcilmente congestionável, êsse fato explica a frequência enorme com que se verifica, então, nos primeiros meses a obstrução da respiração nasal. De outra parte os orifícios **das trompas de Eustáquio** (dois canais pondo, de cada lado, o interior do faringe em comunicação com o ouvido médio) são amplos e acessíveis, no menino de peito, favorecendo, assim, a progressão dos germes das infecções catarrais ou piogênicas, responsáveis pelos processos do faringe (bacilo da gripe, o micrococo catarral, o pneumococo, o estafilococo, e alguma vez, o estreptococo) — até o ouvido médio. São as duas trompas de Eustáquio que explicam os reflexos para o lado dos ouvidos — dores, supuração, surdez — tão frequente, sobretudo no exsudativo.

Finalmente, o laringe é muito subido em relação à zona retro nasal do faringe por onde começa, na grande maioria dos casos, as anginas. Daí o fato, que não é raridade, de poderem estar associados os dois processos — o do faringe nasal infectado, e do laringe atacado (de onde respiração nasal difícil e voz e tosse rouca), como no falso **crupe** do lactente.

2 — E', porém, a **diátese exsudativa**. estado muito difundido entre as crianças não obstante o fator primordial da maioria das anginas, criando condições favoráveis ao desenvolvimento e agressão daqueles micróbios. Numa escala menor, porém com bastante frequência, outros se vêm juntar aos mesmos, provocando **anginas específicas** — o bacilo da difteria, o fariforme, os espirilos. **Na criança normal**, isto é, **não exsudativa** e **com boas condições de nutrição**, aquêles e êstes não transpõem o limiar da infeccão, ou esta se apresenta como uma angina **benigna** e passando muita vez até despercebida.

Na criança exsudativa isso não acontece. E' notável a estreita relação entre o seu estado e as simples variacões da temperatura ambiente. Baixou esta, e logo o fluxo nasal não demorará; as crises se sucedem, assim, indefinidamente. E' o estado de catarro crônico da criança. A criança não engana com os costumeiros sinais da diátese: manifestacões cutâneas (piodermites, eczemas, crosta látea, intertrigem); as fezes despépticas (mesmo o alactamento natural) ocupam certamente um lugar destacado (dejecões verdoengas, com gromos brancos de gordura não digerida, etc.); órgãos linfóides anormalmente desenvolvidos (baço quase sempre palpável).

Nesse terreno os germes das afeccões catarrais e o bacilo da **difteria** e sua complicacão possível o **crupe**, vingam admiràvelmente.

Felizmente, porém, é raro que no lactente se estabeleça o micróbio da difteria, no faringe; nessa fase, com habitualidade, êle costuma desenvolver-se, principalmente, na região do cepto nasal, constituindo, então, com sua secreção sôro-sanguinolenta, o **coriza diftérico**.

Nada impede, porém, o perigo do crupe, pôsto que relativamente raro no lactente.

Já nas criancas mais crescidas e sobretudo nas portadoras de amidalas hipertrofiadas e de vegetação adenóides, o perigo do crupe é muito maior pela localizacão do processo em pleno faringe, constituindo a **angina deftérica**.

Estas adquirem a infeccão, quer em contacto com outras de sua idade, quer de adultos. De resto são muitas as oportunidades de contrair a angina diftérica entre as crianças, importando principalmente a condição de ser um diatésico exsudativo.

Tudo isso é perfeitamente explicável.

A diatese exsudativa caracteriza-se, justamente, por uma extrema vulnerabilidade do organismo e daí a facilidade com que nessas criancas se estabelecem os processos infecciosos, como as anginas em geral. Os processos catarrais, então, assumem uma feicão extremamente aguda, porque sua pele e mucosa têm uma notável tendência a **exsudacão**, quando atacados por qualquer agente (químico, físico, bacterioso), e essa exsudacão tem propriedades agressivos sôbre os tecidos vizinhos(outra pele, outra mucosa), favorecendo a extensão da lesão ou processo inicial. Por isso, no exsudativo, o catarro é geral muitas e muitas vêzes: no nariz, no faringe, no ouvido, tôda a árvore respiratória. Assim o perigo da bronquite capilar pesa sôbre êste como uma constante ameaca. Somente com a idade essa vulnerabilidade se vai modificando. Acrescentaremos, a êste respeito, que é exigida, porém, uma condicão: que o terreno exsudativo seja combatido, isto é, modificado, e por outro lado sejam evitadas as causas capazes de favorecê-la.

Se, ao contrário, estas causas perduram, a consequência é a hipertrofia sempre crescente do tecido linfóide que tapeta as fossas nasais posteriores e o faringe correspondente, vindo a constituir então as vegetacões adenóides. Com os surtos constantes das infeccões que o salteiam, essas vegetacões passam a ser um ninho de micróbios, e ameaca constante de infeccão, principalmente para o ouvido, através das trompas de Eustáquio; a surdez que se encontra muitas vêzes entre os portadores de vegetações adenóides é resultado de tais infecções originadas das vegetações.

A gripe e as chamadas infeccões da infância (e notadamente pela sua habitualidade o **sarampo** e a **coqueluche**) são fatores dos mais influentes no desenvolvimento das anginas da crianca, pois penetram o organismo através das vias aéreas, exercendo seu primeiro ponto de ataque, justamente, sôbre o rino-faringe. Na crianca normal o episódio para o lado da garganta é, em regra, passageiro; no exsudativo, porém, uma primeira infecção de angina deixa quase sempre depois um foco recidivante, responsável desde então pelos surtos periódicos de angina (**angina de repeticão**).

Estabelece-se dessa forma um círculo vicioso: os focos facilitam a gripe, a gripe exalta os focos.

Num dêsses surtos gripais com angina, tomando-se a temperatura, esta ora é baixa, ora muito elevada; depois de 2 a 3 dias começa o nariz a deitar uma secrecão gomosa e pardacenta vinda da parte posterior das fossas nasais. Examinando-se a faringe e tocando-se esta com a espátula escorre pela parede posterior da mesma uma secreção abundante vinda das fossas nasais posteriores (rinofaringe).

3 — A hipertrofia das amidalas (que se acentua entre os 2 e os 4 anos, sobretudo aos 4) constitui, sem dúvida alguma, uma nova condicão favorecedora das anginas, pois sua presença vem ensejar as localizações do germe **da difteria**, na faringe propriamente dita, abrangendo, inclusive, as lojas amidalinas. A faringe já oferece, então, outro desenvolvimento e amplitude, e a trama das amídalas faríngeas é particularmente favorável à vida do germe da difteria. Durante o primeiro ano a estrutura da amídala quase não oferece oportunidade à difteria, além do mais porque uma cápsula de tecido conjuntivo isola o epitélio superficial de tecido subjacente adenoideu. Nos tunidade à difteria, além do mais, porque uma cápsula de tecido de tecido primeiros tempos a amídala é pobre de vasos, criptos e folículos pouco desenvolvidos. Nos meninos maiores isso não se dá e a infiltração do processo microbiano é perfeitamente possibilitado. A complicação tão temida do crupe torna-se, nessa época, relativamente frequente.

(Cont. na pág 49)



Chapéus PRIMAVERIS

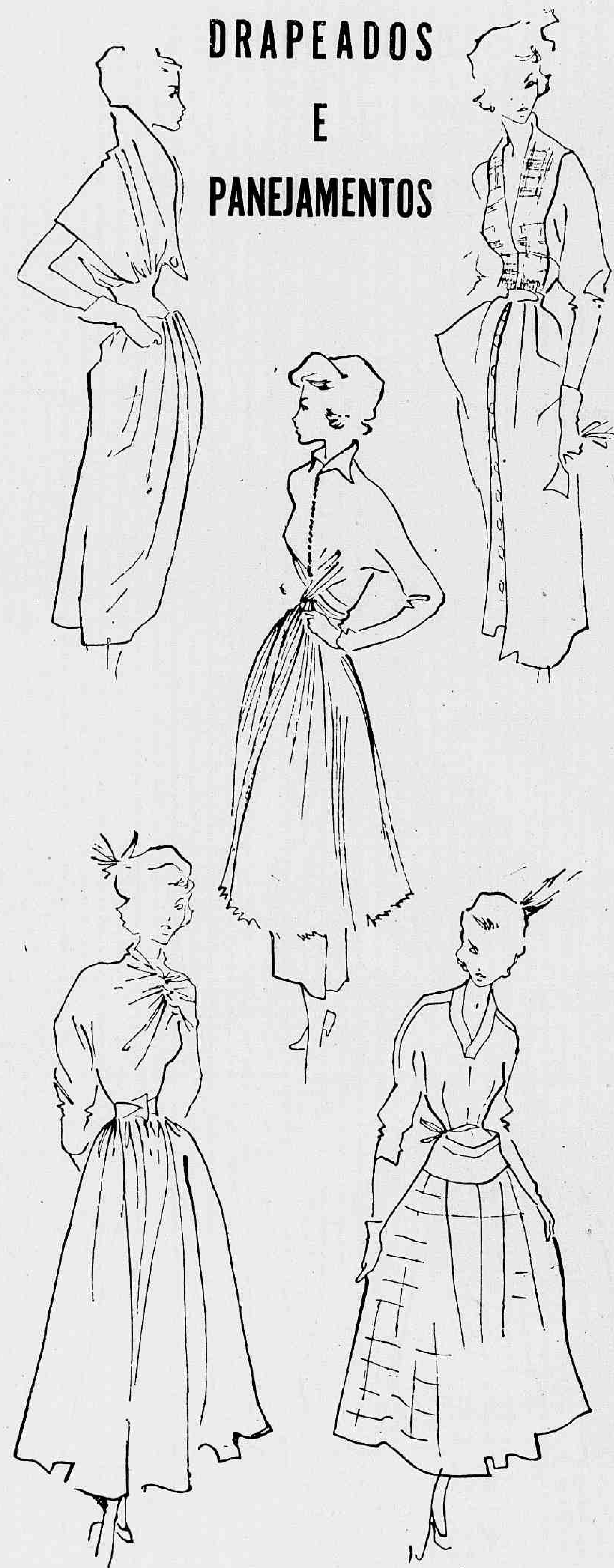






Para as mulheres, a primavera é a época dos chapéus encantadores que as embelezarão mais do que os "cloches" usados no inverno. Chapéus de palha, guarnecidos de flores, penas, véus como os de Caroline Reboux, Albouy, Simone Cange e Maud et Nano, aqui apresentados.

DRAPEADOS E PANEJAMENTOS



OS modelos para a primavera são ricos em drapeados e panejamentos, aparecendo os mesmos sob os mais variados aspectos. Aqui damos as nossas leitoras algumas das mais recentes criações parisienses, para a mais alegre época do ano. São verdadeiras obras de imaginação e bom gôsto.



M. MERCÊDES SANTOS

A CRONISTA

TUDO no mundo tem um limite, a começar pela própria vida Acredito, portanto, que muitas cronistas da nossa terra, cujo valor não se pode negar, já tenham suportado demais os abusos e insinuações que injusta e irônicamente recebem a mulher brasileira e o nosso país, por parte de uma cronista estrangeira que, de longa data, vem condenando, por meio de censuras absurdas, costumes brasileiros. Ela já atingiu ao "climax" de sua má fé e despeito por tudo que se diz Brasil. Estamos fartos de suas citações enfadonhas sôbre a Constituição Belga e a constante crítica que faz à nossa, fato, aliás, que não devia permitir a direção de um matutino editado nesta capital e do qual ela é colaboradora. Pois, tamanho desrespeito às nossas leis e hábitos não fica bem aos filhos da terra, quanto mais a um estrangeiro. Todavia, é mister que esta cronista compreenda que não podemos modificar a nossa Constituição e os nossos hábitos, simplesmente porque a mesma sente-se insatisfeita e assim o quer. Não houve ainda um dos seus trabalhos em que ela não deixasse transparecer, sob uma ponta de ironia, o que realmente sente pelo Brasil e pelos brasileiros. Ora, sente-se com direito em criticar a mocidade de nossa terra, não podendo admitir a crescente irresponsabilidade de que a mesma está possuída. Não concorda e condena sumàriamente a maioria das mocinhas brasileiras que ficam "debruçadas nas janelas de suas residências, conversando sôbre namorados e outras futilidades" — quem sabe se a cronista não aprovaria se as mesmas aproveitassem o "precioso" tempo de sua juventude, numa fábrica de material bélico, atividade que tanto exalta e a que se dedicou durante a guerra? De outra feita, critica acintosamente o nosso Serviço de Trânsito, por não ter no seu código um parágrafo ou um artigo que institua proteção à "mulher gestante, ao velho e ao mutilado — dando-lhes quatro lugares em cada veículo coletivo". Francamente, era somente o que faltava numa capital como a nossa, cujo "excesso de veículos" é assombroso! Êste artigo ou parágrafo — comenta a cronista — existe nos serviços de trânsito da Holanda, Bélgica e Paris e triste daquele ou daquela que tentar violá-lo, pois é intimado a levantar-se e até expulso do veículo em que viaja. "E' necessário — frisa a cronista — que a Prefeitura do Distrito Federal imite êstes exemplos".

Quanto à educação que a mulher mãe do Brasil ministra aos seus filhos é a pior possível e merece da cronista comentários pouco lisonjeiros. Além de mães irresponsáveis, são péssimas donas de casa, não compreendendo, portanto, como estas mulheres tenham a coragem de "ocuparem-se horas a fio num bate-papo, de uma janela para outra". Lastimo apenas que a cronista, ignorando que êste seja o mais delicioso e regional dos costumes de nossa terra, o considere feio e prejudicial.

E' necessário que ela abandone o quanto antes o triste hábito de querer implantar inovações neste país, cuja finalidade prende-se exclusivamente aos seus filhos. Chega, portanto, de "intervenções" estrangeiras. Aceitamos a crítica construtiva e compreendemos as sugestões baseadas na verdade e no direito do Brasil. Esta história de citações sôbre os costumes de países estrangeiros é muito interessante como divulgação de cultura e conhecimento. Nunca, porém, com o propósito claro, insofismável, de rebaixar os nossos hábitos. Nós, quando criticamos coisas do Brasil, o fazemos por amor e patriotismo... e com êsse sagrado direito que nos dá a razão de aqui têrmos nascido. São censuras, portanto, que enobrecem nosso ardente desejo de progresso e civilização.

Negamos, todavia, autoridade ao estrangeiro para comentar desairosamente nossos hábitos e costumes. Êle tem a obrigação, o dever de ser grato e respeitar a hospitalidade que lhe damos com tanta liberalidade. Exalte e faça propaganda das boas maneiras de sua terra de origem, admitimos, mas não queira rebaixar-nos com estudos e comparações humilhantes.

Aconselho, portanto, que a cronista estrangeira permaneça no seu "galhinho" alimentando-se da comida brasileira e que se comporte para que continue a merecê-la.

Correspondencia

Márcia — Vitória — Espírito Santo.

Apesar de ser meu noivo, vive provocando-me ciúmes. Sabe que sua conduta não me satisfaz e não procura corrigir-se. Esta situação é por demais desesperadora para mim, pois, estou demasiadamente apaixonada por êle".

E' bem possível que os seus ciúmes o divirtam e por isso êle procure manter uma conduta que não lhe agrade. Aplique-lhe a lei de Talião. Se seu noivo mostra-se tão íntimo e brincalhão com as moças que conhece, faça você o mesmo com os seus conhecidos. E... quando êle se magoar, diga-lhe que entre noivos não deve existir privilégios e que se não quer sentir ciúmes que não o provoque. Mostre-lhe que se êle gosta de outras moças, a você tampouco falta admiradores. O amor e a energia, Márcia, nunca estiveram brigados. Estar apaixonada, ter caráter e fazer-se respeitar não são causas antagônicas, sendo necessário acentuar que, as duas jamais devem ser abandonadas por serem as bases essenciais à formação de um lar feliz.

Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercêdes Santos — Problemas da Mulher — Redação da Revista da Semana — Rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



Lígia Lemos Tôrres em companhia de seus dois filhinhos. O menino é mais velho e parece destinado a manter as tradições culturais da família



Lúcia Benedetti numa de suas crises de invalidez. Menosprezando a sinalização, um auto atropelou-a em plena rua do Passeio

AS MULHERES INGRESSARÃO NA ACADEMIA?

FALAM HENRIQUE PONGETTI, JOÃO LUSO E ÁLVARO ARMANDO ★ OS PRÊMIOS DE 1948 ★ ENTREVISTANDO AS MULHERES PREMIADAS

Reportagem de MARIA VESENTINI

O ano de 1948 assinala um auspicioso acontecimento para a mulher brasileira que busca, na literatura, o apogeu de sua vida espiritual e de sua criação cultural. Entre os prêmios que a Academia Brasileira de Letras confere anualmente aos melhores trabalhos literários que concorrem a julgamento, em 1948 seis foram conquistados por escritoras patrícias. Entretanto, a Academia continua fechada às mulheres. Algum dia elas tomarão posse das históricas cadeiras com a expressiva farda acadêmica? Eis o que nos responde Henrique Pongetti:

— Tenho uma profunda piedade dos homens que se empenham em provar a inferioridade intelectual das mulheres. Porque salta aos olhos a espécie de mulheres que o destino os condenou a conhecer. Não vou citar as mulheres geniais de todos os tempos, nem aludir a êsse exército feminino que hoje faz frente honrosamente aos homens em todos os reinos da luta pela vida.

Tudo está tão claro que nem tem mais graça acender um simples fósforo polêmico. Quero, isso sim, enaltecer uma glória da inteligência feminina: a facilidade com que essa inteligência abre mão das suas conquistas ao primeiro anúncio da maternidade, ao primeiro sintoma de uma paixão. A mulher renuncia fàcilmente ao seu sucesso público em troca de uma obscura promessa de felicidade doméstica. Os homens míopes confundem essa superioridade sentimental com inferioridade intelectual.



Homenagem às escritoras laureadas pela escritora Adalzira Bittencourt, sob a presidência do Embaixador Macedo Soares, sendo orador oficial Victor Visconti



Lygia Lemos Tôrres em seu gabinete de trabalho, preparando uma conferência para o centenário de Rui Barbosa

Achei naturalíssima a vitória do "team" feminino na disputa dos prêmios de 1948 da Academia Brasileira de Letras. Isso não foi documento de inteligência e, muito menos, "record" de inteligência. Quanto à entrada das mulheres para a Academia, eu só me espanto de uma coisa: das mulheres não terem ainda a sua academia, para verem os marmanjões fazendo fila na porta, humilhando-se, pedindo perdão do seu exclusivismo, da sua divisão da cultura em sexos, em saias e fardões...

João Luso torna o problema mais simples do que se esperava:

— Se acho possível ou exequível a entrada das mulheres para a Academia Brasileira de Letras? Sem dúvida! Sobretudo, se forem talentosas e belas — o que é duplamente o caso das premiadas dêste ano.

Raquel de Queiroz não perde a esperança de envergar o fardão:

— Tomara que as mulheres entrem para a Academia. Serei a primeira a me candidatar.

Para Álvaro Armando, a escolha do "fardão" constitui o ponto nevrálgico:

— Sobre o triunfo feminino
O que eu acho? Maravilha!
As mulheres, imagino,
Nas "letras", com muito tino
Já passaram da cartilha!

— Mulheres na Academia?
De certo que ingressarão,
Desde que seja escolhido,
Discutido, resolvido,
O feitio do "fardão"...

PRÊMIO JOAQUIM NABUCO

Foi conferido à escritora paulista Lygia Lemos Tôrres, pelo seu livro "Rainha D. Amélia". Nossa revista esteve em São Paulo, onde D. Lygia nos relata alguma coisa de sua vida:

— Nasci em São Paulo, onde quase sempre vivi. Aqui estudei no "Ginásio Ofélia Fonseca", e acabei minha preparação com professôres particulares. Mal havia ingressado na Escola de Direito quando o amor levou-me dos bancos escolares para o altar. Casei-me quase criança, mas disso, graças a Deus, jamais me arrependi. Dedicando todo o meu tempo de solteira aos estudos não me preocupava com assuntos domésticos. Casada, fui morar no Rio de Janeiro, onde meu marido cursava o sexto ano da Faculdade de Medicina.

A minha estréia como dona de casa jamais me esquecerei! Lambrava-me que as empregadas de minha mãe costumavam fazer compras na feira. Querendo desempenhar o melhor possível minhas novas obrigações, logo ao primeiro dia rumei à feira mais próxima. À chegada deparei uma banca repleta de ovos mui branquinhos, maravilhosos, e decidi-me a comprá-los:



Beatrix dos Reis Carvalho é o exemplo da poetisa precoce. Começou a fazer versos aos quatro anos de idade. E' uma brilhante sucessora de Bilac



Lygia Fagundes Telles que teve seu prêmio dividido com Lúcia Benedetti. Não sabe se concorrerá a outro para obter uma vitória individual



Maria Wanderley Menezes, além do prêmio "Artur Azevedo" ganhou este ano um de Jaime Costa, no concurso "Alvorada dos Novos", com a peça "Luz e Sombra"

— "Dê-me um quilo dêstes ovos!" Rindo, o bom do português explicou-me: — "Menina, ovos compram-se por dúzias". Fiquei atarantada mas satisfeita por já ter aprendido alguma coisa. Quando uma banca de batatas chamou-me a atenção, fui logo pedindo: "Quero uma dúzia destas batatas!" Pareceu-me então que todos os compradores e vendedores que lá estavam, zombavam de mim, tal o eco das risadas que soou aos meus ouvidos... Atordoada, sentindo os olhares curiosos de tôda aquela gente boçal, mas tão sabida, pregados em mim, desisti das outras compras... Mas, dias depois, voltei, e resolvi enfrentar, estoicamente, aquêle dificílimo problema de quilos e de dúzias... Depois de alguns meses não só fazia ótimas compras como até preparava quitutes para esperar meu marido. Mas, o quanto me custou. Por isso quero ensinar a minha filha que, no princípio da vida, nos faz mais falta saber como se compra batatas do que sabermos quem descobriu o radium ou quem foi Napoleão III...

Um dia, a história da imperatriz D. Amélia despertou-me a atenção. Encantou-me a figura daquela mulher jovem, bonita, decidida, que, sem receio, atravessou os mares para compartilhar o trono com aquêle imperador por tantas princesas rejeitado. Sem ter nada que lhe marcasse com interêsse novelesco a existência, sua vida foi, para mim, um modêlo. Espôsa amorosa, mãe extremosíssima, dona de casa perfeita, foi a colaboradora eficaz de D. Pedro na parte social e política de seu govêrno. Com êsse livro concorri ao prêmio. Tive, é claro, a esperança de alcançá-lo. Esperança remota, pois não ousava contar, para meu trabalho, com a preferência dos representantes máximos da intelectualidade brasileira. Essa laurea proporcionou-me sem dúvida a maior e mais grata emoção de minha vida literária. Depois desta vitória sinto-me incentivada a prosseguir nas lides históricas, e, mais tarde queira talvez — não fôra a vaidade humana — tentar repetí-la...

PRÊMIO ARTUR AZEVEDO

A teatróloga Maria Wanderley Menezes foi laureada com a sua peça bíblica "Madalena e Salomé". Maria orgulha-se de ser sertaneja e evoca, sem arrepios, a época em que "Lampião" era empregado de seu pai..

— Nasci em Águas-Belas, em pleno sertão de Pernambuco, a quase cem léguas do Recife — diz a escritora. De Águas-Belas saí muito pequena para Garanhuns e depois para Recife a fim de estudar só voltando ao meu sertão durante as férias. Pelo lado paterno sou Wanderley, e, pelo materno, pertenço à família Gonçalves Lima Costa. Os Wanderley chegaram ao Nordeste com o príncipe de Nassau. Alguns ficaram no litoral, onde foram grandes senhores de escravos e de engenhos. O ramo de que descendo fêz a marcha para oeste e espraiou-se para o interior sul do Estado. Gonçalves Lima é família de Triunfo, tôda ela dada à música. O barítono Asdrubal Lima e o maestro José Siqueira são Gonçalves Lima.

Um dos episódios mais pitorescos da minha adolescência foi o seguinte: Quando aluna da Escola Normal, irrompeu a revolução de 1930. Eu era uma revolucionária fervorosa. Em outubro houve três dias de tiroteio cerrado em Recife. Ninguém saia à rua... não se abria uma porta. Mas eu, iludindo a vigilância dos meus, de quando em vez chegava à janela para animar os revolucionários e o melhor é que roubei um vidro de Água de Melissa (relíquia de minha avó) e levei a dar doses de calmante aos "revoltosos" para que êles tivessem bastante calma e vencessem a revolução.

A maior emoção de minha carreira foi a surprêsa que tive, ao saber, na rua, por uma amiga, que havia sido laureada pela Academia Brasileira de Letras. Entretanto, no momento, não estou concorrendo a um novo prêmio na Academia.

PRÊMIO OLAVO BILAC

A poetisa Beatrix dos Reis Carvalho obteve-o com seu livro de poesias "Eterna Presença". Beatrix é funcionária da Prefeitura. Das laureadas, é a única que trabalha fora de casa. No seu magnífico apartamento à Avenida Atlântica, a jovem poetisa responde à nossa entrevista; servindo-nos de vez em quando um cafézinho, que é um verdadeiro estímulo para o repórter:

—Nasci no Distrito Federal. Frequentei o Ginásio de São Marcelo. Terminando o curso, fiz vários estudos superiores entre os quais destacam-se os estudos com meu pai que para mim escreveu as suas "Noções de Filosofia Primeira". Dediquei-me também ao piano e ao canto e, se abandonei o piano, o canto faz parte integrante da minha vida.

Das recordações da minha infância, vem-me ao pensamento a seguinte: aprendi as primeiras letras com uma senhora inteligente e culta, que recebia alunos em sua própria casa. No princípio foi tudo muito bem: eu fazia cerimônia. Depois, familiarizada com o ambiente e os companheiros, as traquinices começaram e, de tal forma irritei a professôra que ela, penalizada, embora por se tratar da filha de uma amiga de infância, não trepidou em escrever um cartão à minha mãe, suspendendo as aulas, alegando ser eu "indisciplinada, vadia e que não daria nada na vida". Felizmente para mim, para ela (morta já, coitada), e para a família, tal profecia não se realizou...

(Cont. na pág. 52)



Carolina Nabuco mostra à repórter um exemplar do romance "Chama e Cinza", que lhe deu o prêmio Coelho Neto

AS BROAS DE MILHO

CONTO DE NEYDE JOPPERT

QUANDO cheguei àquela casa enorme, [illegible] com os encantos de uma nova pintura, francamente não imaginava que as brancas paredes da minha nova morada seriam em breve um fantasma para o meu espírito fraco e tímido.

Naquele tempo tinha pouca saúde, andava sempre amarrada dos meus males de músculos, que os médicos baratos afirmavam ser reumatismo e os grandes doutores tinham por certo como sendo um começo de paralisia. As pernas me traíam. Fôra-se a agilidade que seria justo esperar dos meus verdes anos. Um enorme receio de cair, de fraquejar, de enfim me convencer da minha invalidez, prendia-me eternamente ao assento de palhinha de uma cadeira de rodas.

Tinha recursos. Sem parentes, sem problemas, sem sonhos demasiados, não tinha do que me queixar. O dia de amanhã era para mim uma coisa sempre longínqua, completamente desinteressante para que o encarasse no dia de hoje.

Foi assim, [illegible] da minha fraca bagagem habitual, que cheguei àquela fazenda de Rio Dourado para um longo repouso de verão.

Fôra-me deixada por um tio amigo, num comovente testamento em que me fêz senhora de tudo que juntara em seus cinquenta anos de vida.

A fazenda era uma enorme sucessão de bosques frondosos, [illegible] de cultivo e de [illegible]. Meu tio era assim um tipo sem muito apego pelas coisas [illegible]. Gostava de receber cordialmente o dinheiro quando êste o procurava, mas tinha que sair incapaz de buscá-lo por lugares muito distantes de seu alcance.

A casa era antiga de estilo e de porte; tôda cercada de lampeões coloniais que lhe emprestavam um bizarro aspecto de solar velho. Por dentro era sóbria: móveis escuros, longas portas almofadas meio [illegible], paredes altas, [illegible] cobertas de telas de bom gôsto.

Recebi a fazenda com tudo que possuía, inclusive a criadagem. Mas o que esperava encontrar como criadagem era apenas um casal de velhos mulatos e um cão preto, semi-leproso, que uivava tôdas as noites em baixo da minha janela.

Ao meu primeiro contacto com a casa tive a estranha impressão de que herdara um museu. E um museu não apenas de coisas palpáveis, de telas antigas e móveis preciosos, mas um museu de sombras furtivas, de recordações palpitantes que andavam sôltas pelos quartos e corredores.

Um suave arrepio gelado foi o primeiro acorde do meu pesadelo.

★

[illegible] que [illegible] vida. [illegible] silenciosamente [illegible] A companhia [illegible] lábios grossos eram a única coisa [illegible] naquele [illegible] de negra que [illegible] por [illegible]. Sua voz era arrastada e baixa como um lamento; irritava-me. Parou três passos antes da minha cadeira.

— Sinhora vai mandá o João comprá mio prá fazê broa?

Fechei o livro.

— Creio que não, Eustáquia. Detesto broa de milho.

O olhar dela não se alterou.

— Mas hoje é sexta-feira, Sinhá.

— E que é que tem isso?

— E' dia de levá broa pro Sinhô Manuel.

Tive um desagradável tremor. O único Manuel que se conhecia nos arredores era meu finado tio. Mesmo assim não perdi a calma.

— Você quer dizer para o tio Manuel?

— É, Sinhá.

Acho que tive um riso amarelo.

— Que brincadeira de mau gôsto é essa, Eustáquia? Pois tio Manuel já não morreu?

— Morreu, mas continua gostando de broa de mio. Eu e o João levamo tôda sexta-feira de noite e botamo na cova dele.

Primeiro fiquei muda. Depois tentei explicar o absurdo que andavam praticando, mas calei novamente. Afinal aquilo podia não passar de uma mania da idade, de uma devoção carinhosa de corações ingênuos que haviam passado uma vida com meu tio. Tive até um sorriso ante a visão cômica de uma tumba de cemitério coberta de broas.

Dei o dinheiro e encerrou-se o assunto.

Mas muitos assuntos que damos por encerrados costumam a vir dançar à nossa roda quando a noite é escura, um cão uiva e estranhas impressões nos tiram o sono. O medo! ah! êsse grande monstro negro filho da nossa imaginação. Confesso que o conheci de perto àquela noite.

Sentei na cama, angustiada. Olhei o relógio: quase duas da madrugada. O maldito cachorro uivava dolorosamente e uma calmaria de estátua petrificava tôda a paisagem dos bosques. Amparando-me a um e outro móvel consegui pôr um agasalho e apanhei as muletas que eu não dispensava. Suspensa àquelas ruidosas pernas de madeira, alcancei o jardim e tomei uma trilha que acabava numa colina perto de casa. A excursão era penosa mas creio que nem a sentia. Estava obsecada pelo caso das broas de milho. Qualquer coisa imperiosa me obrigava a ir até o diminuto cemitério da fazenda. Queria saber o que sentiria se visse meu tio sair da cova para saborear aquelas broas.

Perdoem-me os amigos. Mas quem já tiver experimentado essa angustiante sufocação que o terror nos põe na garganta compreenderá o que eu sentia naquele momento.

Quando dei por mim estava atrás de um pinheiro anão de galhos ralos. Vinte metros adiante estava a sepultura de tio Manuel. Conhecia-a bem; visitara-a no dia em que me mudara para a fazenda. Lá estava, imersa em quietude; sôbre ela um volume.

Esperei muito tempo. Já então não me tremia o corpo nem havia idéias tão baralhadas na minha cabeça. O bom senso retomava-me em seu seio tranquilo e confortador.

De repente tive a impressão mais violenta que já me assaltou. Surgido da treva, vindo não sei de onde, aproximava-se um vulto lento, meio embolado sôbre si mesmo, com passo largo e macio. Meu coração disparara! A emoção foi tão forte que mal guardei idéia de como o fantasma banqueteou-se, nem de como voltei à casa.

Quando retornei à calma Eustáquia fazia-me beber um pouco de conhaque. Tossi meio sufocada; tinha os olhos tão arregalados que poderia enxergar o mundo inteiro de uma só vez. Vi meu rosto refletido num espêlho e quase pensei que estivesse maluca: tinha os olhos esgazeados, uma palidez convulsa cobrindo todos os meus traços. Eustáquia batia meigamente no meu ombro enquanto sorria com seus velhos cacos de dentes.

— Sinhá num devia tê saído de casa! Quem é ruim das perna e tem medo de fantasma num deve pisá em cemitério de madrugada.

Escutei aquela pregação meio debochada sem retrucar. Esforçava-me apenas por reaver meu contrôle. Afinal consegui. Encarei a mulata.

— Como é que você sabe que estive no cemitério?

— Nois tava lá, Sinhá. Eu e João sempre ficamo rezando ali por perto prá espantá os lobisome.

Fiquei com os cabelos eriçados.

— Lobisomem? Também há disso por aqui?!

ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROZ

SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

Eustáquia benzeu-se.

— Si há, minha fia! Êsses bicho do demo já tivero peito prá intrá inté aqui no corpo da casa!

Retesei-me contra a poltrona; ia ficando apavorada outra vez.

— O que?! Aqui dentro?!

Eustáquia confirmou medrosamente com a cabeça.

★

Nesta noite dormi um sono entrecortado, violento, cheio de visões macabras. Mas quando o sol saiu por trás do bosque e inundou a mataria com a tepidez de seus braços dourados, ergui-me na cama e senti uma doce impressão de paz. Vi o campo através a janela, vi o céu pontilhado ainda pelo rubor da manhã e a luz escorrendo por entre os galhos mais altos da floresta. Tudo era vivo de mais, bonito de mais para comportar visões de fantasmas. Comecei a rir de mim mesma. Começava a avaliar quanto fôra cômico o meu pavor.. Imaginem, eu com seis anos de universidade acreditando em fantasmas, lobisomens e mulas-sem-cabeça! Realmente era impagável. Deixara-me impressionar pela ignorância de Eustáquia; tinha a impressão de que me assemelhava a uma criança com medo de quarto escuro.

E o caso do vulto que comera a broa de milho?

Lá vinha aquela estranha voz interior questionar comigo sôbre os fatos da véspera.

— Ora! — retruquei — algum pobre diabo esfaimado que matava a fome à custa da burrice de Eustáquia.

E berrei pela mulata pedindo minha cadeira de rodas. Após uma noite de sobressaltos nada melhor que uma boa manhã de sol e céu azul e matas orvalhadas.

★

Os dias voltaram a ser tranquilos. Protegida pelo bom-senso, consegui resistir a todos os pensamentos cinzentos que às vêzes rondavam minha cama durante a noite. Procurei olhar de frente as fisionomias soturnas das telas da biblioteca embora muitas vêzes me parecesse que elas trocavam sinais e olhares significativos. Procurei com naturalidade sentar naquela poltrona que fôra a favorita de meu tio durante cinquenta anos, embora sentisse estranhos calafrios eriçando a penugem de meus braços.

Mas triunfou o bom-senso. Pelo menos eu fiz esforços sôbre-humanos para que assim sucedesse; e esta vitória prolongou-se até a sexta-feira seguinte, quando lá me veio a Eustáquia com a mesma cantilena da semana anterior.

— Sinhá vai mandá o João comprá mio prá fazê broa?

Deixei de lado o belíssimo album de selos que folheava e encarei Eustáquia resolutamente.

— Não minha velha; vamos acabar com essa palhaçada de levar broa de milho para defunto; os vivos aqui de casa já comem bastante à minha custa.

Eustáquia rodou nos calcanhares sem questionar. Sorri comigo mesma, sentindo que a casa era minha e eu podia dispor de tudo à minha vontade sem dar satisfações às sombras que habitavam os cantos escuros. Minha atitude era uma espécie de ultimatum; um despejo em massa para todos os fantasmas que ali vivessem gratuitamente.

Chegou a noite; fiquei até tarde metida na leitura de todos os livros preciosos de meu tio; aquela biblioteca era um grande tesouro em letras. Quando o velho carrilhão da casa deu os pesados acordes da meia-noite achei que era tempo de me recolher. Apaguei tudo; ia girando minha cadeira pela penumbra do ""hall" quando bateram soturnamente na porta da rua. As pancadas sêcas e rítmicas ecoaram lúgubres por tôda a casa. Fiquei petrificada. Lá fora zunia um frio vento de inverno e subitamente tive a impressão de que se haviam aberto tôdas as portas e janelas ao meu redor. Passavam frias correntes geladas em tôdas as direções. Abri a bôca para chamar Eustáquia, mas não cheguei a falar. Novamente bateram forte e pausado na porta da rua e ouvi nitidamente uma voz lamentosa inquirir lá de fora:

— Onde é que está minha broa...

Todos hão de concordar que a coragem também tem limites; a minha terminou ali. Dei um enorme salto da cadeira de rodas e saí gritando pela casa.

— Eustáquia! João! Acudam!

Aquêle foi o maior remédio que eu poderia ter tomado para o meu reumatismo. Mas no meio do meu terror nem cheguei a reparar que estava correndo; correndo com as minhas próprias pernas!

Disparei, escada acima, para o meu quarto. Não sei por que o instinto me guiou para lá; talvez porque o destino fizesse questão de me curar inteiramente. Foi um bom médico o destino!

Quase sem fôlego, escancarei a porta e fui direto à minha cama. Queria me enfiar sob os travesseiros, sob o colchão, em qualquer canto, enfim, que me fizesse surda àquele tenebroso lamento lá de baixo.

— Onde é que está minha broa?...

Estava a um salto da cama quando uma coisa terrível me fêz parar: lá, sôbre as cobertas, estava um vulto negro, uma coisa horripilante de olhos incandescentes! Não vi com exatidão porque o quarto estava escuro e meu pavor era de cegar. Mas pelo que ouvira de Eustáquia ali estava um lobisomem em pessoa. Quando aquela coisa aprontou-se para vir ao meu encontro, senti-me novamente acionada por aquela mola poderosa que me fizera deixar a cadeira de rodas: fiz uma volta rápida e desci as escadarias como uma flecha. Saí pelos fundos da casa, pois lá na frente estava o fantasma de meu tio, provavelmente com fome reclamando sua broa de milho. Corri no escuro da noite em direção à garagem; entrei no carro, manobrei, contaminei-o com o meu pavor e lá saímos os dois cabriolando pela estrada, fugindo, fugindo daquele hotel de assombrações.

★

Amanheci na casa de meu advogado. Devia estar pálida e sem fôlego, pois êle me fêz entrar cheio de cuidados embora imensamente surpreendido por me ver andando desembaraçadamente.

Fui logo ao assunto. Contei sem pejo todos os meus pavores, pois duvidava que alguém encarasse com sangue frio as situações por que eu passara.

— Quero vender a casa, dr. Figueira. Quero fazer leilão de tudo aquilo.

Êle me encarou pensativamente por cima dos óculos.

— A senhora acredita em fantasmas?

A pergunta me pôs em xeque.

— Bem, doutor, eu não acreditava; mas creio que os fatos me persuadiram.

Êle tornou a pensar um bocado.

— Dona Ester, eu sugiro que seria bom darmos uma olhadela detalhada no testamento de seu tio; tenho uma cópia aqui em casa.

E foi buscá-la.

Lemos detidamente aquela infinidade de desejos que meu tio imprimira naquele papel. Como lidar com seus tesouros artísticos, o que fazer quando as apólices baixassem, como aplicar os juros do banco e mil e umas outras coisas importantes para a continuidade da solidez de sua fortuna.

Lá no meio de tudo aquilo o doutor Figueira pareceu achar o que procurava. Sorriu um sorriso de triunfo e me indicou meia dúzia de linhas.

— Pode ser esta a chave do mistério!

(Cont. na pág 48)



A FACA DE SANSÃO

Mickey Skerrad, encarregado do guarda-roupa masculino, ajusta uma das mais famosas e históricas facas ao musculoso braço de Victor Mature (Sansão), antes da filmagem de uma das cenas de "Sansão e Dalila". Com a citada faca, Dalila (Hedy Lamarr) corta os longos cabelos de Sansão...



O DIRETOR Cecil B. DeMille, realizador de "Sansão e Dalila", gosta que os intérpretes dos seus filmes estejam sempre satisfeitos. Êste cordeirinho (a ovelha é um animal bíblico), que toma parte em uma cena do filme (êle aparece nos braços de Sansão em um dos momentos mais importantes do filme), recebe uma de suas refeições dada pelo próprio diretor. No momento em que esta fotografia foi feita o cordeirinho tinha três semanas de idade

DEMILLE VOLTA AOS TEMAS BÍBLICOS

SANSÃO E DALILA

DESPRETENCIOSA HISTÓRIA DE UM DISCUTIDO REALIZADOR DE HOLLYWOOD ★ "THE SQUAW MAN" E O INÍCIO BÍBLICO DE "OS DEZ MANDAMENTOS" ★ UM CONDUTOR DE MASSAS HUMANAS ★ O HOMEM QUE DESCOBRIU O SEGRÊDO DO GRANDE PÚBLICO ★ "SANSÃO E DALILA" E A VOLTA A UM TEMA PREFERIDO ★ A ADAPTAÇÃO DEMILLEANA DA BÍBLICA HISTÓRIA DO DAMITA E DA FILISTINA

Reportagem de LUIZ ALÍPIO DE BARROS (Fotos **Paramount**)



HEDY LAMARR, a "Dalila", descansa depois de uma filmagem estafante



HENRY WILCOXON, o "Artur", aproveita uma folga e telefona para casa



VICTOR MATURE, o "Sansão", aproveita o intervalo para um cigarro e barbear-se

VICTOR MATURE, caracterizado de Sansão, e o veterano produtor e diretor Cecil B. DeMille, examinam e conversam sôbre o tipo de chaves usado há 3.000 anos passados, nos tempos em que Sansão era o terror dos filisteus e Gaza o centro de seu mundo. Como o leitor pode observar, as chaves daquele tempo não eram do tipo ideal para se carregar no bôlso... ou mesmo em maletas de mão. Para carregá-las, só mesmo o forçudo e "cabeleira" Sansão, um sujeito capaz de derrubar templos

COM o espetaculoso "Dansão e Dalila", Cecil B. DeMille volta aos temas bíblicos. A primeira incursão de DeMille pelo terreno da "Bíblia Sagrada" deu-se em 1923, quando o famoso realizador de Hollywood transportou para a tela a história de "Os dez mandamentos". Para a época, a realização representava uma iniciativa descomunal, um super-espetáculo, elogiado e discutido pela crítica, consagrado pelo grande público que aplaudiu o filme e ofereceu aos produtores uma belíssima bilheteria. Houve em "Os dez mandamentos" cenas inesquecíveis, e até hoje os veteranos lembram com saudade os célebres momentos da passagem do Mar Vermelho ou da multidão de pecadores.

O caráter épico, espetacular, jamais abandonou os filmes de DeMille. E o que veio depois, realizado pelo homem que tão decididamente entrou na história de Hollywood através de "The squaw man" (Amor de índia), trouxe sempre os princípios de super-espetáculos estabelecidos em "Os dez mandamentos", apesar de algumas produções terem descido a um triste nível artístico.

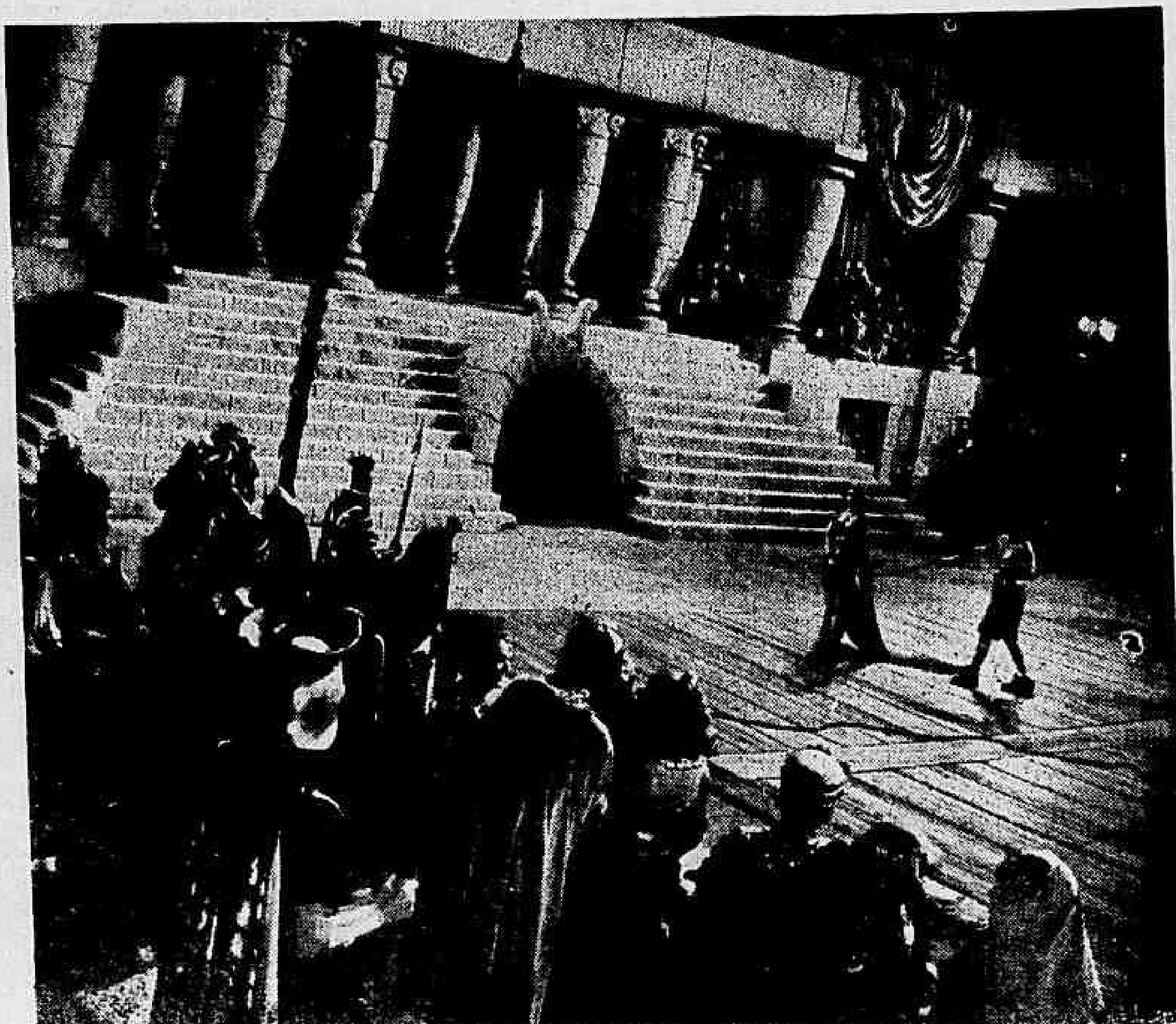
UM POUCO DE DEMILLE

O famoso realizador de Hollywood tem sido bastante atacado pela crítica. Talvez pela fama alcançada pelo realizador, ou mesmo pelo caráter sempre monumental que êle dá às suas películas (certamente isso exige mais do que um simples filme), a verdade é que os puristas da crítica não dispensam certos erros, ou certas liberdades, ou certas situações menos abonosas (estamos falando sob o ponto de vista artístico), empregadas por DeMille em muitas de suas películas.

De fato, Cecil B. DeMille tem cometido muitos erros, por vêzes gravíssimos, nesses seus trinta e tantos anos de cinema. Películas houve, assinadas pelo conhecido homem de cinema, de resultados desastrosos para a



HENRY WILCOXON, que faz em "Sansão e Dalila" a figura de "Artur", chefe militar de Dan, ensaia com o diretor uma defesa à DeMille. Wilcoxon é um dos atores preferidos do realizador de "As Cruzadas"



A FOTO mostra a reconstituição do templo de Gaza, que foi destruído pelo poderoso Sansão. O gigante bíblico, forçando as colunas do templo, fêz com que êle ruísse; a sua prodigiosa fôrça havia renascido



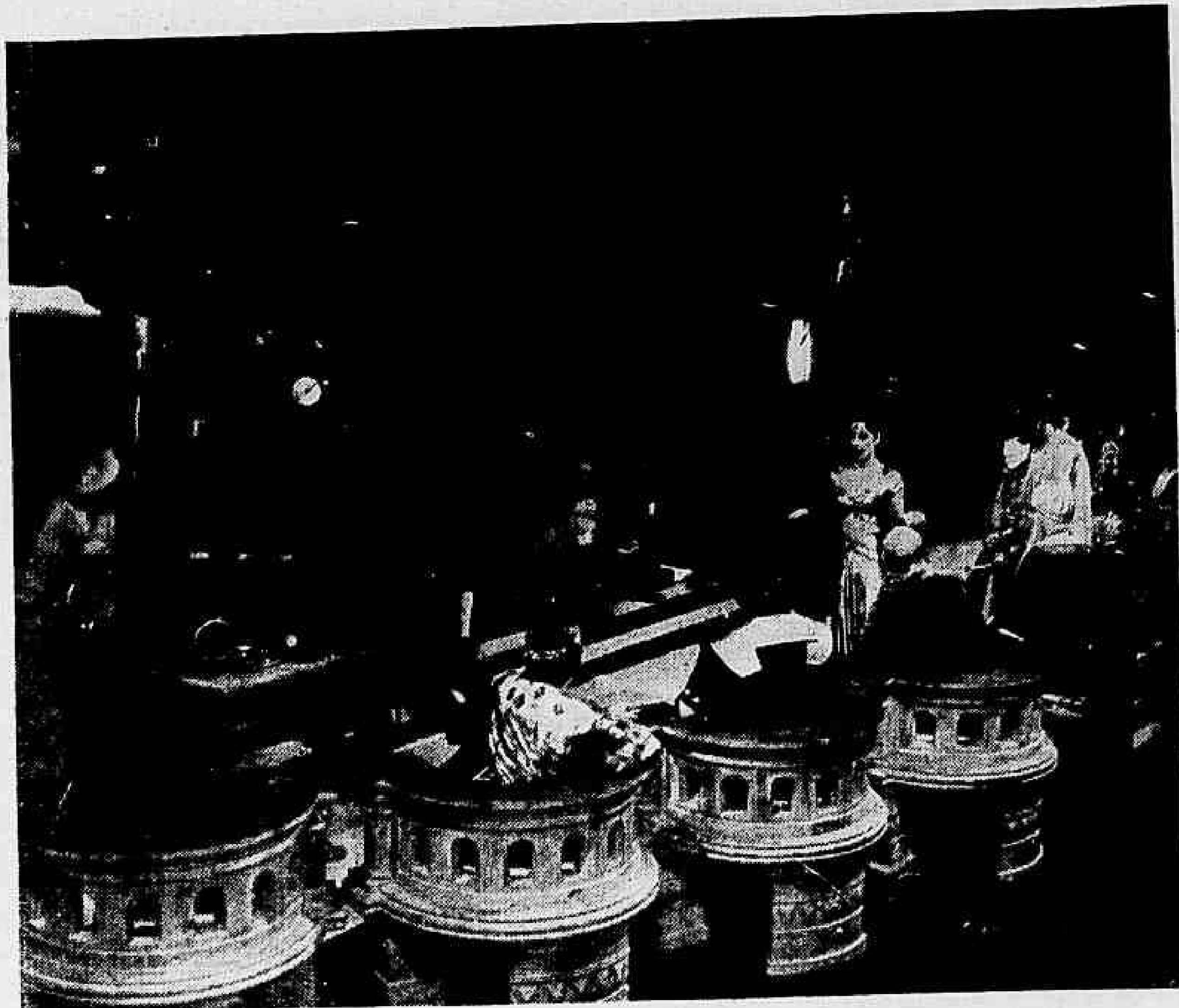
HEDY LAMARR e Victor Mature ensaiam uma das cenas de "Sansão e Dalila", controlados pelo diretor DeMille, o homem que voltou, com esta sua nova produção, aos temas bíblicos. DeMille havia feito antes "Os dez mandamentos", "O rei dos reis", "O sinal da Cruz" e "As Cruzadas". Homem que gosta de dirigir multidões, DeMille usou nas cenas do templo de "Sansão e Dalila" mais de 1.000 extras, numa reconstituição aparatosa dos faustosos tempos de Gaza, uma das cidades bíblicas

sua fôlha de serviços. Tôdas as suas produções após "Jornadas heróicas", sem dúvida um dos seus melhores filmes, serviram apenas para dar uma triste impressão que o dinâmico DeMille nada mais era que um decadente.

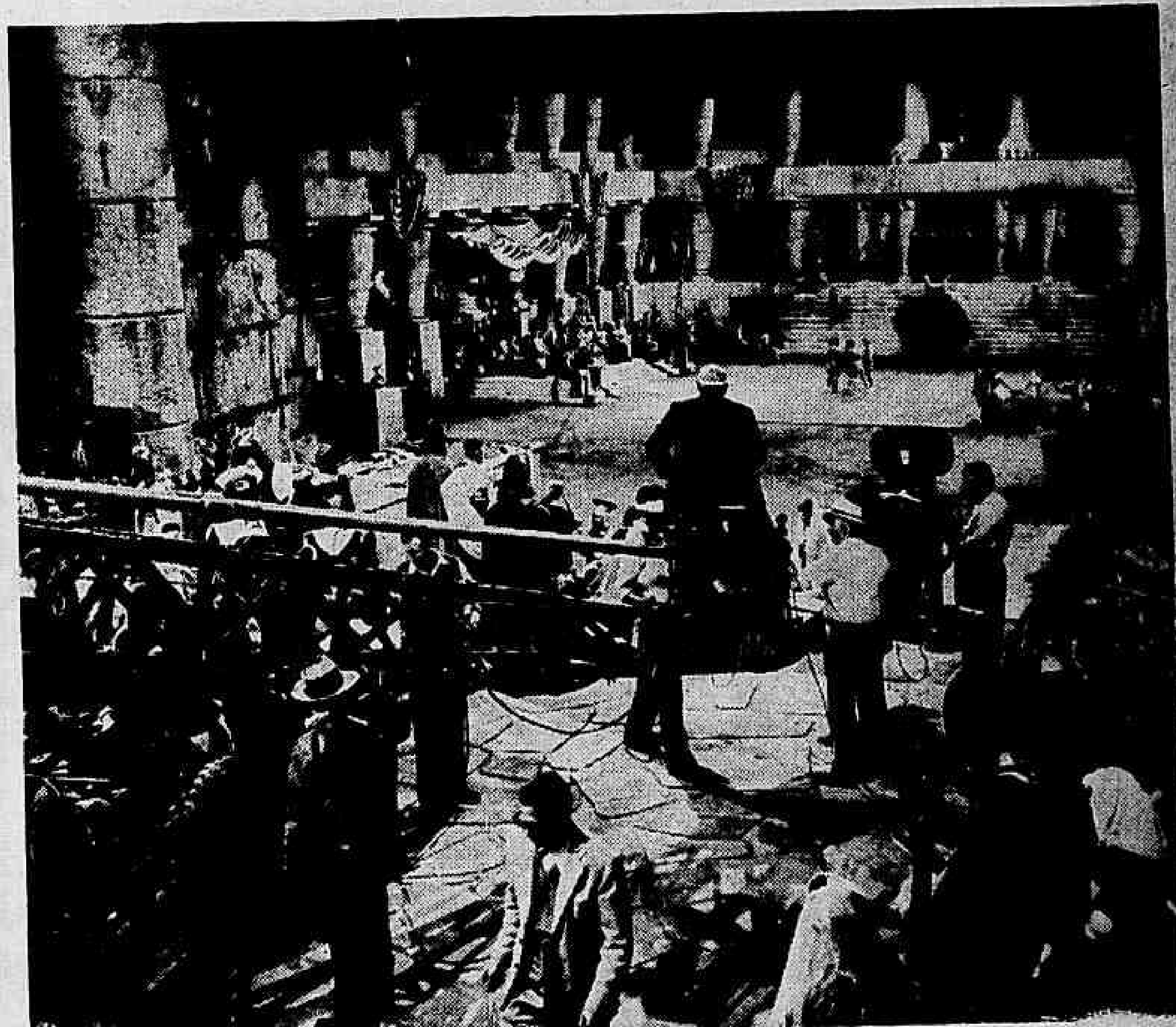
Grandes restrições podem ser feitas a DeMille, evidentemente. Mas não se pode deixar de reconhecer que êle é um homem a quem a indústria cinematográfica norte-americana deve muito. DeMille foi um pioneiro, um pioneiro necessário e excelente. Êle acreditava no poderio da indústria da mais nova das artes, e trabalhou, e lutou para estabelecer esta indústria. E seu trabalho, adicionado ao trabalho de outros como êle, transformou Hollywood na maior potência cinematográfica do mundo.

E convém frisar, também, que é precipitada e ilógica a opinião irreverente de alguns "inimigos" de DeMille, plenos em afirmar que o veterano realizador nada entende de cinema. Ao contrário, DeMille é um velho conhecedor do terreno que pisa, e sabe muito bem onde tem o nariz. O seu passado cinematográfico, com alguns filmes de qualidade — "Os dez mandamentos", "Jornadas heróicas" (The Plainsman) e "As cruzadas", por exemplo — bastam para comprovar a sua capacidade realizadora e os seus conhecimentos na matéria.

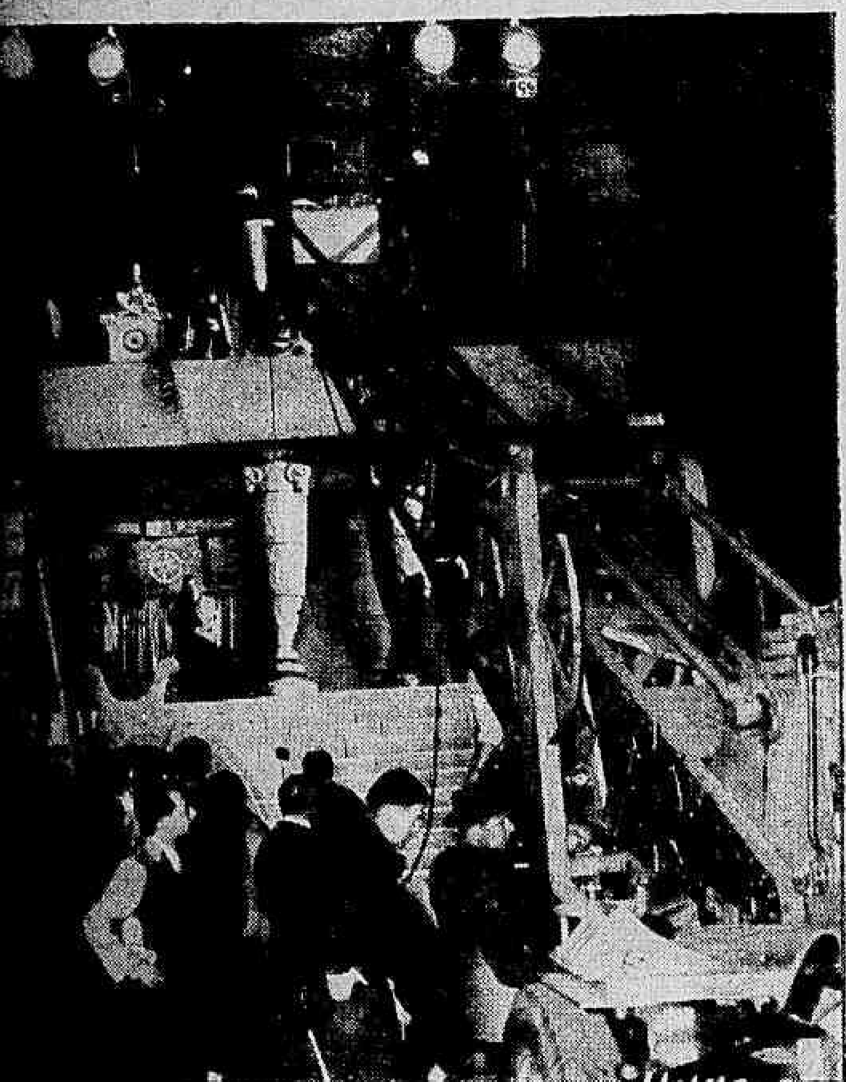
O que DeMille é, isto sim, é um homem que acredita mais nas possibilidades industriais e comerciais do cinema do que no seu próprio valor como realizador e criador. DeMille é considerado um conhecedor profundo do gôsto do grande público. E com esta mentalidade êle tem orientado a sua cinematografia, ao ponto de abandonar, muitas vêzes, os indispensáveis valores artísticos de que uma película necessita, mesmo a mais comercial possível. Não pretendemos defender o ponto de vista de DeMille, nem nos dispomos a abonar a orientação essencialmente comercial que o conhecido reali-



FILMAGEM da cena em que Dalila, perante os onze conselheiros, estabelece o preço pela captura de Sansão. À direita, aparece George Sanders, na interpretação do Governador, "lord" dos Filisteus. (Livro dos Juízes)



OUTRO DETALHE de filmagem, aparecendo a reconstituição do templo. Nas cenas do templo foram usados dois palcos de som e 400 eletricistas para iluminar e atender os dois palcos (divididos em seções) ao mesmo tempo



FILMANDO as cenas do templo, depois da captura de Sansão



MATURE, DeMille, e Angela Lansbury (Semadar) em preparativos



DALILA conserta o penteado e estuda o seu bíblico papel



ANTES DE FILMAR, DeMille gosta de conversar com os intérpretes sôbre as cenas que vão ser feitas. Aqui aparece o famoso diretor da Paramount discutindo assuntos de filmagem com Hedy Lamarr e Georges Sanders, o equilibrado e seguro Sanders aparece fantasiado de Governador dos Filisteus, o homem que mandou arrancar os olhos do poderoso Sansão



zador emprega nos seus filmes — somos daqueles que preferiam ver DeMille usando os seus conhecimentos e a sua experiência em películas de autêntico valor artístico.

O PASSADO DE UM REALIZADOR

Tomemos emprestada a máquina do tempo ao Brucutu e ao professor Papanatas, e voltemos ao ano de 1913. Neste ano DeMille dirigia (a produção era dele e de Jesse L. Lasky) "The squaw man" (Amor de índia), película que tinha no seu papel principal um dos atores em maior evidência na época, Dustin Farnum. Com "The squaw man", Lasky e DeMille estabeleciam o que é hoje a Paramount Pictures, Inc.

Naquela época DeMille era jovem e tinha já sua careca. E sob a careca, miolos que alojavam muitos sonhos e uma clarividente noção comercial. Com grande espírito de luta e disposição física, lançou-se êle ao trabalho. Havia começado sua carreira como diretor numa interessante película do oeste — "The squaw man" — baseada em uma história original de Edwyn Royle, novamente aproveitada pelo próprio DeMille, muitos anos mais tarde, já na cena falada, em 1931. Em 1915 dirige "Carmen", baseada na obra de Bizet, e em 1917 começa a se interessar pelos dramas sacros e bíblicos, e realiza a história cinematográfica de Joana D'Arc, no filme "Joan the Woman", com Geraldine Farrar no papel título (Geraldine Farrar fêz a "Carmen", também). Com Gloria Swanson, Lila Lee e Thomas Meigham nos principais papéis, DeMille filma "Macho e fêmea", em 1919.

Mas foi em 1923, com o seu primeiro drama bíblico, "The Ten Commandments" (Os Dez Mandamentos), que DeMille alcançou projeção mundial como diretor e realizador. "Os dez mandamentos" talvez possa ser considerado com "The Plainsman" (Jornadas heróicas), os dois melhores trabalhos na carreira cinematográfica de DeMille. Em 1923, DeMille dirigiu ainda um filme de sucesso popular "Adam's rib" (A costela de Adão). Em 1926, fazia "O barqueiro do Volga". E em 1927, procurava novamente os temas bíblicos e realizava "O rei dos reis", película muito discutida, mas em verdade um autêntico sucesso de bilheteria — além de ter dado oportunidade a H. B. Warner para um bom desempenho no papel de Jesus Cristo. Depois fez "Dinamite" (1929), "Madame Satan" (1930), a outra versão de "The squaw man" (1931), "O sinal da cruz" (1932), "This day and age" (1933), "Cleopatra" e "Four frightened people" (1934), "As cruzadas" (1935), "The Plainsman" (Jornadas heróicas — 1936), "Lafitte, o corsário" (1938), "Union Pacific" (1939), "North West Mounted Police" (1940), "Vendaval de paixões" (1942), "Pelo vale das sombras" (1944) e "Os Inconquistáveis" (1946).

Na cena falada, entre as muitas películas de DeMille preferimos "The Plainsman" (Jornadas heróicas), filme em que o conhecido realizador tem ocasião de dirigir novamente uma história do oeste, e "As Cruzadas", película que possui as suas qualidades, principalmente nas cenas de luta, onde DeMille mostra um bom senso de corte e montagem. Nada de importante apresentou De Mille em "Cleopatra" e "O sinal da cruz" a versão de 1931 de "The squaw man" é um filme com algumas qualidades, e tôda a série que veio em seguida a "Jornadas heróicas", é o que DeMille possui de menos representativo, sendo "Vendaval de Paixões", "Pelo Vale das Sombras" e "Os Inconquistáveis", os mais fracos da série. De 1912 a 1949, DeMille dirigiu mais de setenta filmes.

AO LADO: DeMille dirigindo uma cena onde aparecem Henry Wilcoxon, Angela Lansbury e Victor Mature. Muita atenção, e muito trabalho. E dizem que filmar é uma bobagem... uma fácil bobagem



DEMILLE mostra a "Sansão" Mature a célebre queixada de jumento

AGORA, O DERRUBADOR DE TEMPLOS

Mas agora, segundo o próprio DeMille afirma, êle vai voltar com vontade aos seus temas preferidos — os temas bíblicos — e promete, na sua história cinematográfica do damita Sansão e da filistina Dalila, levar para a tela aquêle esplendor de super-espetáculo, mais ampliado ainda, que êle gosta de apresentar em seus filmes. O filme, que possui o título de "Sansão e Dalila", já está terminado, tendo mesmo sido exibido, numa sessão-surprêsa, em uma cidadezinha da Califórnia. Pensou com isso DeMille obter a reação do público. A reação, segundo afirmam, foi boa. E que fêz a Paramount? Guardou o filme para um lançamento de grandes proporções em 1950.

"Sansão e Dalila" pode ser considerado como um dos filmes mais caros de DeMille. O conhecido realizador tomou parte saliente no argumento e na cenarização da história do poderoso e forçudo Sansão, o derrubador de templos, e da insinuante e perigosa Dalila, a mulher que cortou os cabelos da muralha damita. Tôdas as armas e objetos de uso da época foram reconstituídos sob a supervisão direta de DeMille, e nos amplos estúdios da Paramount foi preparada, com grande espetáculosidade no decor, a reconstituição dos vários locais onde se desenrolou a tragédia. Pelas fotografias que ilustram as oito páginas desta reportagem, o leitor pode observar que DeMille teve carinhos especiais para com a reconstituição do templo de Dagon, em Gaza. Nas filmagens das cenas do templo, DeMille teve que usar dois palcos de som e empregou mais de 400 eletricistas que tinham que iluminar fracionadamente os palcos, visto que, da maneira como estava preparado o set para a filmagem, não havia corrente suficiente para iluminar os dois palcos ao mesmo tempo. No episódio do templo, quando Sansão faz ruir o edifício sôbre si e sôbre seus inimigos, DeMille empregou mais de 1.000 extras.

A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Naturalmente DeMille fêz no seu mais recente filme uma série de concessões ao público, e para que o bíblico episódio de Sansão e Dalila ganhe em interêsse perante o grande público cinematográfico, êle cortou, adicionou e modificou muita coisa na história verdadeira. A ficção empresta assim os seus prestimosos serviços, coisa que sempre acontece em Hollywood, com filmes no gênero... ou não!

De Hollywood, recebemos uma espécie de sinopsys da adaptação (bastante livre) da história de Sansão e Dalila por DeMille. Para que os leitores tenham uma idéia de como Cecil B. DeMille transportou para a tela o episódio bíblico, aqui vai a tradução do resumo do argumento que nos chegou de Hollywood:

"Sansão, jovem cujas assombrosas demonstrações de fôrça física tornaram-no uma figura de grande popularidade, apaixona-se por Semadar, filha de um mercador de Timnata, e deseja casar-se com ela, se bem que a moça seja descendente dos cruéis filisteus, que por mais de quarenta anos conservavam seu povo sob terrível jugo.

O rival de Sansão ao amor de Semadar é Artur, chefe militar de Dan. A irmã mais moça de Semadar, Dalila, ama Sansão apaixonadamente, e na esperança de ser correspondida em seu afeto, ajudá-o a conquistar as boas graças do Governador, durante uma caçada de leões, quando Sansão tem oportunidade de matar um feroz animal usando apenas seus músculos.

Em recompensa ao seu gesto de audácia, o Gover-



AO LADO: Hedy Lamarr recebeu em seu camarim a visita de uma estrelinha de Hollywood. Ela é a garotinha Mary Jane Saunders, que vem aí na refilmagem de uma história já feita no cinema por Shirley Temple



DEPOIS de fazer uma cena violenta, Hedy Lamarr e Victor Mature lêem um engraçadíssimo cartão mandado por Bob Hope



CENA DE AMOR tem que ser cena de amor, diz DeMille. E Hedy Lamarr e Victor Mature se preparam para repetir a cena. DeMille é um profundo conhecedor do grande público, e sabe o que é que o grande público gosta de ver no cinema. A experiência de mais de 30 anos de Hollywood é um fato consumado



VICTOR MATURE aconselha: "Nem só de trabalho vive o ator... Vive de água também". E, rápido, vai molhar a garganta...

nador dá permissão a que êle se case com Semadar. Dalila fica furiosa por ser desprezada e resolve vingar-se. Consegue-o, por ocasião das festas do matrimônio, quando Sansão, ao propôr um enigma a Artur e outros filisteus, vem a ser traído por Semadar, que, agindo sob a influência de Dalila, consegue arrancar dele a decifração do enigma. Desiludido, Sansão luta com os filisteus, resultando dessa pelêja a morte de Semadar e de seu pai. O amor de Dalila se transforma num ódio incontido, jurando ela tudo fazer para aniquilar Sansão.

Conseguindo escapar dos seus inimigos, Sansão inicia uma guerra de morte aos odiados filisteus, sendo seguido pelo povo, que passa a considerá-lo um chefe.

Artur recebe a incumbência de prender Sansão, mas não logra êxito. Decide então o Governador impôr pesados e insuportáveis impostos ao povo de Dan, daí resultando que um dos habitantes da cidade, desesperado e aflito, traísse Sansão, entregando-o aos soldados de Artur.

Ao ser transportado para Gaza, Sansão implora o auxílio divino. E logo após, num ímpeto avassalador, quebra suas algêmas e, munido de uma queixada de jumento, à guisa de arma, derrota os soldados que o aprisionaram, recuperando assim sua liberdade.

O Governador fica furioso ao saber da fuga de Sansão. A fôrça do homem é realmente prodigiosa, pois os soldados foram impotentes para cumprir a ordem de prisão! Mas Dalila, agora uma famosa cortezã de Gaza e favorita do Governador, apresenta um plano para dominar Sansão — ela seduzirá o jovem com seus múltiplos encantos, obtendo dele a revelação do segrêdo de sua fôrça descomunal.

O Governador dá a necessária aprovação e Dalila parte para o vale, onde espera atrair Sansão à sua tenda. O jovem sucumbe aos encantos de Dalila, permanecendo a seu lado por vários dias. Dalila sente renascer seu antigo amor, e por alguns momentos abriga em seu espírito a idéia de abandonar o plano de entregá-lo ao saber que os filisteus mataram seus pais. Sansão se

(Cont. na pág. 52)

DEMILLE, Mature e Olive Deering antes da filmagem de uma cena de "Sansão e Dalila", o mais recente tecnicolor do realizador dos espetaculares filmes bíblicos. Sansão e a jovem, que pertencem à mesma raça, preparam suas rêdes para guerrear os Filisteus, os terríveis inimigos do poderoso Sansão





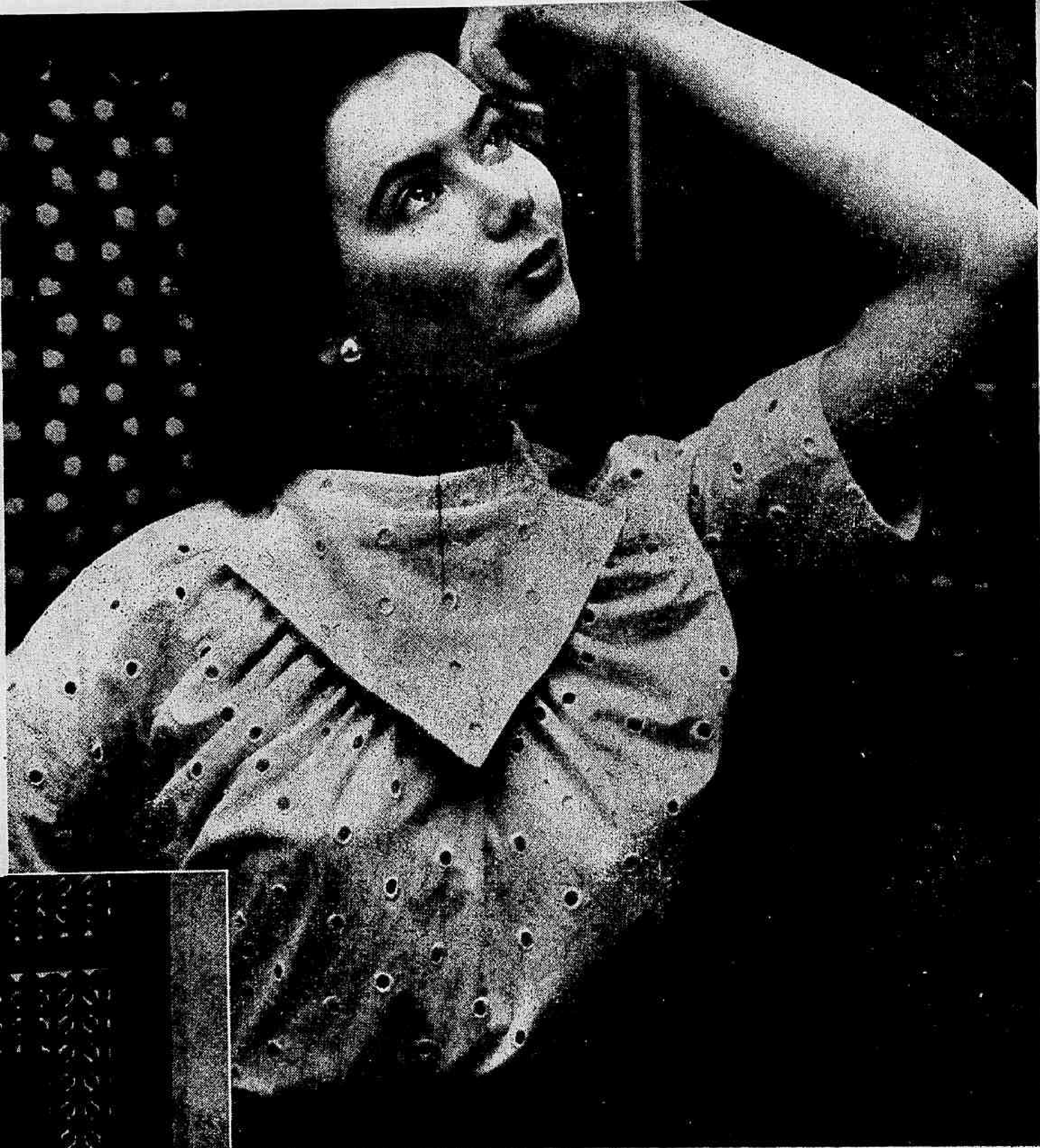
A INSINUANTE, voluptuosa, voluntariosa e apaixonada Dalila usa o seu mágico encanto sôbre Sansão...



"SANSÃO" MATURE
"DALILA" LAMARR

Depois de um longo periodo d
seleção e testes, De Mille entre
a Victor Mature e Hedy Lama
os papeis titulos de seu recen
espetáculo: "Sansão e Dalila".

NOVAS Blusas









NOVOS e sugestivos modelos são aqui apresentados para a sua apreciação. Ao alto, à direita, modêlo de Schiaparelli, bordado inglês, "jabot" em forma triangular; à esquerda, Jean Patou criou êste modêlo em "foulard" amarelo canário com "pois" prêto; em baixo, blusa em tafetá rosa pálido, grande gravata em seda rosa e prêto, com bordado em "strass", novamente à direita, blusa de Grès, com "movimento" no decote, de Magrim, modêlo em batista branca com bordados em "minguet".









Escocez

De há muito que o escocês se firmou como tecido favorito dos costureiros e das mulheres elegantes do mundo inteiro. Além disso, é um gênero de tecido que tanto veste bem uma mocinha como uma mulher. Daí, talvez o seu prestígio. Nesta estação, vemos o escocês como complemento de um vestido em tom unido, como saia, como "manteau", como echarpes, etc.



NOSSO DEDÉ FOI PRÁ GUERRA

CONTO DE **SILVEIRA JÚNIOR** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ZIRALDO PINTO**

DONA Madalena era uma senhora muito noticiosa e sabia de tôdas as guerras que existiam por êste mundo, que ela designava pelo nome genérico de "aí prá fora" e dividia em duas partes distintas: "aí prá cima" e "aí prá baixo".

Mal a gente se acercava do seu balcão para lhe pedir meio quilo de pó de café ou um pedaço de sabão, ela começava a passear as suas banhas pelo pequeno vão existente entre as prateleiras e iniciava a conversa:

— Tá feio aí p'rá cima. Diz que o Govêrno vai mandar fôrça...

Ou então:

— O Zidoro diz que não arreia...

Ora, para o pessoal do povoado Dona Madalena era uma entendida em assuntos militares. E não era para menos. Tôdas as suas conversas tinham por motivo movimentos armados. Se o feijão baixava (lá os freguêses compravam o produto, por isso é que êle baixava...), se a carne subia, a vendeira tinha sempre a explicação na ponta da língua:

— Não entra nem sai mais nada. Tá feio aí p'rá baixo...

E aguardava a reação do ouvinte pitando o seu palheiro e tamborilando com os dedos sujos no balcão.

A gente nunca sabia onde era êsse "aí p'rá cima", nem quem era o Zidoro mas por certas estampas bíblicas todos se davam conta de que a guerra devia ser uma coisa muito tremenda: homens montados a cavalo espetando a paleta dos outros. Um camarada caindo com o corpo retorcido e a mão espalmada tapando uma ferida. Soldados de bôca aberta com o sangue esguichando. Outros mais ilustrados se recordavam de pinturas guerreiras com brutos canhões fumegando e soldados de espada na mão, dando ordens em cima de cavalos de patas no ar. Não era sem razão que os poucos freguêzes da gorda senhora sentiam um calafrio a percorrer a espinha, quando ela começava a contar os fastos militares que, segundo ouvira dizer, estariam se passando "aí p'rá fora".

Nas conversas noturnas da venda, Dona Madalena pontificava. Ninguém a contrariava, uns por respeito à sua autoridade e outros para não desagradá-la, temendo um corte no fiado. No dia seguinte os membros do grupinho espalhavam pelas redondezas: "Ontem a Dona Madalena disse que o arroz vai baixar". "Ela disse que até o fim do mês a "coisa" arrebenta. Ora, a "coisa" todos sabiam: era a maldita guerra. De como a inteligente senhora se inteirava dessas notícias ninguém procurava saber. Ela não sabia lêr, mas poucos tinham conhecimento disso. Quando acontecia que, de permeio com os fornecimentos que fazia na vila próxima aparecia um pedaço de jornal, Dona Madalena guardava-o para ver as figuras e, quando algum freguês se apresentava, ela se dava ares de grande concentração, olhava para a folha com alheiamento às coisas que a cercavam, fingia surprêsa ao receber o "bom dia", largava o jornal e lá vinha a sentença infalível:

— As coisas estão ficando pretas. Aí p'rá cima já tão brigando. Diz que os jagunços...

Para ela, as hostes em litígio pouco interessavam: Zidoro brigava contra o Govêrno, os jagunços tinham investido sôbre Lopes, os fanáticos mataram Zé Maria. Ela recolhia os nomes de velhas histórias e colocava os seus heróis em campos opostos. Com isso, justificava as deficiências e a carestia da sua modesta vendola. Dona Madalena era uma espécie de Marte do povoado. Não faltava quem lhe atribuisse poderes misteriosos sôbre as flutuações da guerra e da paz.

★

Entre os ouvintes obrigatórios da rodinha, contava-se Dedé, moço medroso e encabulado. Não omitia opinião, não discordava. Gostava da quasi escuridade que a candeia de querozene dava à bodega. Essa criatura, que se acostumou a temer a guerra e seus horrores, teve o espírito temperado desde a meninice pelas conversas bélicas de Dona Madalena. Em criança, ficava assombrado quando sua mãi, Dona Teva, lhe mandava comprar alguma coisa. Sabia que Dona Madalena haveria de tocar-lhe no assunto de sempre: "Tá feio aí p'rá fora". Na imaginação de Dedé, nesse lugar misterioso deviam correr rios de sangue. Chegava a ter sonhos horríveis de lanças varando-lhe o peito. Acordava agitado. Na escola que frequentara alguns meses, temia a lição do terceiro ano. Ela vinha confirmar inteiramente as informações de Dona Madalena. Os rapazes, que davam o "ponto" alto, falavam também em Guerra dos Mascates, Guerra dos Farrapos, Guerra dos Holandeses... Foi nesse ambiente de temor, cercado de guerra por todos os lados, que Dedé foi crescendo e parou-se um moço sempre assustadiço. Mas, pelo hábito, não deixava agora de ouvir a conversa que tanto mêdo lhe infundia. Nas raras vêzes que intervinha era para desviar o assunto. Tratava da plantação de cana ou do corte do arroz. Procurava sempre motivo pacífico, mas, agora! Dona Madalena voltava à mesma tecla. E para dar maior autoridade às suas afirmativas, muitas vêzes condescendia em procurar o apôio dos presentes:

— Não é, seu Dodô?

E era sempre...

Um dia, Dedé foi avisado de que deveria comparecer à Vila. Aquilo já lhe cheirou mal. Foi à Intendência e lhe entregaram uma carta. A custo, muito nervoso, conseguiu assinar o nome num livro. Disseram-lhe que era o recibo. Tentou ler o que continha essa primeira carta que recebia, mas não chegou a compreendê-la. Apenas uma palavra reteve: "Guerra!" Lembrou-se das conversas da venda. Foi um vizinho quem leu a carta: a sua convocação militar. Dedé horrorizava com aquêle timbre do papel: "Ministério da Guerra". Devia ser uma guerra maior do que as outras ainda. Nunca teve dúvida de que a dona da venda tinha razão. Alí estava a prova. Êle devia apresentar-se "na guerra", sob pena de ser considerado insubmisso, palavra que sabia ser uma coisa medonha como "morrer enforcado" ou receber uma lança no peito. Pensou em fugir, meter-se no mato e não aparecer mais. Foi ainda Dona Madalena quem lhe disse que seria pior. Aliás, na visinhança as opiniões divergiam sôbre o fato: Dona Doca achava que o rapaz devia por o pé no ôco do mundo e desaparecer. Já a mãe de Totonho entendia que de nada adiantaria essa fuga porque, segundo afirmava, a "recoluta" iria buscar o moço nem que fôsse numa toca de pedra. Somente seu Janga, pai do sorteado, parece ter uma idéia mais aproximada da desgraça que atingira a família: entregava tudo nas mãos do destino. Fosse o que Deus quizesse.

Afinal, no dia aprazado. Dedé despediu-se da namorada e partiu entre prantos da família e desespêro geral dos vozinhos, não pela fatalidade que atingia a um conhecido, mas pela certeza de que

(Cont. na pág. 48)

SELECIONADO PELA "REVISTA DA SEMANA"

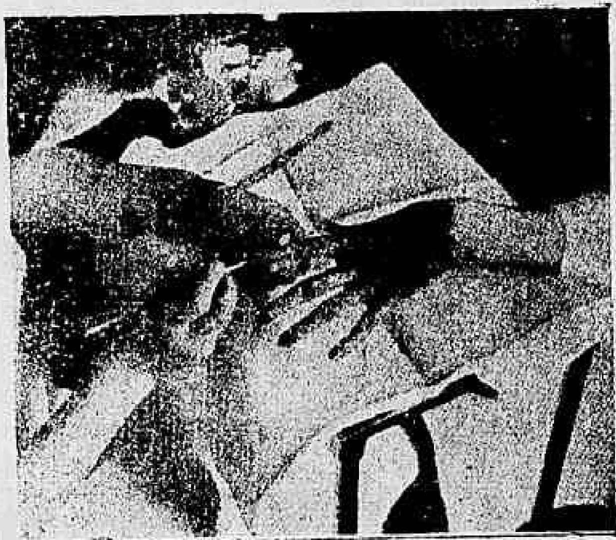


PROGRAMA DE BELEZA

AGORA que chega a primavera, prometamos à nós mesmas que iremos dedicar maior tempo e maiores cuidados à nossa beleza. E isto sem prejuizo das nossas atuais ocupações. Tudo que é necessário, é que se trace um programa de belezá, o qual deverá ser seguido religiosamente. Principalmente as mulheres que já passaram dos trinta anos deverão levar o caso à sério. E' preciso não esquecer que a boa aparência tem uma influência grande na nossa vida e que a concorrência é grande...



De quinze em quinze dias, o mise-en-plis



A manicure tôdas as semanas



Massagem facial de oito em oito dias



O retoque mensal dos cabelos



Cortar os cabelos todos os meses



O pedicure uma vez por mês

week-end NA COZINHA



LEGUMES EM MONTES

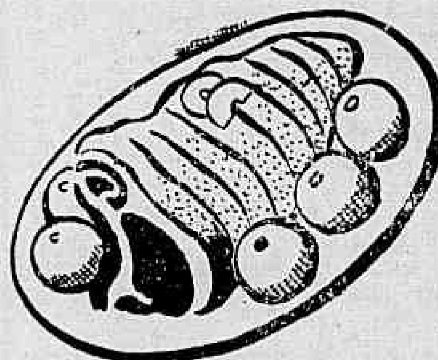
Cozinhe 1 couve-flor e destaque os ramos. Cozinhe ½ quilo de cenouras e ½ quilo de vagens e parta-as em tirinhas. Arrume ao redor de assados, bifes, etc., em pequenos montes e regue com um pouco de môlho holandês ou manteiga derretida.

★

EMPADINHAS DE QUEIJO

A massa: 7 colheres de farinha de trigo, 1 colher de banha, 1 colher de manteiga, 1 gema e 1 colher de chá, de sal. Amasse tudo muito bem e forre as forminhas untadas de manteiga.

O recheio: ¼ de queijo de Minas ralado ou 2 xicaras de qualquer outro queijo ralado, 1 copo de leite, 1 colher de manteiga derretida e 4 ovos. Misture tudo muito bem sem ir ao fogo e encha as forminhas forradas de massa. Não é necessário cobrir com massa. Leve a assar no forno por meia hora, retire e sirva.



BOLINHOS DE ARROZ ASSADO

Tome 2 xicaras de arroz que sobrou da véspera, passe na máquina de moer carne ou soque um pouco, junte 2 gemas, 1 colher-de-chá de manteiga e 1 xicara de leite. Bata um pouco para ficar leve, prove o sal, junte as 2 claras em neve e frite às colheradas em banha quente.

★

SALADA RUSSA

Cozinhe três batatas com casca e depois descasque; 4 cenouras, 1 couve-flor, ou dois palmitos; 2 tomates grandes sem as sementes, 1 pepino; 2 maçãs e 1 fôlha de áipo e parta tudo em quadradinhos de 1cm. e tempere com o seguinte môlho: 2 gemas cozidas e peneiradas, 2 colheres de azeite, caldo de 1 limão, sal e 1 pitada de mustarda. Misture tudo e sirva.



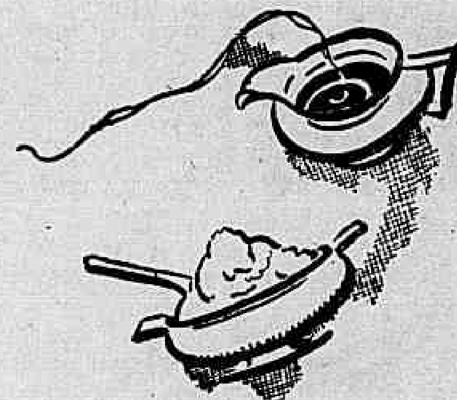
PÊRAS COM VINHO

Tome 6 pêras comuns, partaas ao meio, tire os centros e leve a cozinhar num copo de vinho tinto, 1 colher de açúcar e algumas gotas de limão.

★

CREME DE NOZES

Tome 1 quilo de nozes com cascas, descasque e passe na máquina. Junte 1/2 garrafa de leite, 1 colher de farinha de trigo, 4 gemas e açúcar à vontade. Leve ao fogo para engrossar e sirva sôbre biscoitos redondos ou fatias de pão-de-ló.

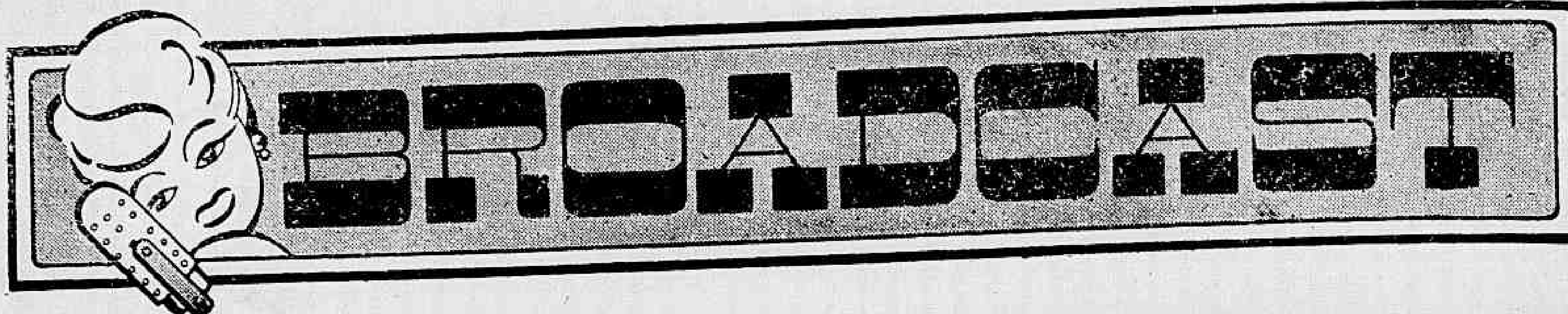


PUDIM DE CÔCO

Faça uma calda rala com três xicaras de açúcar ou 400 grs.; depois junte um côco ralado, 1 colher de chá de manteiga, 6 ovos inteiros. Misture tudo, deite numa fôrma untada com manteiga e leve a assar no forno em banho-maria.







COME TO THE MARDI-GRAS

(Versão americana de "Não tenho lágrimas", de Max Bulhões e e Milton de Oliveira)

I heard they sing, como to the
[mardi gras!
It was Rio in Spring, time for
[mardi gras!
I saw hi there, confetti in his hair;
Swept along by the throng.
Twasn't long untill we met,
When we kissed, my heart beat
[faster.
Faster than a castanet; we watched
[the moon
Como to the mardi gras! Like a
[painted ballon
At the mardi gras romance was burs,
Beneath Brazilian stars, love in there
[in the air
Ev'rywhere that you are, make your
[sweetest dreams
For two come true come to the
[mardi gras!

★

THIS IS THE MOMENT

De Leo Robin e Frederick Hollander

This is the moment! This is the
[time!
Why don't we take it and make it
[sublime!
On this rare night we could whisper
[in the shadows are gone
This is the moment, love has begun,
Maybe there's danger, but that
[might be fun
I used to say if the riht one came
[my way
I would know it in a moment
This is the moment,
You are the one.

★

MEU GUARDA CHUVA

Samba de Ubenor Santos e Amancio de Morais

Tu lembras daquela mulher
Que há muito tempo te apresentei
Viveu uns tempinhos comigo
Depois foi embora p'ra onde eu
[não sei
Partiu sem se despedir
Ela não quis esperar
Nem mesmo deixou um bilhete
Que a sua atitude pudesse explicar.

II

Tu deves estar bem lembrado
Da sua fisionomia
Pois quando te apresentei
Foi num lindo domingo de dia
Se descobrires a casa
P'ra onde ela se mudou
Me diz porque eu quero ir buscar
O meu guarda chuva que ela levou.

ZEZÉ E RODOLFO

NÃO nos levou ao Fenix o desejo de fazer crítica teatral, e sim, o propósito de assistir o reaparecimento, no palco, de dois consagrados artistas, a quem o "broadcasting" carioca deve o melhor de suas novelas. Esta, a razão porque nos sentimos à vontade para bater palmas ao trabalho de Zezé Fonseca e Rodolfo Mayer, elementos de primeiro plano no sem-fio nacional, ora às voltas com os segrêdos da arte de representar. E, conquanto contrarie a opinião de alguns entendidos no assunto, nada vimos, nem observamos de radiofônico no desempenho dêsses dois rádio-atores. Tanto Zezé, quanto Rodolfo, a nosso ver, deixaram no estúdio das emissoras em que empregaram suas atividades artísticas, a técnica exigida pelo microfone. Vimos, isto sim, dois artistas compenetrados da responsabilidade que lhes pesa sôbre os ombros e despidos de qualquer influência radiofônica.

Zezé Fonseca, vivendo a espôsa de um pintor, mostra-se à altura do papel. Principalmente, no segundo ato, quando chega a impressionar, ante a cena patética de uma confissão tremenda. Achamo-la bastante à vontade, incarnando com perfeição a mulher que sofre diante de um gesto menos refletido. Nada de novela, nem de "sketchs", mas a artista que nos deu "Yayá Boneca" e "Deus lhe pague". Muito segura em seu desempenho, procurando tirar o melhor partido da peça de Armando Defook, ela voltou ao palco para receber o aplauso daqueles admiradores que a viram surgir no antigo Teatro Casino. Talentosa e capaz, Zezé não nos decepcionou. Ao contrário, trouxe-nos a satisfação de constatar que o rádio possui muita gente de valor.

Rodolfo Mayer, essa grande figura de nosso "broadcasting" e não menor do teatro, mais uma vez demonstrou desconhecer a palavra fracasso. Artista cem por cento, êle deu o máximo de relêvo ao tipo idealizado pelo autor de "De braços dados". Firme nas suas entradas, conseguiu prender a atenção de quantos compareceram ao Fenix, tal o brilhantismo de seu desempenho. Assim como Zezé, evitou os cacoetes radiofônicos.

O lançamento da peça "De braços dados" constitui, por assim dizer, uma vitória do sem fio brasileiro, a julgar-se pelo valor dos artistas que nela tomam parte. Tanto a ex-estrêla da Tupi, como o diretor de teatro cego da Tamoio, souberam honrar o bom nome da radiofonia carioca, mostrando que existem, em seu meio, elementos à altura de pisar um palco. Por isso, sem fazermos crítica teatral, batemos palmas ao trabalho de Zezé Fonseca e Rodolfo Mayer que, fora do microfone, deram pequena mostra do valor de nossos rádio-atores.

A. MIGUEIS



Zezé Fonseca brilhou Sua presença no palco do Fenix, junto a Rodolfo Mayer, é uma vitória do próprio rádio

RÁDIO-FLASHES



Mara está de volta. Em companhia do mano Valdemar Henrique, participa da linha de programas da Roquete Pinto, após estrondoso sucesso alcançado na Europa

ACONTECEU NA ESPANHA

Mara e Valdemar Henrique, ao contrário de seus companheiros de arte, não foram à América. Preferiram fazer a Europa, visitando, de início, o velho e querido Portugal. De lá, pularam para a Espanha onde, por sinal, lhes aguardava a simpatia e o carinho do povo ibérico. Essa onde de amizade aos festejados intérpretes de nosso folclore, como não podia deixar de acontecer, estendeu-se à própria imprensa. Daí, a curiosa nota do "ABC", importante órgão da imprensa franquista, da qual destacamos o seguinte trecho: "Mara e Valdemar Henrique — guardemos êstes nomes — abriram a nossos ouvidos todo um panorama de beleza inédito, nunca pensado. Canções da selva, como a que começa "Hei de morrer cantando abraço a meu...", recolhida em Mato Grosso, o "Regina", do Ceará, são verdadeiros poemas de surpreendente e original beleza"

Mara e Valdemar Henrique já se acham entre nós. Ambos estão participando da linha de programações da Roquete Pinto, podendo ser ouvidos tôdas as sextas-feiras, às 21 horas e 5 minutos.

PEDRO MESTIÇO

Está na lembrança de todos, a atuação marcante de Amaral Gurgel, quando da apresentação de "Em busca da Felicidade", novela em que lhe coube interpretar um capitalista, dono de grandes fábricas. Pois é êsse mesmo Amaral Gurgel, autor de tantas novelas de sucesso, quem está vivendo aquêle prêto velho de "Pedro Mestiço", produção, aliás, de sua autoria. A seu lado, estão Hemilcio Fróis, no papel principal, Daisy Lucidi, Maria Sampaio, Marilena Alves e Gerdal dos Santos.

"Pedro Mestiço" vai ao ar por intermédio do microfone PRE-3, tôdas às segundas, quartas e sextas-feiras, das 14,30 às 15 horas.

VAMOS CANTAR!

Black-out, êsse pretinho de bossa, continua abafando o mercado de discos. Qualquer número musical pôsto em sua boca, podem contar que é sucesso garantido. Assim aconteceu no Carnaval, quando êle surgiu com aquêle "Pedreiro Valdemar". Agora, volta a se repetir a boa estrêla do exclusivo da PRE-8, com o lançamento de "Meu guarda-chuva", samba de Ubenor Santos e Amancio de Morais, cuja letra publicamos noutro local. A cidade inteirinha está cantarolando êsse número, graças a interpretação original que lhe dá Black-out. Com isso, estão de parabens os autores do samba em apreço, dada a procura de discos e a execução do mesmo.

CONVÉM SABER...

Paulo Mancini, futuroso intérprete de canções napolitanas, seguiu o exemplo de certos artistas. Escolheu para seu padrinho, um dos "medalhões" internacionais. Trata-se de Tito Guizar, famoso astro da música azteca que recentemente andou por estas bandas.

Artista jovem, com um futuro risonho à sua frente, Paulo Mancini encontrou no feliz intérprete de "Rancho Grande", o maior incentivador da carreira que êle, Mancini, resolver abraçar. Esperemos, portanto, que o afilhado atinja o mesmo nível artístico do padrinho, sabido que qualidades não lhe faltam.

NOVIDADES EM FOCO

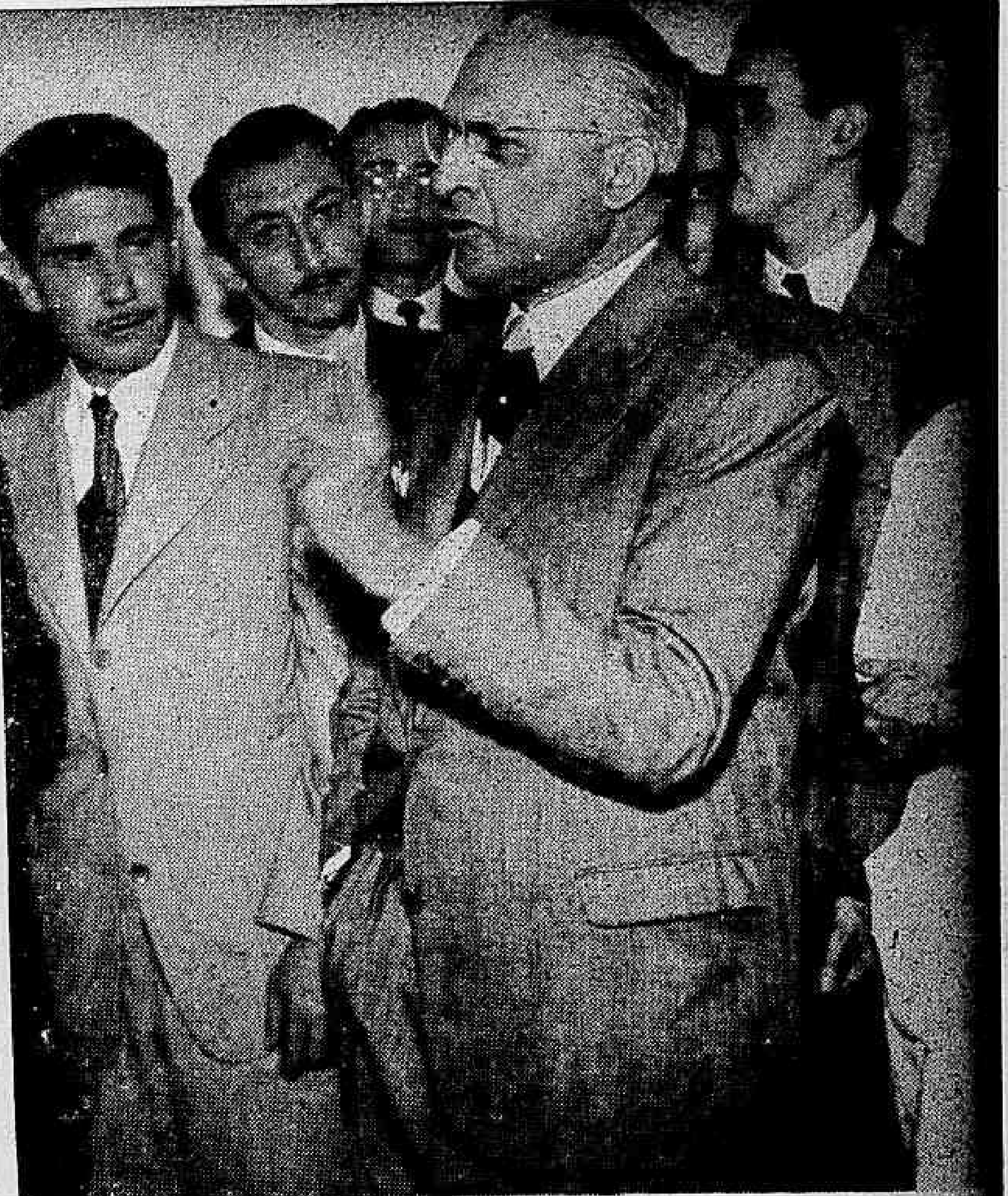
"Honra ao Mérito", é a nova produção do talentoso Paulo Roberto para o microfone da Nacional. ★ Acha-se à frente da direção de broadcasting da Continental, o locutor Nevio Macedo que, há tempos, exerceu idêntico pôsto na Guanabara. ★ Despediu-se do público ouvinte carioca, a cantora Rosita Serrano, considerada o "Prêmio Nobel" do canto. ★ Lourival Marques trabalha na elaboração de novos programas para a Mayrink Veiga. ★ Fala-se na ida de José Vasconcelos para a Rádio Bandeirantes. ★ Não conseguiu rescisão de contrato, o locutor e rádio-ator Wolner Camargo. ★ A "Hora Espiritualista", transmitida pela PRA-3, completou seu décimo segundo aniversário. ★ Lamartine Babo é outra popular figura de nosso rádio que voltou a pisar o palco, participando do

(Cont. na pág. 48)



Paulo Mancini, intérprete de canções napolitanas, é afilhado de Tito Guizar

O 11°. ANIVERSÁRIO DO I.A.P.E.T.C.



Flagrante apanhado quando discursava o sr. Hilton Santos, presidente do I. A. P. E. T. C.

TRANSCORREU no dia 26 de Agôsto último o 11.º aniversário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas, uma instituição de previdência das mais importantes do país. Os três últimos anos de atividade do aludido instituto, tem sido dos mais profícuos, pois o plano traçado pelo seu atual presidente, sr. Hilton Santos, vem sendo executado com real proveito para os segurados por aquela autarquia. Está em construção uma rêde de hospitais, um dos quais, o desta capital, em pleno funcionamento e com capacidade para mil leitos e um aparelhamento que o coloca como um perfeito núcleo hospitalar.

Do plano do sr. Hilton Santos, previamente aprovado pelo Presidente da República, que lhe vem emprestando o mais decidido apôio, consta como parte das mais importantes, o problema da residência higiênica e barata para os associados do Instituto. Nesse particular o I. A. P. E. T. C leva uma vantagem apreciável sôbre as demais instituições de previdência, pois em três anos construiu mais de mil residências, entre casas amplas, confortáveis e baratas, e apartamentos que possuem todos os requisitos exigidos para uma boa morada. O Núcleo Residencial de Ramos, que consta de mais de trezentas residências construídas de um plano de duas mil, recebeu agora um melhoramento que despertou a atenção de todos que o viram: — a Creche, Escola Maternal e Jardim de Infância, num conjunto de construção bela e que constitui a última palavra no gênero

O EDIFÍCIO

Agora, na Avenida Teixeira de Castro, em Ramos, foi inaugurada a Creche. Escola Maetrnal e Jardim da Infância para servir aos moradores do Núcleo Residencial já habitado por mais de trezentas famílias. Estavam presentes os diretores do I. A. P. E. T. C., uma comissão da Câmara de Deputados, presidentes e associados de todos os sindicatos ligados à mencionada autarquia, moradores e grande massa de contribuintes do Instituto dos Empregados em Transportes e Cargas. O presidente da República fêz-se representar pelo dr. Machado Coelho, que presidiu o ato.

ALI ESTÃO INSTALADOS

1 — CRECHE PARA AS CRIANÇAS ATÉ 1 ANO DE IDADE, localizada e isolada nos fundos da ala esquerda do edifício.

2 — CRECHE PARA CRIANÇAS DE 1 A 3 ANOS DE IDADE, na ala esquerda do edifício.

3 — ESCOLA MATERNAL E JARDIM DA INFÂNCIA, que ocuparão o andar superior.

4 — OS SERVIÇOS MÉDICOS E DENTÁRIOS, localizados logo à esquerda do "hall" de entrada e com acesso pelo mesmo.

5 — A COZINHA DIETÉTICA, entre os refeitórios, no andar térreo, em condições de atender a tôdas as refeições das crianças e do pessoal da casa.

6 — LAVANDERIA E ESTERILIZAÇÃO — Funcionarão êstes dois serviços em pavilhão separado, nos fundos do edifício.

7 — A SECRETARIA E ADMINISTRAÇÃO ocuparão a parte anterior da ala direita, com acesso pelo "hall" de entrada e constando de uma sala para o diretor e um salão para a Secretaria.

8 — AS DEPENDÊNCIAS DO PESSOAL SUBALTERNO ficarão nos fundos da ala direita, com instalações sanitárias para ambos os sexos.

9 — PARQUE INFANTIL — Haverá, além do "playground" para as crianças da Escola Maternal e Jardim de Infância, um outro parque para recreação, em idade de 7 a 15 anos, constando de campo de basketball, volleyball, bosquêtes, balanços, trapézios, anéis, gangôrras, escadas, deslizadores, barra fixa, etc. Êste parque congregará em atividade útil, recreativa e educativa, tôdas as crianças dos segurados do Instituto, residentes no Núcleo.

Cortada a fita que vedava a entrada da Creche pelo dr. Machado Coelho, foi o edifício visitado pelos presentes. No auditório, o deputado Epílogo de Campos, como representante da Câmara dos Deputados, pronunciou um discurso sôbre as realizações do I. A. P. E. T. C., confessando a sua admiração pelo trabalho do sr. Hilton Santos. O orador frisou que falava como representante do povo, podendo afirmar que o trabalhador associado do Instituto de Transportes e Cargas, era, realmente, amparado por essa autarquia, sendo a administração Hilton Santos, sem dúvida, a mais operosa, útil, dinâmica e inteligente de quantas possui a previdência social.

Falou também o representante do presidente da República. Disse o dr. Machado Coelho que o general Dutra só por motivo imperioso não estava presente, assistindo a um ato por todos os títulos agradável, pois visava o bem do trabalhador.

RESIDÊNCIAS PARA OS ASSOCIADOS

Antes da inauguraão da Creche, o sr. Hilton Santos acompanhado de numerosos convidados, inaugurou o busto do Duque de Caxias, na praça principal do Núcleo Residencial de Ramos, que recebeu o nome do imortal soldado que foi o marechal Luiz Alves de Lima e Silva.

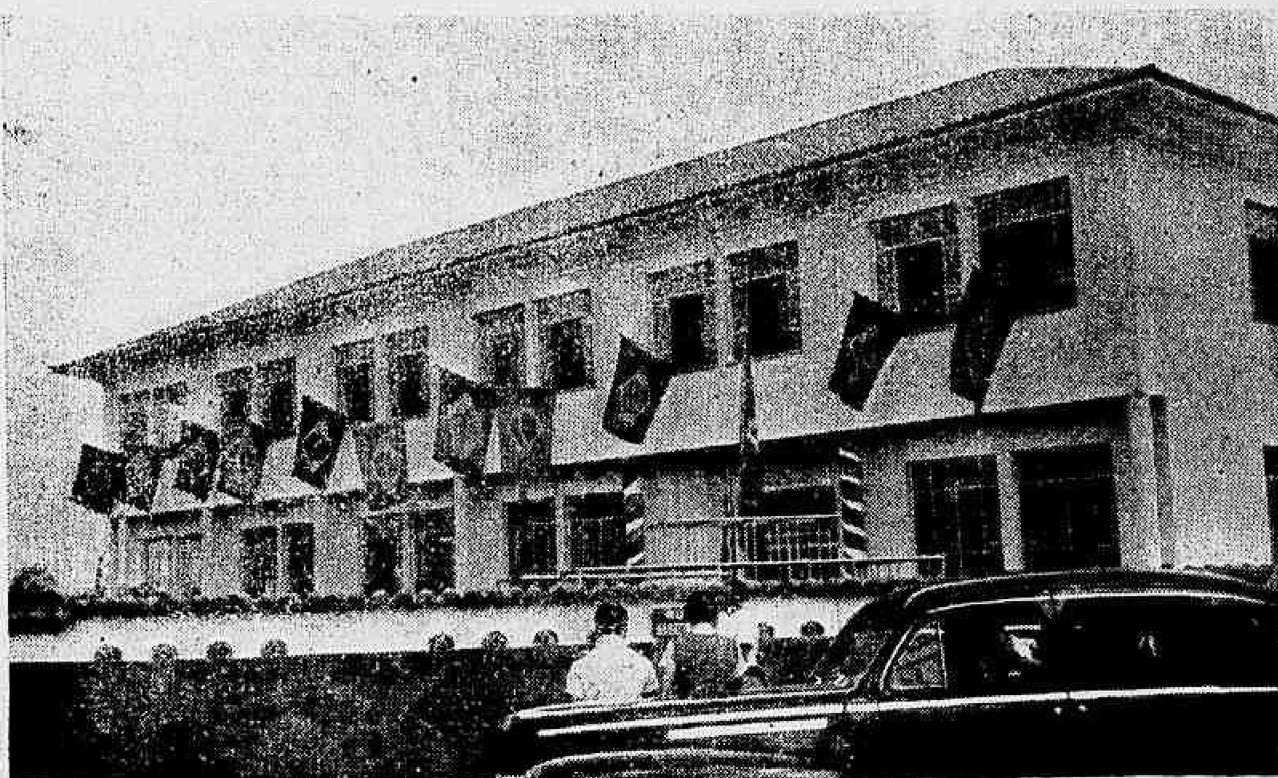
Ainda no Núcleo de Ramos, foram entregues a novos moradores, 24 apartamentos, 15 lojas e uma garage para 60 carros, recentemente construídos e guardando o mesmo estilo das construções já existentes naquele Núcleo.

PROMOÇÕES DE FUNCIONÁRIOS

Às 14 horas, no auditório do Edifício central do Instituto, à Avenida Graça Aranha, teve lugar uma sessão comemorativa do 11.º aniversário da fundação do I. A. P. E. T. C. O sr. Hilton Santos explicou o motivo da reunião e em seguida, depois de agradecer aos funcionários a cooperação que vêm emprestando à sua administração, leu a relação dos funcionários promovidos, lista que alcança oficiais administrativos, estatísticos, motoristas e outras categorias, tanto por antiguidade como por merecimento.

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Teve lugar à noite, no Automóvel Clube, o jantar que os funcionários, diretores e chefes de serviço do Instituto de Transportes e Cargas ofereceram ao presidente daquela autarquia. Mais de duzentos convivas participaram do ágape, que decorreu num ambiente de grande cordialidade.



Aspecto da fachada da Creche, Escola Maternal e Jardim de Infância, inaugurados no dia em que o I. A. P. E. T. C. completava o seu 11.º ano de existência



O presidente do I. A. P. E. T. C., sr. Hilton Santos, e exma. sra., quando faziam a entrega dos documentos aos novos moradores do Núcleo Residencial de Ramos



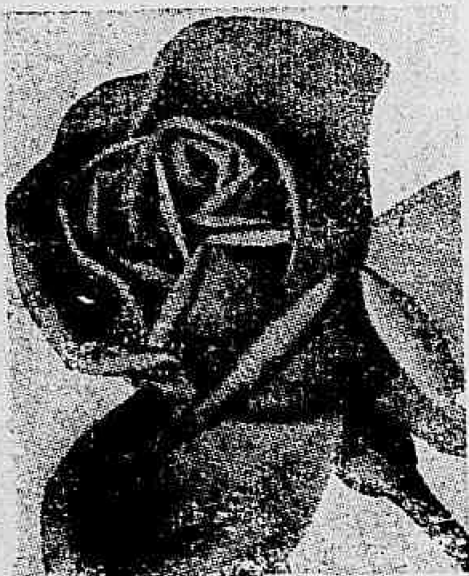
O representante do presidente da República, dr. Machado Coelho, quando inaugurava a Creche



Manifestação à sra. Olga Santos pela infância segurada pelo Instituto dos Transportes e Cargas

Mulher, LENDA E PERFUME

A POESIA NA TOPONÍMIA BRASILEIRA



O volume da "Divisão Territorial do Brasil", para quem não o sabe olhar direito, parece conter a quintessência do tédio. A verdade, porém, é que encerra tanta poesia como talvez não se encontre em muito verso que anda sôlto por aí. Isto porque os nomes de lugares, na maioria dos casos, nada mais são que o reflexo do lirismo existente na alma popular, lirismo que faz pressão sôbre os legisladores e os obriga a serem poetas também.

João Pessoa, a capital paraibana, possui um distrito municipal com o nome de "Jacoca", palavra indígena que quer dizer "abraça-me". A vila "Dirceu", do Estado de São Paulo, pertence muito acertadamente ao município de "Marília".

Vejamos agora os topônimos que por êste Brasil afora representam verdadeira homenagem ao primeiro albor da madrugada: as vilas Alvorada, Matutina e Amanhece pertencem ao Estado de Minas Gerais; a Arrebol, ao Estado do Rio; a Aurora, ao Ceará; a Aracê, ao Espírito Santo e a Araci à Bahia. (Como se sabe, êstes dois últimos vocábulos são variantes do nome dado pelos índios ao quebrar-da-barra).

Continuando a folhear o livro da "Divisão Territorial" vamos encontrando em suas páginas outros topônimos curiosos, saturados de lirismo ou de malícia leve e encantadora: Espera-Feliz, Humildes, Laços, Maricota, Milho-Verde, Não-me-toque, Pangaré, Passarinhos, Perdões, Perseverança, Primavera, Pôrto-das-Flores, Rio-Negrinho, Santana-do-Queira-Deus, Santo Antônio-do-Leite, Vai-Volta, Ressaquinha...

O maior, porém, é êste "Sem-Peixe", que mais parece apelido de bairro do Rio de Janeiro em época de Semana Santa, e que, no entanto, é o nome de uma vila do município de "Dom Silvério", no Estado de Minas Gerais.

A certa altura deu-nos curiosidade em saber quantas vêzes a palavra **rosa** e suas derivadas teriam preocupado os homens públicos do país, no que diz respeito à nomenclatura de vilas e cidades. Fomos pesquisar e o resultado é o que se segue:

CEARÁ: O antigo distrito de Chaves, do município de Cratéus, pelo decreto-lei federal n.º 1.114, de 30 de dezembro de 1943, passou a denominar-se **Rosa**.

S. PAULO: O distrito e vila de Aparecida-da-Água-da-Rosa, do município de São Manuel, pelo decreto estadual 9.775, de 30 de novembro de 1938, passou a denominar-se, apenas, **Água-da-Rosa**; e o distrito criado no município de Aparecida pela lei regional fixadora da divisão judiciário-administrativa para o quinquênio 1944-48, tomou o nome de **Roseira**.

MINAS GERAIS: O antigo distrito de Bom-Jardim, do município de São Manuel do Mutum, pela lei estadual n.º 843, de 7 de setembro de 1923, passou a chamar-se **Roseiral**.

ESTADO DO RIO: A vila de Santana, do município de Itaperuna, pelo decreto estadual 641, de 15 de dezembro de 1938, foi crismada com o nome de **Rosal**, sendo transferida daquele município para o de Bom-Jesus-de-Itabapoana, onde permanece.

O Rio Grande do Sul possui uma cidade e um município inteiro com o nome de **Santa Rosa**.

E, com o topônimo de **Rosário**, existe um verdadeiro rosário de povoações, estendido de norte a sul e de leste a oeste do território nacional, tudo em homenagem a Nossa Senhora.

IGNEZ MARIZ

A inconstância dos homens, porém, não lhes permite conservar por muito tempo essas gentis e poéticas denominações. Mas a constância das mulheres sabe preservar da passagem do tempo e do esquecimento, nomes que lhes sugerem, beleza, encanto, perfume. E de tal forma se mantêm fiéis a essa lembrança, que, ao ver ou ouvir a palavra "rosa", associam-na imediatamente a **LEITE DE ROSAS**, o nome que elas guardam para sempre como a maior prova de constância e gratidão ao preparado que tanto concorre para a sua beleza e para a sua felicidade.



SÃO LUIZ GONZAGA 619
TELEFONE: 48-7660 ★ RIO

MÚSICA

HOMENAGEM PÓSTUMA ★ LORENZO FERNANDEZ ★ PROF. ANNA CAROLINA ★ CONCURSO DA JUVENTUDE

A prof. Anna Carolina

MORTO, há um ano, Lorenzo Fernandez, ainda não morreu a repercussão de sua atividade criadores. Desaparecido o mestre a obra, que êle nos legou, perpetua a sua memória, traz ecos do espírito que gravou, na pauta, uma inspiração de sabor bem brasileiro, vasada em forma elegante.

Culto, dotado de uma sensibilidade invulgar, Lorenzo Fernandez articulou os seus esforços de compositor com as experiências de uma escola artística cuja principal preocupação foi dar uma tradução musical da pátria.

Se, algumas vêzes, se deteve em aspectos superficiais, no simples aproveitamento de material folclórico, por outro lado, sempre ligado às correntes mais avançadas da técnica e da estética, soube atingir, em qualquer terreno, um alto nivel de sistematização, no perfeito acabamento, na abundância de recursos de sua cultura que emprestam a tôdas as suas obras qualidade especial. E, além disso, o valor e o sentido de sua contribuição residem, precisamente, na tentativa empreendida no sentido de ultrapassar êsse nacionalismo musical prêso à dócil utilização do folclore, para atingir a expressão musical da alma brasileira, projetando-a internacionalmente.

ANNA CAROLINA

Entre as homenagens que, na ocasião do primeiro aniversário de sua morte, atestaram a presença de Lorenzo Fernandez na memória dos que cultivam a arte que êle honrou com realizações de importância fundamental, devemos citar o concêrto organizado pela professôra Anna Carolina

Já temos tido oportunidade de salientar, em diversos comentários, aspectos da fecunda atividade dessa artista.

Recitalista de qualidades excepcionais, ela sacrifica, espontâneamente, os sucessos mais fáceis dos concêrtos, para dedicar os seus melhores esforços, a maior parte de seu tempo precioso, ao preparo, ao aperfeiçoamento de pianistas jovens: é professôra.

O magistério é profissão penosa, que exige paciência, compreensão, simpatia, e depende, para alcançar seu objetivo — no caso, a transmissão dos segredos de uma arte — da cooperação, da receptividade do aluno. A formação de um artista — com a qual não se preocupa a publicidade ruidosa que cerca os primeiros sucessos obtidos — é resultado da luta quotidiana, do devotamento, do esfôrço obscuro do professor. A vitória do mestre, a prova de sua eficiência é... o triunfo do aluno.

Não é dificil calcular, portanto, a importância da função do professor e, ao mesmo tempo, avaliar como é árdua a sua tarefa.

Anna Carolina, que se situa entre os mestres verdadeiros, autênticos, conseguiu, com o recital de seus alunos, dedicado, exclusivamente, à obra de Lorenzo Fernandez, um dêsses sucessos de professôra e, justamente por isso, é que me permito tomar as realizações dos discípulos como uma prova do mérito da mestra, vendo, na maneira pela qual foram destacadas as qualidades pessoais e os recursos de cada um, a prova da presença de um apoio, de uma orientação Não diminuo o que há, em cada interpretação, de estudo, persistência e valor de cada intérprete, mas peço licença para salientar a figura, tantas vêzes esquecida do professor, na pessoa de Anna Carolina, que, com dignidade, talento e cultura a representa.

★

CONCURSO DA JUVENTUDE

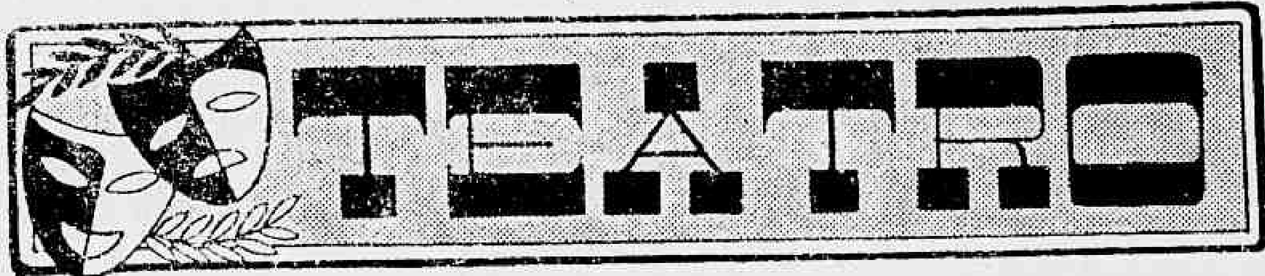
Da direção do Berkshire Musica Center recebeu o maestro Eleazar de Carvalho uma comunicação oficial, confirmando a concessão de uma bôlsa de estudos, como primeiro prêmio do concurso da Juventude, promovido por aquêle eminente regente brasileiro, com o patrocínio da **REVISTA DA SEMANA**.

O grande número de consultas, que temos recebido, sôbre o concurso atesta o interêsse despertado pela magnífica oportunidade criada pela dedicação de Eleazar de Carvalho.

As bases do concurso, em cópia mimeografada continuam à disposição dos interessados à rua México, 11, 15.º andar, grupo 1.501, com Roberto Lyra Filho.



Cercada por um grupo de alunas, que participaram do recital dedicado a Lorenzo Fernandez, vê-se a prof. Anna Carolina



JOSÉ FOMM

O nosso teatro de revista foi inteimente remodelado por Chianca de Garcia, que o transformou num deslumbramento visual e auditivo, diminuindo considerávelmente os "sketches", que tomavam parte do espetáculo.

Chianca remodelou e Valter Pinto o seguiu, passando o aluno a superar o mestre. Valter e Freire Júnior são os autores de "Está com tudo e não está prosa", que marca o retôrno da Cia. Valter Pinto ao Teatro Recreio. Nessa revista os autores equilibraram com acêrto as falas, danças e os cantos aproveitando magnificamente todos os recursos que embelezam um show. Além de Virginia Lane, tomam parte no espetáculo as Pitucas Girls, as Recreio Girls, as Garotas de Paris, Grande Otelo, Pedro Dias, Manuel Vieira, Violeta Ferraz e Mara Rúbia. Entre todos sobressai Virginia Lane, a brejeiríssima e graciosa "vedette" que rouba o espetáculo com dois números: "a vendedora de amendoim" e "história da baratinha". Virginia Lane, sem dúvida alguma, neste gênero em que se apresenta, não tem rival. Somente ela será capaz de ter esta licença especial que o público carioca a concede, que é o de cantar o que há de mais picante e cheio de "double-sense", com aquêle rostinho de anjo misto de demônio. A sua interpretação fisionômica e as inflexões de voz, valem mais que os próprios textos. A ela, pois, a glória do espetáculo.



VIRGINIA LANE

Mara Rúbia já grangeou sucesso nesse gênero de teatro, mas em "Está com tudo e não está prosa" foi obscurecida totalmente por Virginia, não obtendo chance para se destacar.

Grande Otelo, indiscutivelmente um grande cômico, aparece muito bem em tôdas as cenas, principalmente no quadro que apresenta sua plataforma para a presidência da República. Pedro Dias, Manuel Vieira, Violeta Ferraz, conseguem o máximo em seus quadros, e Déo Maia conquista o público com sua graça.

Em todo o desenrolar da revista, dois quadros apenas estão deslocados: o da partida de D. Pedro II do Brasil e o desfile das mulheres mascaradas. E' curioso notar-se como já se tornou clássico nas revistas a apresentação de um quadro "histórico", durante o qual a platéia tem se de conter para não dar gargalhadas. O das máscaras é um quadro absurdo, ridículo e inexpressivo: não tem beleza, graça e muito menos qualquer simbolismo. O desfile lembra indefectíveis procissões do final do 1.º ato da Tosca, em que os mesmos 10 ou 12 figurantes, ao passarem por traz da cortina mudam uma peça apenas da indumentária para tornar a passar: e a procissão se torna grotesca, porque, no público não há quem não tente descobrir êste disfarce de fancaria.

As Garotas de Paris são, realmente, interessantes e conseguem satisfazer plenamente o intuito: ornamentar a revista. O "chansonier", embora com bonita estampa um tanto "rive-gauche", se é que possui voz, é muito fraca, não devendo ser incluído no "cast" a não ser que fôsse para se apresentar melhor; mas não para cantar.

Outro fato curioso que se observa nas revistas, é a caracterização da figura do ex ditador, sempre envolvida por uma auréola de simpatia. A gente de teatro rende sempre que se lhe apresenta oportunidade, o seu preito de gratidão. Por êste motivo não chega a ser crítica política.

"Está com tudo e não está prosa" é uma das melhores revistas já apresentadas no Brasil, espetáculo que nada fica devendo às Companhias estrangeiras que nos têm visitado.

HOMENAGEM A STRINDBERG — Pela comemoração de seu centenário, August Strindberg foi homenageado em 29 de agôsto pelo P.E.N. Club, quando Cláudio de Sousa proferiu uma interessante conferência sôbre a obra do escritor sueco. Usou da palavra Rodrigo Otávio Filho fazendo uma expressiva homenagem a Henriette Morineau, que veio de Campos especialmente para interpretar o monólogo de Strindberg "La plus forte".

August Strindberg nasceu em Estocolmo em 1849. Desde cedo dedicou-se à literatura e em 1869 compôs seus primeiros dramas: "O Livre Pensador" e "Hermione". Sua fama, porém, adveio com a publicação do romance "La Chambre Rouge", em 1879, que é uma pintura da boêmia de Estocolmo; êste romance causou grande escândalo na Suécia e marcou o advento da escola naturalista na literatura daquele país. Strindberg compôs obras dos mais variados assuntos: teatro, romance, novela, estudos científicos, poemas, prosa e verso, história, etc. Sua obra, considerável e genial, é repleta de paradoxos e contradições, sempre revoltada e sem nenhuma filosofia. Contudo, Strindberg é o mais poderoso artista de seu tempo na Suécia, que soube renovar a literatura de seu país.

★

Estreará êste mês no Teatro de Copacabana o Grupo do Teatro Experimental de São Paulo, com "A Mulher do Próximo", de Abílio Pereira de Almenda, tendo nos principais papéis, Nydia Pincherle, Marina Freire Franco, Paulo Autran e o próprio autor.

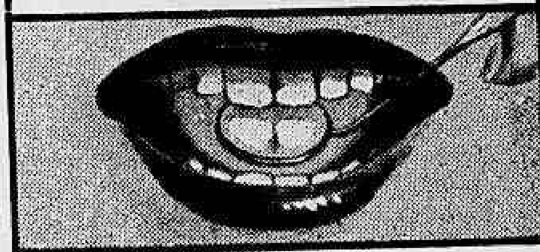
O Grupo do Teatro Experimental já conta com 8 anos de existência, com 12 peças encenadas em seu repertório, entre as quais: "O Soldado de Chocolate", de Bernard Shaw; "A quoi rêvent les Jeunes Filles", de Musset; "Os Pássaros", de Aristófanes; "O Avarento", de Mollière; "A Bailarina sôlta no mundo", de Carlos Lacerda, "À Margem da Vida" (Glass Menagerie), de Tennessee Williams, etc.

ENCANTADOR E IRRADIANDO SAUDE ...é o sorriso da KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a pelicula que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa pelicula que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.



Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-301

PRESENTES
de fino gôsto

Tudo o que há de mais encantador para presentear a mulher. Tudo que há de mais distinto para afertar ao homem. Os mais lindos objetos para embelezar a residência. Um mundo de bom gôsto em prata, cristal, marfim, porcelana, couro, etc.

Uma sugestão para cada presente.

Castro Araujo

OUVIDOR, 168
ESQ. URUGUAIANA

COMECE BEM O DIA USANDO

Gillette BLUE BLADES

LÂMINA Gillette AZUL



Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.

Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. No varêjo Cr$ 35,00 Pelo reembôlso postal Cr$ 45,00. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Av. Rio Branco, 137 — sala 616. "AMARALINA" é encontrada nas Farmácias, Drogarias, Perfumarias, etc.

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

RADIO-FLASHES

(Cont. da pág. 44)

elenco Dulcina-Odilon. ★ Bandeira Duarte está apresentando na PRA-2, "Convite ao teatro", programa dedicado aos assuntos da ribalta. ★ Nada de novo pela Vera-Cruz... ★ Lia de Aguiar esteve no Rio, gozando umas feriazinhas. Hospedou-se na casa de Sagramor de Scuvero.

BIOGRAFIA SINTÉTICA

Antônio Nobre, rádio-ator exclusivo da PRE-3, não é daqui... Nasceu a doze de outubro de 1908, na cidade de Lisboa. Aos oito anos de idade, acompanhando seu progenitor, o ator José d'Almeida, veio para o Brasil. Cedo interessou-se pelos assuntos da ribalta, vindo a ingressar no teatro. Porém, sua carreira estava no rádio, onde ingressou por intermédio de Renato Murce, ao tempo em que êste dirigia a Rádio Clube do Brasil. Seu primeiro contacto com o microfone deu-se através da peça "Maria Antonieta", em que contracenou com a rádio-atriz Olga Nobre, que é sua prima. Após curta atuação na PRA-3, passou-se com armas e bagagens para a Mayrink, emissora que trocou pela Tupi. Dêsse prefixo, acedendo a convite de Amaral Gurgel, transferiu-se para a Globo, onde participou de inúmeras novelas, inclusive das aventuras do "Fantasma Voador". Aí permaneceu até 1945, quando voltou suas vistas para o cinema, ingressando na Atlântida. Sob a tutela dessa emprêsa, trabalhou nos filmes "Romance de um mordedor", "Vidas Solitárias", "Sob a luz do meu bairro", "Terra Violenta" e "O Mundo se diverte". Presentemente, vem de terminar "A Sombra da Outra", a ser lançado breve. Faz parte, novamente, do elenco da PRE-3, participando de suas novelas.

Nosso Dedé foi p'ra guerra

(Cont. da pág. 42)

aquilo era apenas um aviso: outros viriam...

Na atribulação da partida, o nosso herói, que já se considerava morto, tinham vago sentimento de vaidade. Êle ia para a guerra. Agora, o guerreiro passaria a ser êle e não Dona Madalena. Mesmo assim, não conseguia se dominar. Olhava para as terras, para as roças com um profundo desespêro. Lembrava-se da namorada que êle não "pedira" com receio de anunciar a proeza ao pai, homem pouco comunicativo e que não gostava de se imiscuir nessas coisas. Para seu Janga o namoro do filho nunca existiu, embora soubesse de tudo. Dedé pensava: agora é o fim... Nunca mais. Passaria a ser gente de estampa, morrendo em baixo de patas de cavalos. Todos os objetos familiares eram motivo de tristeza. Até o cachorro sabia que êle ia morrer. Olhava-o com uns olhos tristes...

Com a sua roupinha num saco, com os pés ardendo numa botina de couro ressequido, Dedé abalou do povoado rumo ao desconhecido, ao sorvedouro de vidas que é a guerra. Por sinal que nem sentia a dor nos pés. O seu sofrimento moral era grande demais para se deter em tão pouco.

Mal o filho virou as costas, Dona Teva passou todos os verbos ligados a Dedé para o passado: "êle era tão bom" ou "êle gostava disto ou daquilo". Referia-se ao filho como se êste já houvesse morrido. Até o calendário doméstico sofreu influência: os acontecimentos eram registrados "antes" e "depois" da ida no moço. A família falava constantemente "no dia que o nosso Dedé foi p'rá guerra".

E os meses foram se passando sem notícias do sorteado. Dêle se sabia apenas que na vila tomara um trem de ferro. Nada mais. Um dia, Dedé aparece em casa, fardado de cáqui, com um boné alto e perneiras muito lustradas. Para Dona Teva aquilo tinha sabor de ressurreição. Ficou até com mêdo de abraçar o filho. Podia que o rapaz desaparecesse entre os seus braços. Foi a custo que o soldado foi inteirando a família do que representava o serviço militar. Contou muita coisa numa linguagem que ninguém entendia. Referia-se a "rancho", "instrução", "parada". Disse por fim que estava de licença e que voltaria.

A noite na venda só quem falava era Dedé. O mundo dêle era mais bem configurado. Não era tão vago como o de Dona Madalena. Falava no Rio Grande no Norte, na Fronteira. Eram palavras novas para a roda. Tudo indicava que o soldado estivesse muito bem informado sôbre a política e os acontecimentos militares do País. Os moços da sua idade passaram a encará-lo como a um herói. o Zico chegou mesma a afirmar que não tinha mêdo da guerra e que se precisasse êle também iria. As glórias da vendeira

AS BROAS DE MILHO

(Cont. da pág. 31)

Olhei-a minha.

— Não acho que tenha entendido, doutor.

— A senhora não poderia se desfazer da casa antes de dez anos.

— Mas... e isso aí?

— Bom, se a senhora desistisse da casa êles lucrariam.

Raciocinei um pouco sôbre o que êle pretendia dizer. De repente vi tudo claro como o dia; então soltei uma risada colossal.

— Doutor Figueira. O senhor não está insinuando que os fantasmas são uma farsa para me amedrontar!

— Quem sabe? Quem sabe?

— Mas êles são demasiado ignorantes para isso!

— Mas um ignorante pode ser esperto não é verdade?

★

Era a terceira sexta-feira que eu passava na fazenda. Voltara à minha herdade escoltada pelo meu estimado doutor Figueira, e sua prudência e cabeça branca me faziam crer num feliz término para aquela aventura.

Como de hábito, Eustáquia veio saber se não era prudente fazer a broa e levá-la a tio Manuel para evitar a sua choradeira à nossa porta.

— Não, Eustáquia; estou resolvida a pôr um têrmo neste vício.

Antes de deixar a sala a velha mulata julgou acertado me advertir.

— Convém Sinhá dormi na cidade; os lob'some têm dado aqui em casa tôda noite.

Olhei-a com uma coragem de raízes supérfluas.

— Não quer dizer nada; não tenho medo de lobisomens.

Ela sorriu enigmaticamente antes de sair.

A cena da noite foi idêntica à da sexta-feira anterior. A diferença foi que eu e o doutor Figueira estávamos de alcatéia e não havia vento para abafar os passos furtivos que se acercaram da casa à meia-noite. Fomos esperar o fantasma na porta da frente. Quando escoou a primeira pancada, meu velho companheiro abriu abruptamente a porta e demos de cara com o mulato João já com a frase lamentosa da broa prestes a ecoar. Antes que êle se refizesse da surprêsa estava seguro pela gola e entrava na sala aos pescoções.

— Agora, meu velho, vamos lá em cima ver se há mesmo um lobisomem.

Subimos os três. Entramos no meu quarto e acendemos a luz. Lá, sôbre a minha cama, estava o nojento cachorro prêto que eu herdara com a casa. Decididamente êles se haviam entendido às maravilhas para me expulsar da casa. Com o mulato de um lado e o cachorro de outro, meu advogado voltou lá em baixo à procura de Eustáquia, para informar-lhe que se findara o seu reinado de fantasmas.

Fiquei sozinha no quarto; e ao dar com meus olhos no espêlho atirei-me na cama às gargalhadas. Fôra decididamente genial aquele plano dos criados. Expulsando-me da casa, êles se converteriam em herdeiros da fazenda. Naquela cláusula do testamento meu tio estipulara que em caso da minha desistência da herança antes de dez anos, seus fiéis servos de tôda uma vida seriam senhores de todos os seus bens.

E eu caíra no laço! Mas tentando me prejudicar êles me haviam curado de uma invalidez tenebrosa; por isso não lhes guardava rancor.

Há males que vêm para bem...

estavam se ofuscando. O guerreiro, daquela data em diante, passaria a ser Dedé. E êle não abria mão dessa prerrogativa. Afirmou, sob palavra de honra, que tinha o seu prestígio no batalhão e garantiu que o Totonho tambem poderia ir "que êle arranjava tudo". E passou a explicar como era a vida de caserna. Foi uma novidade no povoado. Nas noites seguintes Dedé pontificou na venda. E assim passou a sua licença alheio às roças. Fez desfeita para a namorada que era uma jéca. Não era mais o mocinho tímido de tempos atrás. Quando saiu deixou um halo de admiração e respeito.

Prometeu que escreveria a Totonho e cumpriu a palavra. Fazia pouco que Dedé voltara para a unidade, quando o amigo recebe uma carta: "Saudações, escrevo estas mal traçadas linhas para te convidar a vir centrar praça vem bôbo que aqui é muito bom o tenente é camarada tens casa e comida o que quer mas sem fazer fôrça estou fazendo o curso de cabo tú vais ver não te arrependes.." E continuava o elogio à nova vida.

Totonho a princípio ficou indeciso, não por medo, que êle já sabia perfeitamente o que era a "guerra", mas por amor à família e à roça. Em pouco tempo, porém, seguiu rumo à cidade. Atrás de Totonho, foram José Furtado, Antônio Lâmim, Pedro Lourenço, já aqui açulados por Dedé e Totonho. Outros mais abandonaram o campo. Muitos não ficaram no exército, é verdade. Noquinha, irmão de Dedé, era descontado de uma perna e empregou-se numa padaria, um filho de João Marcelino tinha uma vista vasada e passou a vender bilhetes de loteria, mas os válidos foram todos nas pégadas de Dedé e Totonho. Além dos voluntários, a convocação atingiu João Flor, Mané Romão, dois filhos do velho Lucena. Uns ficavam no exército depois de cumprir "o tempo", outros arranjavam emprêgo na cidade. Para as terras ninguém mais voltou. E não ficou nisso o êxodo em Sertão das Perdidas. Atrás dos moços, as moças mais corajosas ganharam o caminho da cidade. Cidália, na morada de Dedé, foi trabalhar de empregada, como filha, na casa de uma família muito boa. Acabou se unindo com um embarcadiço. Até as filhas do velho Simplício foram tentar vida nova. Arranjaram trabalho numa fábrica. E o povo do lugarejo contava coisas medonhas que as mocinhas faziam. Uma agregada dos Costa, a única que voltou para Perdidas, trazia um filho no colo. O pai era um rapaz muito bom. Viria casar breve. Mas nunca veio...

Como muito bem dizia seu Dodô "a roça, mal comparando, é que nem pântano: só pega cavalo velho..."

As palestras em casa de Dona Madalena perderam completamente o caráter guerreiro. Ninguém mais acreditava nas coisas que aconteciam "aí por fora".

Até o pai de Dedé animou-se a contrariá-la, certa noite em que a vendeira afirmara que o Govêrno ia mandar fôrças. Passou-se a falar mais em política que em guerra.

Dedé passou a sargento e Totonho a cabo. Os meninos tinham um secreto orgulho em se dizerem amigos de ambos. Julinho afirmava que "quando fôsse grande queria sentar praça". E mais tarde se soube que haveria de realizar o seu desejo. Todos os que iam para a cidade, faziam-lhe os mesmos elogios: a luz elétrica, o cinema, os namoros fáceis.

Na volta da escola as crianças conversavam:

— Pensa que lá é como aqui? O Dedé disse que o pessoal sai do serviço com o sol alto.

Ou então:

— O tio Totonho quer me levar. Vou trabalhar numa casa só pra andar de bicicleta...

E iam mesmo.

★

Dona Madalena já era morta, quando os velhos do lugar se aperceberam de que a guerra não era tão má quanto ela dizia. Era pior ainda...



Senhorinha Yice Cardoso Limoeiro e Tte. Luiz Alberto de Araújo Cunha, cujo enlace matrimonial realizou-se recentemente nesta capital



Flagrante apanhado no dia 20 de junho próximo passado, na Igreja da Imaculada Conceição em São Paulo, por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Vera Montemurro com o sr. Onofre Pettinati, elementos de destaque na sociedade paulista

RESFRIADOS, ANGINAS E CRUPE NAS CRIANÇAS

(Cont. da pág. 24)

4 — As avitaminoses na criança muito concorrem, por sua vez, para as reinfecções e, portanto, a cronificação dos focos de angina, uma vez estabelecidos. E' no regime lácteo prolongado que mais se verificam os distúrbios carenciais de vitaminas. Mais tarde, modificado o regime, com a introdução de frutas, gorduras, manteiga e óleos alimentícios, ricos em vitaminas A, C e D, vêm a desaparecer. A vitamina C é considerada a vitamina por excelência contra as infecções; a vitamina A, associada à vitamina D, em altos doses, é hoje considerada aquela por excelência das mucosas atingidas pelas infecções catarrais, dos resfriados de repetição.

5 — O excesso de agasalho, o regime de banhos quentes, a vida reclusa da criança, embotando o sistema de defesas da criança contra as infecções, são outros fatores das anginas Desde então, nessas crianças, os germes encontram um terreno fácil às suas atividades agressivas, e a cavidade do faringe é das mais expostas, nessas condições, pois por ela filtram os diversos germes das infecções das voas respiratórias (pneumonia, gripe, etc.); mesmo o germe da paralisia infantil é suspeito de uma penetração, em certos casos, através de anginas assim certamente favorecidos.

6 — Salientamos agora uma circunstância a que reportam a origem de muitas anginas: São as carícias à criança: o afago, o cheiro, o beijo, o falar-lhe a dois dedos das narinas, e isso quem? Pessoas extranhas ao meio doméstico da criança (que se presumem bastante higiênicas e sãs ou compreensíveis para afastar-se dela portadoras de qualquer afecção catarral); pessoas nem sempre com boa cavidade bucal (dentes cariados, gengivites) ou seu pigarro crônico; em todo caso pessoas, muita vez, que já tiveram seus achaques do nariz e da garganta e são boas sementeiras das afecções anginosas da criança.

No entanto, quando esta mais tarde adoece a família ignora a fonte do contágio. Porém, foi isso apenas: o beijo da "titia" na rua; a cócega com o dedo no lábio da criança — nada mais.

★

Moléstias há, sôbre as quais existe uma noção nem sempre segura, mas de cuja gravidade todos estão convencidos.

A angina diftérica e o crupe estão precisamente neste caso.

Que é, por exemplo, o crupe? E' doença da criança, que irrompe com febre, tosse estridente, rouquidão, voz pagada, dificuldade respiratória, todos sabem.

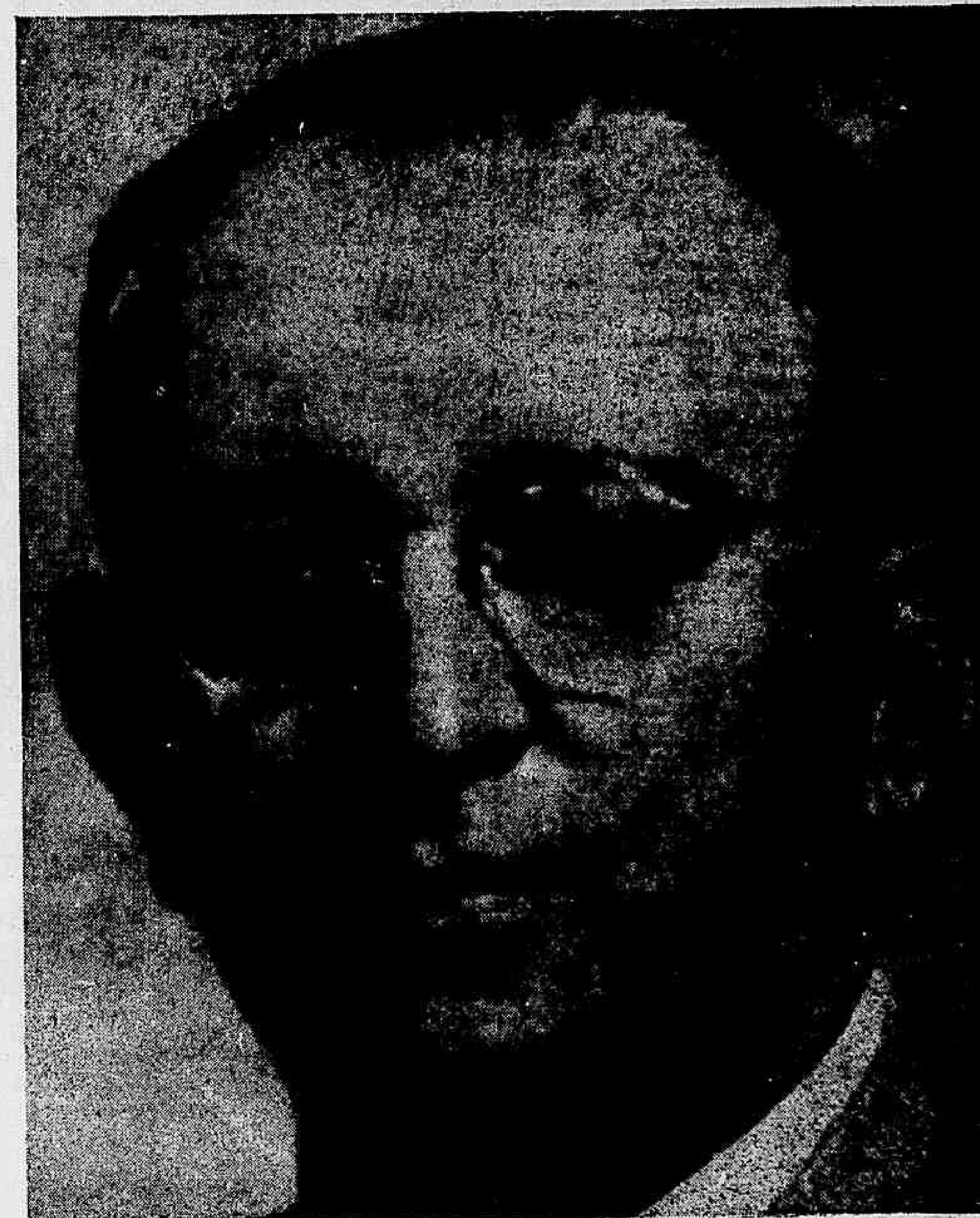
O que, no entanto, nem todos sabem é que o perigo do crupe depara-se sempre entre crianças portadoras de resfriados crônicos, e sobretudo, de amídalas hipertrofiadas e sujeitas a surtos infecciosos periódicos. Como não sabem, além disso, que a difteria reveste, no lactente, e nas crianças maiores, uma evolução às vêzes benigna como um banal resfriado, mas que pode levar do mesmo modo ao crupe

Em suma, se não são poucas as anginas que nada têm a ver com a difteria, a verdade é que muitas não são outra coisa, se bem que o não pareçam à primeira vista, podendo, entretanto, levar ao crupe a todo momento.

O diagnóstico da difteria demanda, portanto, bastante da experiência e conhecimentos especializados. A êste respeito escreveu um mestre: "Em pediatria podemos até desprezar a angina de Vincent, e só pensando na difteria, considerar as anginas, diftéricas e não diftéricas. A difteria é que conta. Tôdas as mais correm sem risco."

Tal o problema que se depara na prática, a fim de evitar males funestos. A difteria e o crupe hão que ser acudidos em tempo.

Mas sempre o melhor é prevenir as anginas. E isto está, principalmente, nos cuidados com a diátese exsudativa e outros cuidados que, aliás, insinuamos acima e que se resumem na criação do bebê dentro dos rigorosos preceitos da puericultura e da higiene.



Transcorre no dia onze do corrente o aniversário natalício do sr. Morvan Figueiredo elemento destacado na sociedade brasileira, a quem o Brasil deve em grande parte o desenvolvimento do seu parque industrial. O sr. Morvan Figueiredo foi o primeiro ministro do Trabalho, Indústria e Comércio do atual govêrno da República e exerce, hoje, em São Paulo, além de outras atividades, a presidência do Centro das Indústrias daquele Estado

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº .....

NOME ....

RUA .... Nº .....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural não faz mal e não provoca rugas Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna. À venda nas boas farmácias

Para completar a sua beleza e personalidade, use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas panos e cravos, tornando-a lisa macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor (exigir a embalagem verde)

E lembre-se de que o segrêdo de uma linda cabeleira sem caspas e cabelos brancos está em

EUTRICHOL ESPECIAL

Experimente-o e verá

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 36-3º - S. Paulo

Remessa pelo Reembôlso Postal

SENUN

Agua absolutamente Estéril pela Ação da Prata Incorporada

• Moringues fabricadas pelo processo esterilisante SENUN

ESTERILISANTE

Um poeta em minha vida

(Cont. da pág. 18)

rasse conversando comigo; voltaria em seguida.

Frente a frente com êle, eu me senti extremamente constrangida. Tentando dissimular, pedi um cigarro. Seus olhos não perdiam um só de meus movimentos. De repente falou deslumbrado:

— Você está muito mudada, Nanete, nem parece a pequena magrinha da praia, de rosto anguodoso, e vasia de ilusões...

Dei a primeira baforada e senti, perturbada, que êle me avaliava como homem. Expliquei:

— Naquele tempo eu acabara de me operar, era natural a magreza...

Fiz por sorrir, por parecer tranquila. Mas em face da sua paixão por demais visível e contagiosa, já eu me deixava acometer por uma porção de sentimentos contraditórios. Foi então que se deu o inesperado. Meus primos chegaram do fundo e minha tia sugeriu que eu fôsse me divertir também:

— Você não vai nunca a lugar nenhum, Nanete. Amanhã ou depois terá que partir, e não aproveitou nada do Rio.

Então, Isáura, a mais moça de minhas primas, falou em tom de brincadeira:

— Nanete dá sempre a operação como pretexto. Mas prá mim, ela tem é medo que o marido se aborreça...

Instintivamente meus olhos acertaram os de Miguel e percebi a sua subitânea transformação. Então, procurando disfarçar, prometi às pressas:

— Nada disso. Tanto que não vou esperar outro convite para ir com vocês.

E, ante os vivas de Isáura, fui apanhar o agasalho...

O que foi aquela noite de tortura para o meu coração, impossível descrever. Suportei durante tôda a função os olhos de Miguel duros, frios a me acusarem constantemente. E me sentia mesmo sob uma impressão abominável de culpa, de derrota, de mediocridade. À saída do cinema êle deu jeito de se perder da turma e ficar comigo mais para trás, entre o povo que se apertava nos corredores. Só então foi que senti a pressão de sua mão exasperada no meu braço:

— Felicito-a pelo seu excelente desempenho como artista dramática. Creia que não podia ter-me enganado com mais arte...

Tive vontade de chorar. Supliquei:

— Por favor, Miguel, procure compreender... Não fiz nada de caso pensado, juro!

A princípio não houve necessidade de lhe dizer, e depois, eu já não tinha mais jeito...

Foi inflexível mesmo ante minha emoção:

— E a aliança que você escondeu?

— Não escondi. Emagreci demais com a operação e ela ficou larga no dedo; tive medo de perdê-la...

E antes de nos integrarmos novamente ao grupo que esperava à saída, confessei depressa e emocionada:

— Você certa vez quis conhecer o causador da minha desventura. Agora você já sabe.

E isso foi tudo naquela noite.

Dias depois, após um largo período de silêncio, recebi inesperadamente o seu chamado. À medida que falava, eu ia notando, pela inflexão da voz, pela andadura das palavras, tôda a sua luta íntima. Deixei que falasse, fingi acreditar na sua amizade inalterada. Bem certa estava eu de que êle não lutaria consigo mesmo por muito mais tempo; seu auto-domínio se havia de esgotar muito depressa.

E não me enganei. Com o coração cheio de prantos, triste, humilhada, aceitei a sua côrte como remissão para a minha culpa. Eu era merecedora de tudo a que me expusera. Devia encarar os fatos de frente, com coragem e determinação. Assim, atendendo ao seu apêlo, fui ao encontro. E tudo aconteceu muito diferente do que êle previra...

Diante do cinema daquele bairro, êle me propôs:

— Não será melhor procurarmos outro lugar mais íntimo onde se possa ficar a sós e trocar confidências?

Eu estava muito triste:

— Miguel, você me convidou prá vir ao cinema, não foi? Pois vim ao seu encontro com confiança, a mesma confiança que sempre depositei na sua amizade.

Olhou-me longamente:

— Querida, você não pode calcular como me magoaram as palavras de Isáura naquela noite. Confesso que me senti deprimido, humilhado, fiz o possível para bani-la da minha vida. Mas acabei vencido. Você já se insinuara tanto pelo espírito que eu não podia impedir que penetrasse também no meu coração, na minha mente e nos meus sentidos.

Bem que eu lhe compreendia os sentimentos:

— Meu querido, deploro que tudo isso nos tenha acontecido. Você foi o maior bem da minha vida vazia. Sua amizade, seu afeto tão superior, ajudaram-me a ressuscitar a alma soterrada. E eu aprendi a amá-lo dentro dêsse padrão de beleza e espiritualidade, que já não posso compreender o nosso amor de outra maneira, Miguel.

Um pouco mais tranquilo, êle falou:

— Você esquece acaso que o amor, para se completar, precisa se subdividir entre o espírito e a matéria, que apesar de tôda a superioridade com que possamos nos revestir, a natureza acaba reclamando os seus direitos?

— Não me torture mais, Miguel. Ajude-me a me manter em equilíbrio, não procure destruir num minuto tudo o que você realizou de bom em mim. Não deixe que morra êsse sentimento de beleza que você me inspirou, não me afaste dessa esplendorosa estrada de luz que é o caminho do dever e da dignidade. Ame-me como o amo, sem esperanças, sem nada que possa ir em detrimento de nossa personalidade...

Tomou-me as mãos comovido. Disse que admirava a minha fôrça moral e se confessou amesquinhado diante de tanta energia. Mal sabia êle do esgotamento que iria sobrevir ao meu espírito, após o tremendo esfôrço da vontade. E como me tornaria prêsa fácil da incerteza ao chegar em casa e dar com o telegrama de Alberto anunciando sua chegada para o dia seguinte... Assim, alucinada ante a idéia de me afastar para sempre de Miguel e da sua dedicação, eu senti subitamente desencadear nova tormenta em minha alma. Quando dei por mim estava telefonando a êle, pedindo-lhe que viesse ter comigo no saguão daquele edifício branco à travessa da minha rua.

E êle veio. Lembro-me que chovia e fomos entrando para o fundo. Eu me consumava de aflição:

— Precisava vê-lo antes de partir, Miguel...

Estreitou-me os ombros. Sua bôca tentou colhêr a minha numa ansiosa ternura. Desvencilhei-me com uma exclamação:

— Por favor, Miguel, não me torture mais.

— Não há necessidade de você se martirizar assim, querida. Sabe que não precisa ir, que o meu maior desejo é que você fique comigo para sempre, Nanete. Você não ama seu marido, para que persistir nessa farsa, obrigando-se a uma vida abominável?

Suas palavras tão cruas, tão reais, em lugar de me desorientarem ainda mais exortaram-me ao bom senso outra vez. Menti:

— Chamei-o para me despedir, Miguel. Queria agradecer-lhe os dias de felicidades que tão generosamente me tem prodigalizado.

— Querida, não fale assim, nada tem a me agradecer. Eu que lhe agradeço o grande amor que me inspirou e ponho em suas mãos a minha felicidade. Nanete, não posso supertar a idéia de perdê-la... Penso mesmo que um amor como o nosso deve ser superior a preconceitos, a leis exteriores. Fique comigo, querida, deixe que êle se vá sozinho!

Tive medo daquela veemência:

— Não, querido, não me peça isso. Eu jamais poderia ser feliz construindo a minha felicidade à custa da desgraça alheia.

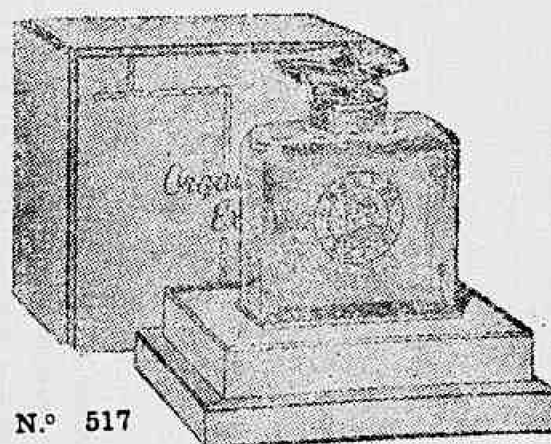
Lembrei-me do quanto meu marido me queria e a confiança que depositava em mim:

— E quero ser digna dessa confiança, Miguel. Apesar de rude, tenho consciência de que êle precisa de mim, dos meus cuidados, da minha companhia. E eu não poderia ficar tranquila ao seu lado.

PERFUMES

Exótica

Um lindo presente em finíssimo estôjo



N.º 517

ORGANZA EXÓTICA

Preço Cr$ 70,00

★

Em fina e elegante embalagem. Perfume de alta classe e de um exotismo sensual e arrebatador, verdadeiro sonho das mil e uma noites.

PEDIDOS À

Perfumaria Exótica

Pelo Reembôlso Postal, sem qualquer outra despesa. — Rua Campos da Paz, 165. — Enviamos catálogos.

NOS CLIMAS TROPICAIS...

...AS PELES DELICADAS PEDEM

A Polvilho Antisséptico

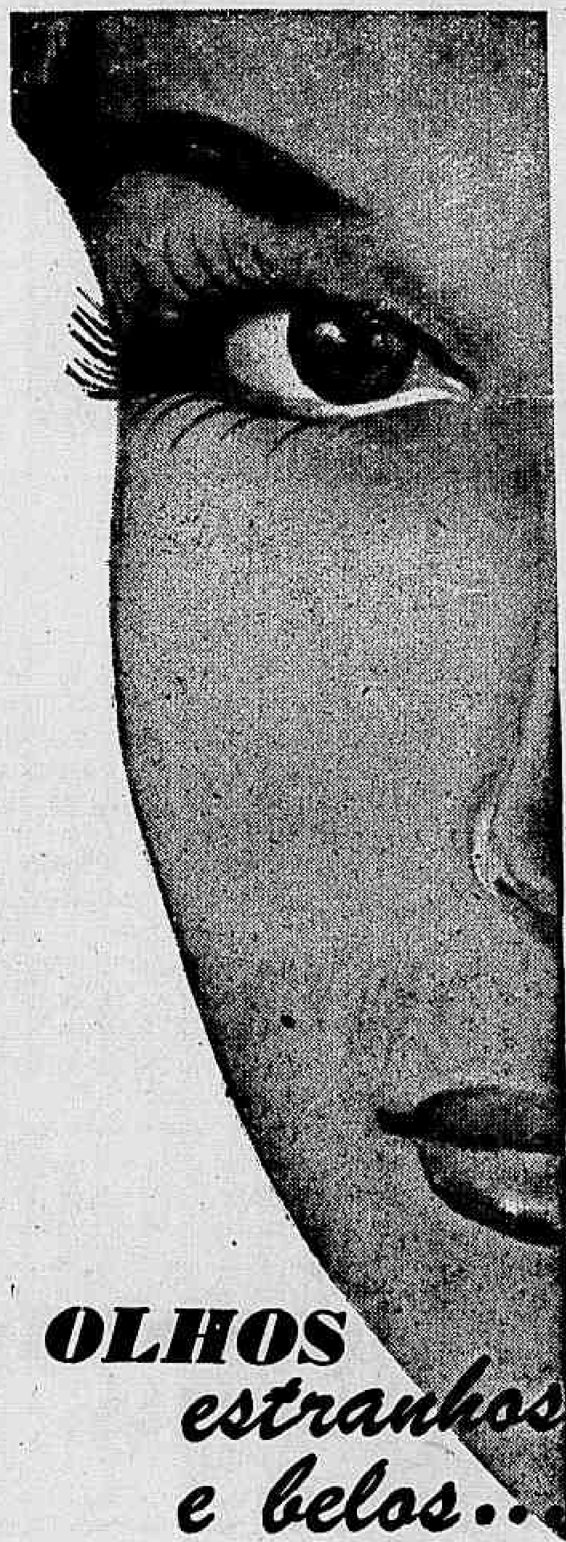
GRANADO

BROTOEJAS ASSADURAS FRIEIRAS SUORES FÉTIDOS

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LIQUIDO





Graças ao Cilion, V. pode possuir sobrancelhas mais graciosas e brilhantes, cílios mais escuros, mais longos e recurvados. Cilion impede a formação de caspas e terçóis, garantindo olhos atraentes e belos!

Prefira o TUBO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos



CILION

embeleza e protege os olhos

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar — Sala 217

Miguel, sentindo pelo resto da vida a culpa da desgraça dele.

Então, inesperadamente, êle pareceu tomar uma decisão suprema. Lívido, — apertava meus pulsos:

— Está bem. Você vai com êle, mas antes há de ser minha, entendeu? Minha!

Avaliei a enormidade do seu sofrimento quando êle afirmou que aquilo era um ultimatum, caso contrário faria por cientificar Alberto do nosso romance clandestino.

— E não sei se êle chegará a acreditar na verdade dêsse platonismo...

Deixei que me puxasse para êle e escondi a cabeça no seu ombro, soluçando:

— O', meu querido, você não sofre menos do que eu! Seria capaz de dar a vida para ser livre nesse momento!

Pedi-lhe o lenço, enxuguei os restos do pranto nervosamente:

— Êsse eu não lhe devolvo mais. Vai comigo.

Tomou-me o queixo com a mão, beijou-me os olhos, as faces, a boca, depois me libertou com frenesi, implorando:

— Vá-se embora Nanete, vá de uma vez, meu amor. Quero-a demais para lhe destruir a vida. Mas por favor não olhe para trás, senão ainda serei capaz de uma loucura!...

Retendo os soluços a custo, fui recuando sem coragem de despregar os olhos dele. Só vim à tona com a chuva tocando no meu rosto, e então desatei a correr, rua a fora com o coração em pedaços.

Hoje, lembrando, anima-me uma saudade amena, benfazeja, reconfortante até daquele poeta idealista que enfeitou de sonho um pedaço da minha vida. E, longe de arrepender-me, sinto-me feliz por ter-me superado a mim mesma no cumprimento de um dever sagrado.

BERNARD SHAW

(Cont. da pág. 11)

E lhe entrega um copo contendo líquido esverdeado e cheiroso, como se fôsse uma espécie de elixir de longa vida. Tomando o copo com um sorriso amável, êle começou a saborear o conteúdo de momento a momento, em pequenos goles.

— Como vai o teatro na América? — indagou.

Contamos-lhe nossas dificuldades, nossos problemas.

— Compreendo. Vocês estão entre a crueldade do patrão e a implacabilidade dos autores.

Aquela expressão sôbre autores determinou uma ligeira discussão entre nós. Disse-lhe que era êle um dos mais caros autores do mundo. Shaw não contestou, mas disse que não se preocupassem com ofertas para suas obras. Não estivessem a justar percentagens para representação. Entregava-nos tudo por 15.000 dólares. Mas agradecemos. Preferíamos pagar-lhe 15%. Falamos depois a respeito de Gabriel Pascal, que está levando para a tela obras de Shaw. Perguntou-nos êle o que achávamos de "César e Cleopatra". Referimo-nos à conversa que tivemos recentemente com Pascal acêrca de peças de Bernard Shaw já levadas ao cinema. Shaw se mostrou satisfeito com a atuação de Ingrid Bergman em "Joan of Lorraine", em Nova York. Mas fêz "blague". Para êle o sucesso de Bergman era justamente porque sua entonação e gestos eram completamente opostos aos do autor.

Ao nos despedirmos êle insistiu em trazer-nos até fora de casa; mas protestamos. Tínhamos receio de que viesse a resfriar-se em virtude da baixa temperatura e dos montões de neve. Mas êle contestou. Tolices. Agradeceu-nos a visita com sorriso cordial. Estivemos ali durante duas horas. Bernard Shaw não deu nenhuma demonstração de cansaço, de fadiga. Para mim aquêle homem é um fenômeno de resistência física e de lucidez de espírito. Creio mesmo que ao atingir idade mais elevada continuará dono de si mesmo. Quando nos despedimos estava tão fagueiro e loução como uma margarida. E, pelo que imaginamos voltaremos a visitá-lo, quando completar seus cem anos."

As mulheres ingressarão...

(Cont. da pág. 54)

concorrer de novo. De metade em metade acabo ficando com o todo. Fui laureada com o livro "Vesperal com chuva", ainda inédito.

A literatura em mim é coisa de nascença. Nenhum fracasso, nenhum sucesso poderá alterar. Não escrevo para ter sucesso, para essa exclusiva finalidade. Escrevo porque é impossível não escrever, como seria impossível não respirar. Comecei aos sete anos com um poema. Terminarei aos setenta, possivelmente, se as gripes não ganharem a batalha, com outro poema.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Ficou com a outra metade do prêmio Afonso Arinos. Tirou um gasparino, não é d. Lygia? A escritora concorreu com o livro de contos "O Cacto Vermelho". D. Lygia tem uma apreciável fazenda em Loreto (Estado de São Paulo), onde a localizamos depois de árduas pesquisas.

— Sou paulista — começa a escritora.

— Fiz o ginasial no Instituto Caetano de Campos. Em seguida, após formar-me na Escola Superior de Educação Física, entrei para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde me diplomei no ano de 1945. Minha infância, passei-a no interior — Areias, Itatinga, Sertãozinho... onde meu pai era promotor público ou juiz. Pelos retratos e pelas lembranças que tenho daquele tempo, creio que era uma menina muito magra e muito tímida. Meus irmãos tinham a idade mental muito mais desenvolvida do que a minha e, assim sendo, nunca se lembravam de mim para suas brincadeiras ou então, quando se lembravam, era para me dar um papel sempre ínfimo: "Nós somos os bandidos. Assaltamos a cidade, roubamos a mocinha e, na volta, quando viermos vindo a cavalo pela estrada, paramos de repente porque tem no caminho um tronco de árvore caído e daí o mocinho pega a gente". Eu era o tronco de árvore. O papel mais importante que me deram foi quando inventaram de fazer um cineminha no porão de casa. Compraram uma "Pathé Baby" e resolveram fazer tudo igual ao cinema "Gato Prêto". Cada criança pagava duzentos réis a entrada. O porão ficava repleto; nos intervalos, eu devia circular com uma bandeja: Baleiro! Balas, balas! Baleiro!...". Minhas amigas eram as três órfãs que minha mãe criava: Maricota, Isaltina e Custódia. À noite, era sempre a Maricota quem me punha na cama e então aproveitava a oportunidade para me contar histórias de almas penadas e lobishomens. Até hoje tenho pavor de ficar no escuro...

Acho que minha maior emoção literária foi quando vi premiado um conto que mandei para a revista "Carioca". "Vidoca" chamava-se o conto e isso foi em 1938. Quanto a concorrer novamente a outro prêmio na Academia, talvez ainda o faça. Quando mandei os originais de "O Cacto Vermelho" para a Academia Brasileira de Letras, tinha, não há dúvida, alguma esperança de vencer — e não teria concorrido se não a tivesse — mas não tinha em absoluto certeza disso. Goffredo — meu espôso — me estimulou entusiàsticamente e, por isso, pode ser considerado o responsável por êsse prêmio; estava mais certo do que eu.

Para terminar, vou falar da minha vida literária. Pergunta-me se contratempos literários afastaram-me alguma vez da minha carreira. Não. Meus aborrecimentos literários—e foram raros os que tiveram— não chegaram nunca a me afastar do meu trabalho. Tenho tido sérias decepções com literatos. Mas não com a literatura.

CASPA!. CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.

LABORATORIO — Rua Souza Dantas nº 25
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

ZEFERINA

"A POPULARISSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

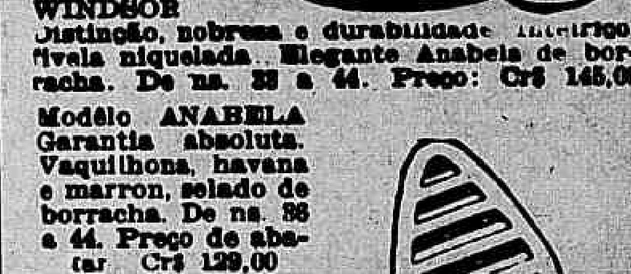
ZEFERINA
AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-2851 - Belo Horizonte



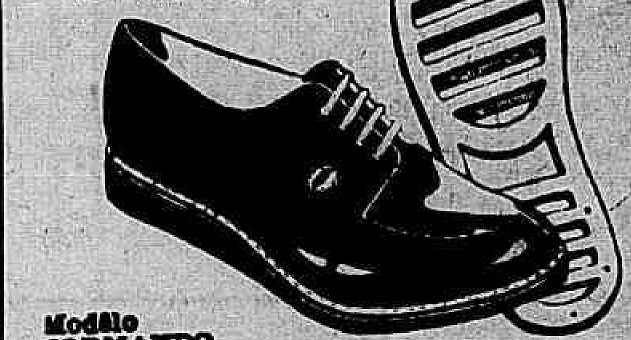
Modêlo BALLET-ZEFERINA
À prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana. De ns. 33 a 38 - Preço: Cr$ 129,00



Modêlo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiriço. Fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr$ 145,00



Modêlo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilhona, havana e marron, solado de borracha. De ns. 38 a 44. Preço de abater Cr$ 129,00



Modêlo NORMANDO
Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, fôrma anatômica, salto de borracha.
Preto e marron. De ns. 36 a 44 Preço: Cr$ 155,00



Modêlo CASTELO
Ótimo para homens elegantes. Inteiriço de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44.
Preço: Cr$ 120,00

Modêlo SIDNEY
Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiriço e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARISSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRÍCIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um Produto Cientificamente Preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!

★

A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00

6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à

CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

SANSÃO E DALILA

(Cont. da pág. 52)

prepara para abandonar Dalila. A cortezã fica indignada com êsse novo repúdio; já então sabedora de que a fôrça de Sansão reside em seus longos cabelos, aproveita um momento em que o jovem está dormindo para cortá-los rente à cabeça. Artur fàcilmente aprisiona Sansão, não podendo êle oferecer qualquer resistência.

O Governador dá ordens para que sejam arrancados os olhos do prisioneiro, a fim de que êle não mais possa fugir. E Sansão, cego, é levado para Gaza, onde trabalha como burro de carga, num moinho de roda. Dalila, que desconhecia a brutalidade do castigo impôsto a Sansão, fica desolada ao encontrá-lo cego. Cheia de remorsos e convencida de que seu amor é mais forte do que o ódio, resolve ajudar seu bem amado a fugir. Acontece que Sansão, considerando que seu sofrimento é uma bem merecida punição divina pelos seus pecados, recusa-se a partir.

Dias depois, Sansão é levado para o templo de Dagon, onde deverá servir de divertimento ao Governador e sua côrte. Nesse instante, Sansão sente renascer sua fôrça miraculosa; e ao chegar ao templo, põe seus músculos em ação, derrubando as colunas mestras do templo, que está repleto de filisteus. Êle e Dalila, a quem havia perdoado, sucumbem sob os escombros."

O "SANSÃO" FOI BEM ESCOLHIDO

Como sempre acontece, houve uma grande dificuldade na escolha dos intérpretes de "Sansão e Dalila", principalmente quanto aos dois personagens centrais, isto é, o forte damita e a provocante filistina. Depois de alguns meses de observação, DeMille escolheu muito justamente a Victor Mature, um ótimo ator, sem dúvida, para o papel de Sansão.

Na seleção da cinematográfica Dalila, houve um pouco mais de dificuldades. Várias atrizes foram submetidas a testes, mas ninguém preenchia as exigências de DeMille para a principal intérprete feminina da sua tecnicolorida e recente estravaganza. No entanto, depois de alguns meses de observação e de testes, foi encontrada a Dalila — Hedy Lamarr. Por antecipação, achamos mais feliz a escolha de Victor Mature para o "Sansão" do que de Hedy Lamarr para a "Dalila".

Para o papel do Governador (Saran), a figura mais importante dos filisteus, DeMille convidou George Sanders; e Henry Wilcoxon, um dos intérpretes preferidos de DeMille (êle foi Marco Antônio em "Cleopatra" e Ricardo Coração de Leão em "As cruzadas"), recebeu o papel de Artur, chefe militar de Dan. Angela Lansbury é Semedar, a irmã mais moça de Dalila. Miriam e Hirsham são interpretadas, respectivamente, pelas novatas Olive Deering e Julia Faye, e o velho e inesquecível William Farnum, irmão do famoso Dustin Farnum, aparece na interpretação de Tubal.

Expomos assim, em linhas gerais, numa reportagem despretenciosa, as primeiras informações sôbre "Sansão e Dalila", a mais recente realização de Cecil B. DeMille, o velho DeMille criticado ou louvado, mas sempre o velho DeMille dos super-espetáculos. O velho DeMille que compreende como ninguém o que o grande público exige para que os cinemas estejam sempre superlotados e para que as receitas sejam sempre bem gordas.

As mulheres ingressarão na Academia

(Cont. da pág. 29)

A maior emoção da minha carreira foi, sem dúvida, o prêmio "Olavo Bilac". Ninguém concorre a um prêmio com a idéia de perdê-lo... Foi o que se deu comigo. Quanto às minhas preferências culturais, em relação às artes não tenho nenhuma. Sem vaidade, seja permitido dizer que foi, assim, a Literatura quem me preferiu, ajudada por certo pela pujança da hereditariedade: sou filha de Reis Carvalho.

PRÊMIO COELHO NETO

O romance "Chama e Cinza" deu êste prêmio à escritora Carolina Nabuco que, em 1929, foi laureada com o Prêmio Joaquim Nabuco, com o seu livro "A vida de Joaquim Nabuco". Parabens, D. Carolina. A laureada é filha de Joaquim Nabuco, cujo centenário se comemora êste ano em todo o país e no estrangeiro. Embora atarefada com as comemorações do centenário de seu pai, D. Carolina nos atende com a sua proverbial afabilidade:

— Nasci na ilha de Paquetá. Ainda não encontrei outra pessoa que tenha nascido na Ilha. Estudei com professôres e governantas particulares, porque papai tinha tão desagradáveis recordações de internato, que nunca permitiu que estudássemos internos.

Minha melhor distração em tôda idade era tomar de um papel e rabiscar qualquer coisa, isso desde os sete ou oito anos, quando escrevia o que chamava "comédias" e comecei a traduzir do francês — que minha mãe me ensinou muito cedo — um livro da condessa de Segur, não me lembro qual. Quando eu era mocinha de dezoito anos e não havia ainda publicado nada, lembro-me de uma frase de um velho muito inteligente a quem eu dissera que minha maior ambição na vida era ser escritora. Respondeu-me êle: "Não diga isso. Para que uma mulher escreva é preciso ser infeliz". Fiquei, na minha inexperiência, perplexa com essa afirmação, mas não tardei em me convencer que a verdadeira vocação, a atração pela pena, nada tem a ver com o destino pessoal nem com as circunstâncias da vida.

A maior emoção da minha carreira literária foi a publicação de "A vida de Joaquim Nabuco". A primeira edição do livro esgotou-se em um mês. Tive surprêsa ao ser novamente laureada. Havia um romance inscrito, que considero magnífico, um dos melhores da nossa literatura: "Os Renegados", de Otávio de Faria. Agora, não pretendo nunca mais concorrer a outro prêmio na Academia. Bastam dois. Devo deixar isso para os moços, que precisam de estímulo.

PRÊMIO AFONSO ARINOS

Foi dividido entre as escritoras Lúcia Benedetti e Lygia Fagundes Telles. Ouçamos Lúcia Benedetti. Está acamada, devido a um atropelamento na rua do Passeio. O carro quebrou-lhe a espinha e, em conseqüência, Lúcia tem crises periódicas de invalidez. Realmente, D. Lúcia, o tráfego nesta cidade maravilhosa é traiçoeiro e não há indenização para os acidentados. Alguém a socorre nas suas crises de invalidez ou a indenizou pelo ocorrido?

— Não, responde-nos a escritora com certa revolta. Tenho pena dos que ficam aleijados e paralíticos e acabam morrendo como cães por serem demasiadamente pobres. Mas não quero fazer demagogia sôbre o caso. Vou responder à entrevista.

Nasci em Mococa, pequena cidade do interior paulista e vim de lá tão pequena que mais tarde, aos dezoito anos, voltei para saber como era. Gostei tanto que muitas outras vêzes voltei e ainda voltarei, se Deus quiser. Da minha infância, passada em Niterói, guardo as mais fundas recordações. Das professôras que tive, tanto no curso primário como no secundário, nunca pude me esquecer de D. Conceição Costa. Foi quem, com enorme carinho e inteligência, me mostrou a minha própria vocação. Eu não tinha ainda nove anos e ela dizia-me que seria escritora sem dúvida. Eu não sabia então que escrever era um problema para gente grande. Como me parecia natural, tão natural e agradável como brincar de pique ou cantar. Mais tarde, no curso secundário encontrei outra professôra D. Chiquita Jardim de Araújo, que me estendeu a mão, alegando que se eu não seguisse a carreira de letras, por falta de estímulo, ela se sentiria culpada. Foi uma grande amiga, de quem me lembro sempre com saudade. De tal forma me estimava que, um dia, quando lhe contei que minha maior ambição era ser cantora, não teve dúvida. Começou a me ensinar canto. Mas, na realidade, o que ela queria era controlar as minhas produções literárias. Cada semana eu lhe levava um conto, uma crônica, uma carta, o que bem me aprouvesse. D. Chiquita fazia seus comentários, corrigia e me dizia: — Se você parar de escrever, acabo com esta amizade. E eu, firme, nos arpejos, nos vocalises e até nas canções francesas. Já havia conseguido transformar a rêde de simpatia que havia por mim na vizinha, no mais puro espanto. Mais tarde, conforme eu insistia nos vocalises o espanto ia se transformando em frieza e sabe Deus quantos ódios sufocados. Porque eu era implacável. Estudava duas horas de manhã e duas horas de tarde. Queria ser mesmo cantora de ópera. Não podia deixar por menos. Entretanto, estava resignada a ser escritora mesmo, já que minha voz era contra essas aspirações.

Tive imensa surprêsa ao receber metade do prêmio Afonso Arinos. Sabe que eu e Lygia Fagundes Telles tiramos o mesmo prêmio, não sabe? Eu ignorava que se pudesse dividir a mesma láurea. Eu e Lygia estamos assim como irmãs gêmeas. Jamais me referi ao prêmio da Academia como um prêmio de fato, mas sempre como uma medalha. Por mais que me esforce em contemplar o diploma como uma coisa integral, êle está sempre partido e sempre penso, como as crianças, que a metade maior ficou com a Lygia. Naturalmente que vou

(Cont. da pág. 54)

Nº 22

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM





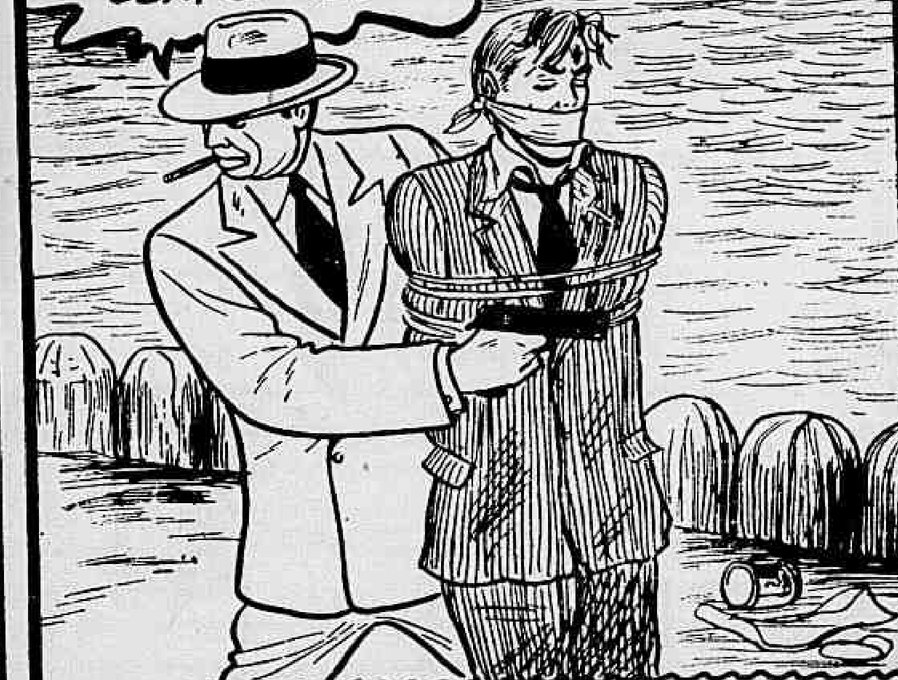


SCARLET SOLTOU UMA EXCLAMAÇÃO QUANDO VIU SANDY TODO MACHUCADO... PRECISAVA.

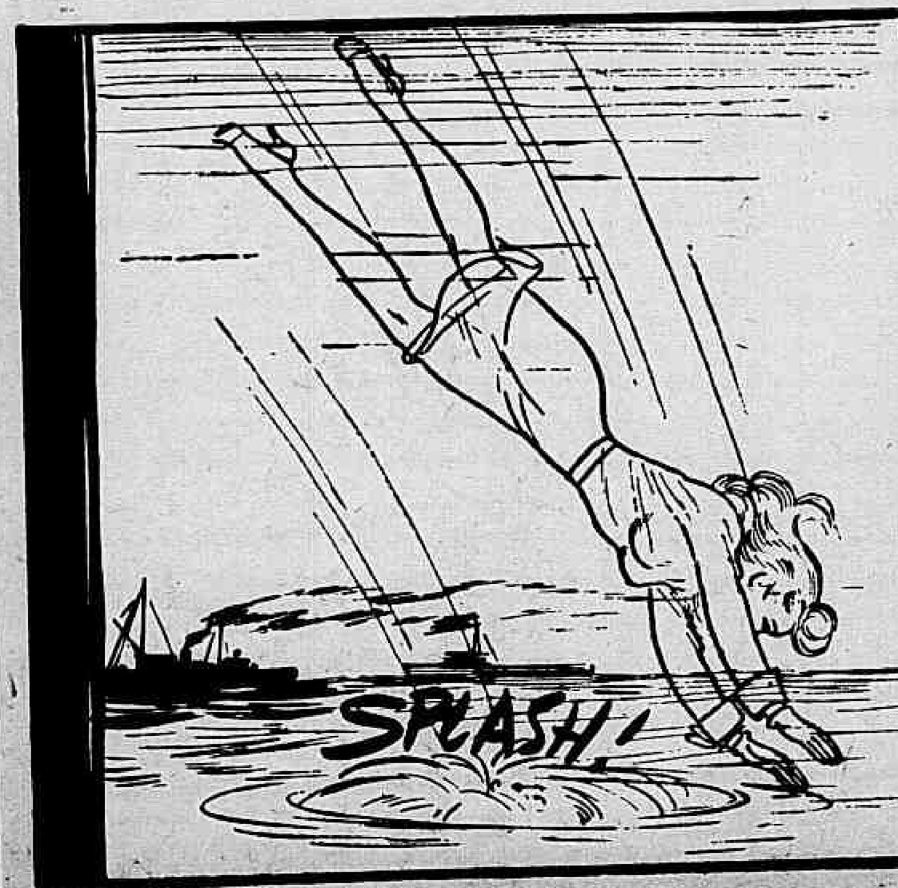




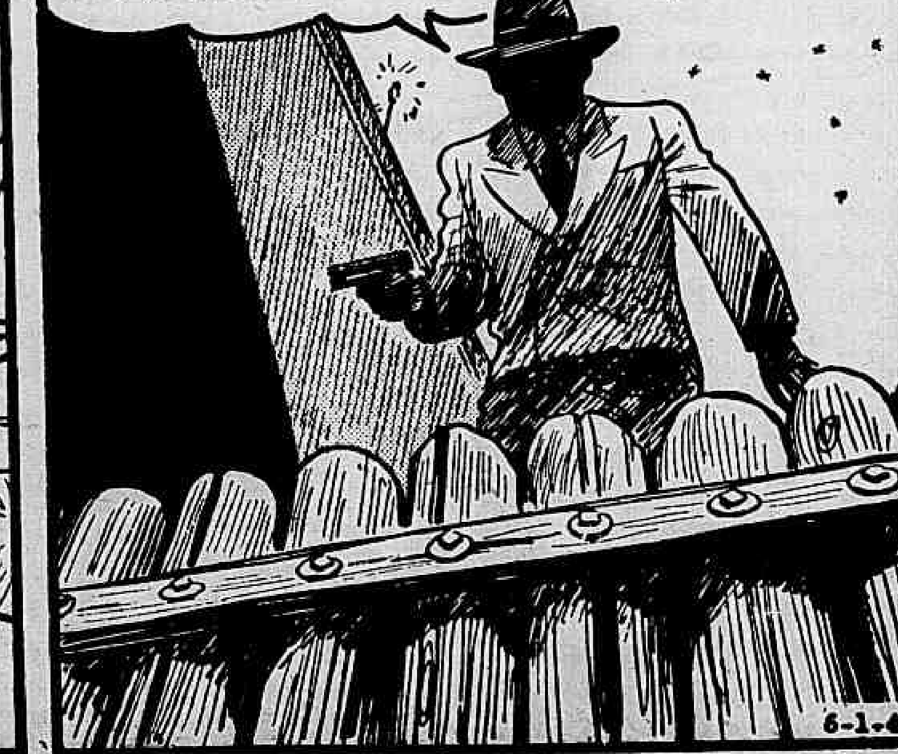














Na cova das Serpentes

ÊSSE magnífico filme da "20th Century Fox Corporation" será levado no próximo dia 16, sexta-feira, às 22 horas, em sessão especial, em benefício da Sociedade de Amparo aos Psicopatas, no Cinema São Luiz, gentilmente cedido pela Emprêsa Severiano Ribeiro. Damos abaixo a opinião de alguns dos nossos mais eminentes psiquiatras sôbre o filme : "Na Cova das Serpentes":

...Atraente pelo seu enrêdo, impressionante pelo seu conteúdo, conseguiram seus diretores uma técnica digna das melhores apreciações, inclusive na escolha dos tipos mais representativos.

DR. ADAUCTO JUNQUEIRA BOTELHO
Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais

★

...Na Cova das Serpentes é magnífica obra de arte, fazendo-nos viver intensamente um dos dramas da vida real mais frequentes e mais ignorados — a loucura e o que acontece aos loucos nos hospitais.

DR. FÁBIO DE AZEVEDO SODRÉ
Presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal

★

... E' um grande filme educativo. As emoções que êle desperta são fortes. O conteúdo educativo é do maior valor em higiene mental. O público leigo só terá a ganhar ao vê-lo.

DR. MAURÍCIO DE MEDEIROS
Catedrático de Psiquiatria da Universidade do Brasil

★

A Sociedade de Amparo aos Psicopatas tem por fins:

a) promover por todos os meios e em todos os setores sociais o desenvolvimento da saúde mental;
b) proteger os doentes mentais, fornecendo-lhes, especialmente, meios de trabalho e diversões;
c) assistir os egressos dos hospitais;
d) amparar as famílias dos doentes

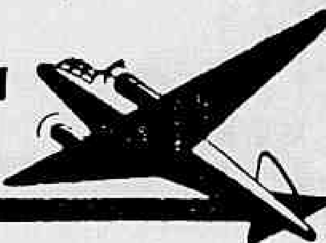
Procure contribuir para que sofram menos os doentes mentais, inscrevendo o seu nome no quadro social da Sociedade de Amparo aos Psicopatas, que tem sua sede na Avenida Nilo Peçanha, 38 - 10.º andar (Edifício da Policlínica).

★

Os ingressos para o filme "Na Cova das Serpentes" podem ser procurados na A.B.I., 8.º andar, com as representantes da Sociedade de Amparo aos Psicopatas.



PELAS estradas do CÉU



ANDRÉ MAX

Com a presença de autoridades civis e militares, federais e estaduais, a cidade de Barbacena recepcionou a primeira turma de alunos do Curso Preparatório de Cadetes do Ar, instalado no antigo Colégio Militar. Chegaram os cadetes por estrada de ferro. O pátio da estação estava repleto de pessoas que foram assistir à sua chegada. Do palanque oficial, deu boas vindas aos cadetes, o prefeito Teobaldo Tollendal, acentuando quanto representava para Barbacena a instalação do C.P.C. Ar. Em seguida usou da palavra o cel. Sálvio de Castro, da Diretoria do Pessoal do Exército, que leu uma poesia inédita, inspirada pelo rugir dos motores do avião que o conduziu. Por fim agradeceu, em nome da Aeronáutica, o major aviador Carlos Alberto Ferreira Lopes, comandante do Curso, as homenagens prestadas à Aeronáutica. O governador Milton Campos fêz-se representar na pessoa do deputado José Bonifácio Filho. A noite, os cadetes recepcionaram a sociedade barbacenense, com um coquetel, a que compareceram as suas figuras mais representativas.

As 11 hors do domingo, após a missa rezada na capela do Curso pelo revdmo. padre Lauro Resende, na praça dos Andradas, em frente ao edifício da Prefeitura, a srta. Zilda Castro procedeu a entrega, à turma de cadetes, do estandarte do Curso, confeccionado pelas alunas do Asilo de Órfãos, valioso trabalho executado a ouro. Depois, o brigadeiro Antônio Guedes Muniz, diretor geral do Ensino da Aeronáutica, passou revista à tropa, que momentos após, desfilava pelas ruas de Barbacena, sob calorosos aplausos da multidão ali presente, calculada em 10 mil pessoas, aproximadamente.

As 14 horas, em sua fazenda, o sr. Arthur Lavigne ofereceu aos cadetes uma típica feijoada-dançante, que decorreu bastante animada.



Desfile dos Cadetes do Ar pela rua principal de Barbacena

As 18 horas, em frente à Prefeitura, foi homenageado o brigadeiro Guedes Muniz, com uma manifestação popular, tendo à frente o deputado José Bonifácio. Aquêle parlamentar declarou que aquêle momento constituía um espetáculo incomum em Barbacena, e o local estava bem justificado pelo conceito de que "os homens que voam nas alturas, precisam de viver nas alturas".

Em seguida falou o brigadeiro Guedes Muniz. Agradeceu a homenagem que, segundo suas próprias palavras, não lhe cabia, e sim aos principais "artezãos" daquela realização — o presidente Eurico Dutra e o ministro Armando Trompowsky. Elogiou a atuação e inestimável ajuda do governador Milton Campos e de dois amigos seus, deputados José Bonifácio e Bias Fortes. Acabou seu discurso, desejando que todos imitassem o espírito de solidariedade dos barbacenenses, os quais deram inequívocas demonstrações de amor à pátria.

✶

TENENTE CORONEL THOMAS H. WARD — Esteve, em visita ao Serviço de "Divulgação do Ministério da Aeronáutica", o tenente coronel Thomas H. Ward, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, adido à "Training Section" da USAF, nesta Capital. Antigo jornalista, o tenente coronel Ward durante alguns anos militou na imprensa de várias cidades européias, inclusive Paris, onde foi reporter e redator do "The Ambassador", que se editava em língua inglêsa.

Tendo sido recentemente designado pelo Govêrno dos Estados Unidos para servir nesta Capital, aquêle oficial aviador americano procurou imediatamente manter contacto com os jornalistas acreditados junto ao Ministério da Aeronáutica. Durante a visita feita ao Serviço de Divulgação daquele Ministério, o tenente coronel Ward manteve cordial palestra com seus colegas brasileiros e, ao despedir-se manifestou-se plenamente satisfeito pela acolhida, oferecendo sua colaboração e seus préstimos junto ao Serviço que pretence.



Aqui está uma ligeira amostra das estudantes que são hoje celebridades: Garbo, Bergman, Hasso, Toren, tôdas suecas

COMO todos sabemos, são várias as "estrêlas" de Hollywood procedentes da Suécia e filhas daquele país nórdico. O motivo é simples: funciona em Estocolmo famosa escola de arte dramática, através de cujas aulas se formam, passo a passo, degrau a degrau, artistas das mais valiosas e que, depois que deixam a escola e começam a aparecer nos palcos ou nos estúdios suecos, são imediatamente contratadas para a capital do cinema: Hollywood.

Já afirmaram que para uma artista chegar a Hollywood basta que tenha feito seu curso na Real Escola Dramática da Academia de Estocolmo.

Para provar a asserção citam-se como exemplo Greta Garbo, Ingrid Bergman, Signe Hasso, Marta Toren, Viveca Lindfors e várias outras "estrêlas".

A Academia, que recebe auxílio oficial do Estado, não se sente muito feliz com esta situação. Sua finalidade é a de fornecer artistas de talento aos palcos nacionais. O curso dessa Academia de arte dramática deveria produzir "astros" para a Suécia e não para Los Angeles.

Para que saiam artistas completos da Escola de Estocolmo cursam os estudantes aulas de conversação, modo de andar, danças, esgrima, corridas, falar em segrêdo, gritar, quietude.

As condições dêsse aprendizado são muito severas. Os estudantes custeiam suas matrículas e permanência e ficam proibidos de contrair compromissos ou empregos fora que venham comprometer o curso ou os estudos.

Os exames de admissão se caracterizam pelo seu rigorismo, bastando dizer-se que, num ano, de cêrca de 128 candidatos somente onze foram aceitos e, dêstes, apenas um fêz o curso completo que é de três anos.

A severidade da organização tem por objetivo fazer uma seleção que somente seria possível em se tratando de verdadeiros fanáticos da arte dramática. Olle Hilding, diretor de Arte, acha que as regras são muito fortes, mas não pode nem deve atenuá-las.

Hollywood com tôdas as suas regras e disciplina não pode chegar aos pés da Escola de Estocolmo em rigor.

★

Estudantes antes de seus exames passam os olhos em seus cadernos sentados à sombra da estátua da cantora Jenny Lind

UMA FÁBRICA DE ESTRÊLAS DE CINEMA



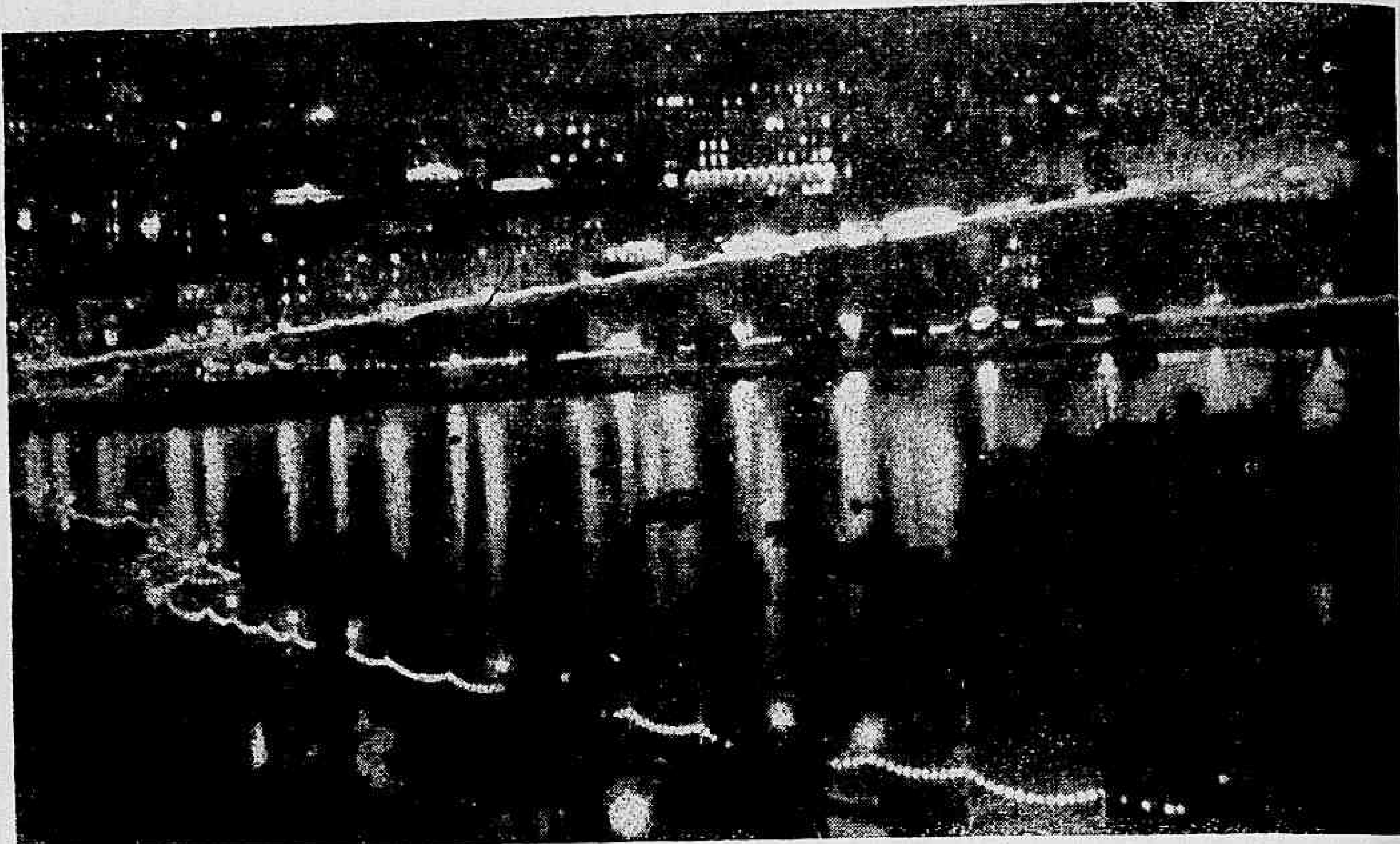
O diretor Hilding quando dava a dois estudantes uma aula de interpretação dramática, incluindo o uso das mãos



Aulas de ballet são dadas num terraço de alto edifício da capital sueca com vista sôbre a cidade. Não inclui canto

DE CIMA PARA BAIXO — Monte Carlo toma severas precauções. Cada roleta é inspecionada e revisada diariamente por meio de um exame ao nível dágua. Eis a última novidade de Monte Carlo: o famoso e popular "craps".

Jôgo de dados dos Estados Unidos agora transplantado para o Mediterrâneo. Sempre que numa dessas roletas se notam defeitos, mesmo os mais insignificantes, é a mesma enviada imediatamente à oficina de reparos



Durante as noites maravilhosamente iluminadas da "Côte d'Azur", muitos se encerram no cassino, ignorando o mundo

NOVO JOGO PARA MONTE CARLO

A famosa Monte Carlo está em vésperas de uma revolução. Os dados e as roletas, que até o presente não se movimentavam vão reaparecer triunfalmente sob os deslumbrantes lustres dos luxuosos salões do Cassino. Se a S.M.B., ou seja, a Sociedade dos Banhos de Mar, administração todo-poderosa desta poderosíssima instituição, está decidida a introduzir jôgo proletário nos seus salões dourados é que é preciso conseguir democratização a todo preço, não importando o meio de fazê-lo.

Tudo isto com a esperança de obter dólares. Não se deseja entronizar o tipo popular nem o modesto operário no santuário da "chance"; mas o que se tem em mira é oficializar um jôgo americano, o "craps".

No último ano a S.M.B. perdeu dinheiro. Fôra a terceira vez que tal fenômeno se verificava desde sua fundação, e desta vez o rombo foi considerável: 135 milhões!

As ações de 500 fr., que na Bolsa eram cotadas a 2.714, baixaram a 1.621. Os boatos mais alarmantes começaram a correr mundo. Dizia-se que o cassino ia fechar as portas à espera de melhores dias. Outros espalhavam que êle ia passar para mãos de americanos e demolido pedra por pedra, a fim de ser reconstruído em Tanger.

Tudo isto iria produzir um acontecimento inesperado. Depois de várias reuniões o conselho de administração deliberou a adoção do "craps", conclusão lógica do seguinte raciocínio: estamos precisando de dinheiro. Os turistas americanos o possuem. Para que joguem é preciso que lhes ofereçamos uma espécie de jôgo que êles conhecem e do qual são apaixonados. Temos que aclimar aqui êsse tal de "craps", jôgo que, durante a guerra, empolgou tôda a nação americana.

Depois dessas reuniões quase sempre longas, M. Louis Geresol um dos diretores da S.M.B., acompanhado de um "croupier", partiu para os Estados Unidos, a fim de estudar "on location" as regras do novo jôgo.

Sua missão não era fácil. E' que há nada menos de 52 formas diferentes de jogar o "craps". Em todos os lugares o número de dados (dois) é sempre o mesmo. Da mesma forma, por todo canto os números sete e onze são ganhadores, e dois, três ou doze pontos (os "craps") são os que perdem; mas entre os negros do sul, que gritam e gesticulam ao jogar o "craps" em plena rua, as regras são muito diferentes das usadas nos bares de Brooklyn.

Os dois observadores de Monte Carlo andaram de um Estado a outro, tomando suas notas e, finalmente, chegaram a Las Vegas, em Nevada, onde ficaram. Durante várias semanas êles presenciavam as partidas com a máxima atenção, enquanto uma câmera cinematográfica ia filmando os gestos dos "croupiers" e registrando suas fórmulas rituais como "seven come eleven", ou seja, "sete vem onze", ou "Baby needs a pair of shoes", isto é, "o bebê tem necessidade de um par de sapatos", ou seja, o significado de que "eu ganhei!". Tudo isto, com seu pitoresco popular, foi registrado em discos.

Meus colegas americanos, declarou, ao regressar a Monte Carlo o "croupier" Alfred Jauffret que acompanhou o diretor, disseram-me que eu teria que passar ali vários meses para que pudesse compreender bem o jôgo com todos os seus segredinhos e modos de anunciar. E ficaram estupefatos ao ver que em quatro semanas eu estava apto a dar lições de "craps"...

Dias depois, sob a direção dêsse técnico e graças aos documentos cinematográficos e sonoros trazidos da América, doze "croupiers' de Monte Carlo tomavam parte num curso de "craps" a fim de ficarem treinados com a maior urgência, em face da próxima inauguração das novas salas de jôgo no cassino.

E' claro, disse um dêsses novos técnicos, não vamos apresentar-nos nos salões de jôgo com a mesma indumentária dos americanos nem usar os seus petrechos de couro. Êles jogam com as mangas arregaçadas. Os "craps", que fazem mais barulho do que as roletas, serão instalados mais afastados, de maneira a não incomodar os jogadores que não admitem outro ruído que não o das fichas sôbre a mesa. Outra inovação. Enquanto na Nevada o "barato" é de 1,4%, em Monte Carlo será de 8%. Isso, segundo dizem os "experts", é para consolidar as finanças. E não está ainda o cassino em condição de fazer as figurações das épocas anteriores, quando se portava com generosidade junto ao Principado de Mônaco, conforme o acôrdo que mantém com êle. Para ver-se o

Era bastante repetida a antiga lenda dos suicídios em Monte Carlo. Êste desenho ilustra e revive um dêsses episódios







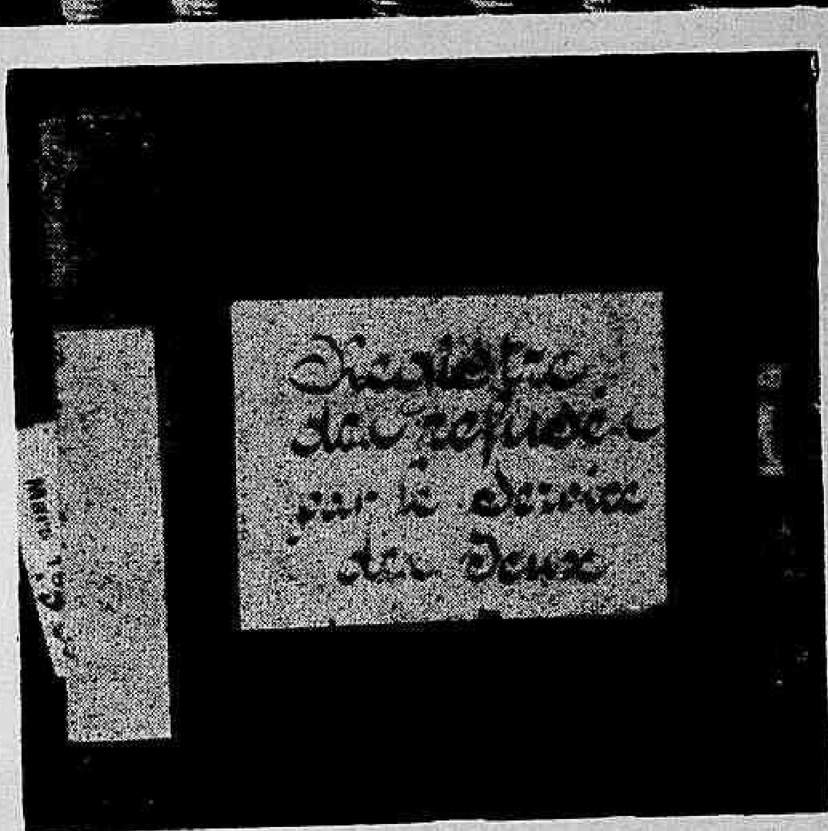
A ESQUERDA — Um curso no Cassino de Monte Carlo para treinar os "croupiers" na arte de dirigir as mesas de jôgo, indústria básica do famoso balneário. A DIREITA — Antes de iniciar o jôgo, todos os "croupiers" preparam suas "caixas" movimentando os montículos de fichas que vão alimentar o vício

que eram os encargos do cassino, basta dizer que estava na obrigação de fornecer água em quantidade suficiente para irrigar as ruas, conservação dos esgotos, manter a iluminação do palácio e edifícios do govêrno, edifícios consagrados a serviços públicos, ruas, avenidas e boulevards. Tinha ainda a obrigação de imprimir o diário oficial, semanário, e o anuário, manter a limpeza pública e incinerar o lixo, contribuir para os serviços postais, o serviço do pôrto, bombeiros, melhoramentos nas ruas, etc. E mais ainda: desde 1898 5% das receitas brutas a partir de 25 milhões seriam para beneficências; mas, a começar de 1909, mais 5% para trabalhos de utilidade pública.

Em 1936, porém, teve o govêrno de Mônaco que amenizar essas condições, sob pena de ver morrer a galinha dos ovos de ouro... Com a última guerra, as restrições sôbre câmbio, certas despesas que os diretores julgaram exageradas e supérfluas, como a compra de um hiate de 25 milhões, construção de um teatro e restaurantes no total de 50 milhões, provocaram o "deficit" do último ano.

Tôdas as esperanças do cassino residem agora no "craps", importado dos Estados Unidos.

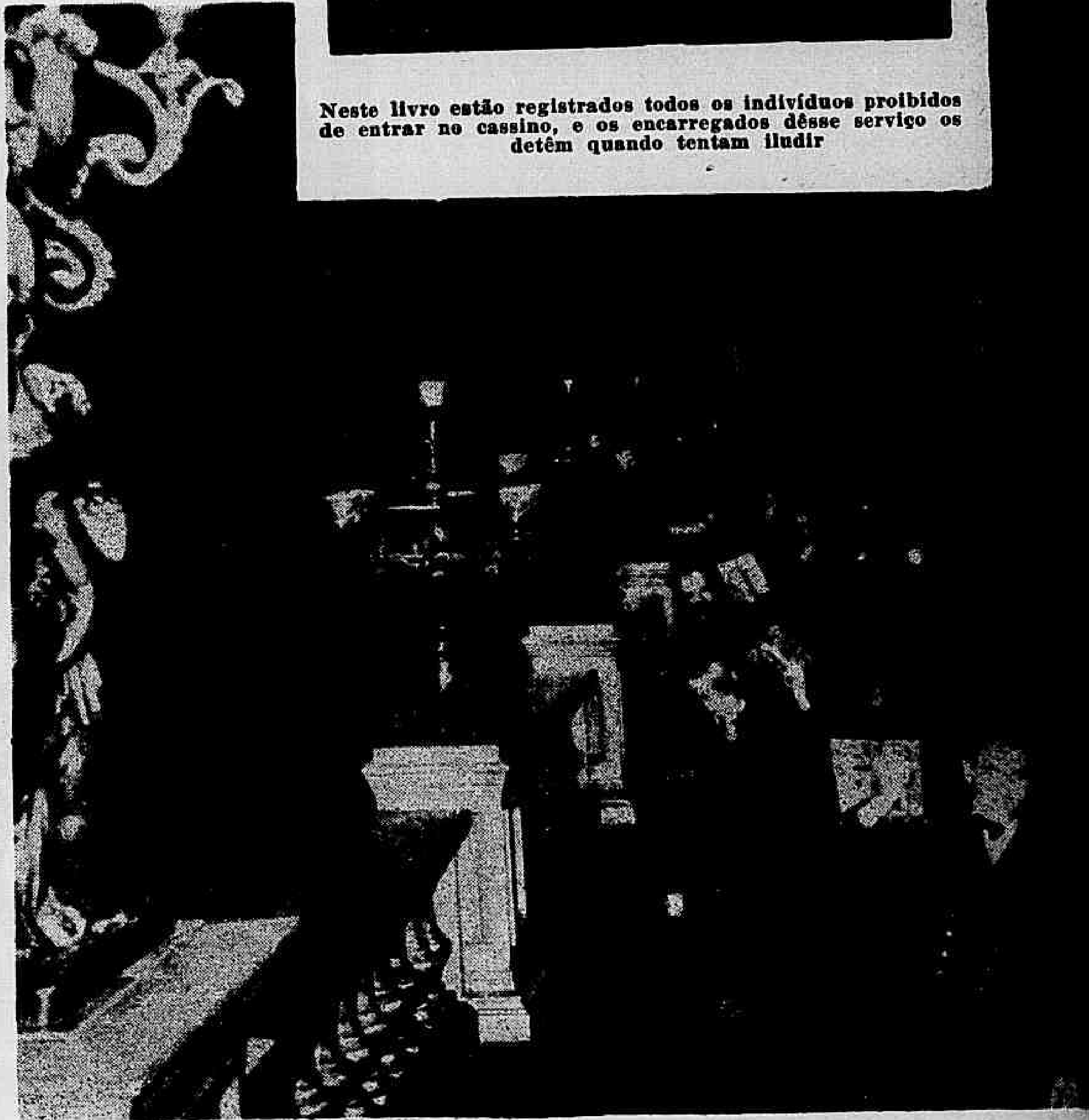
Os dados estão aí para êsse jôgo, dizem os "croupiers"; esperamos agora que os americanos venham a Monte Carlo!



Neste livro estão registrados todos os indivíduos proibidos de entrar no cassino, e os encarregados dêsse serviço os detêm quando tentam iludir

A ESQUERDA — E' enorme o público que joga em Monte Carlo. Passam horas inteiras diante das roletas, olhar nos números, fascinados pelo ruído do jôgo A DIREITA — Depois de uma noitada de alegrias e tristezas, os empregados do cassino conduzem em caixas-fortes os resultados da colheita





DEZ MILHÕES DE CRUZEIROS DERAM À PRAIA DE SANTA LUZIA

O CONDE DE SALAMALEQUES E SUAS AVENTURAS NA AFRICA

ESTA E' A 50ª DE UMA SÉRIE DE MIL E UMA NOITES AFRICANAS, QUANDO O ILUSTRE FIDALGO PASSOU DIAS DUROS NO INTERIOR DO CONTINENTE NEGRO

O CONDE DE SALAMALEQUES, PROCURANDO AVENTURAS AMOROSAS!



Motocicleta equipada com ôlho de coruja, para ver à noite

Naquele dia, o secretário do Soba me informou que era dia de parada. As ruas da capital de Escrachalakonjeito se enchiam de soldados em seus uniformes de gala, isto é, pés descalços, com uma tanga, argolas nos beiços e lança no ombro.

As garotas também acorreram à única rua da capital, metidas em seus mais belos vestidos, uma espécie de saco de estopa muito sujo, sua côr natural, e a dar vivas.

Eu era o único homem selvagem entre êles. Por isso muita gente me olhava com desconfianças. Fui ao depósito de ferro velho e retirei de lá uma motocicleta que pertencera a um pastor protestante heroicamente devorado pelos canibais. Coloquei minha carabina tripartidária a tiracolo para tirar o medo que já me invadia e saí à rua para mostrar que estava com tudo e não estava prosa. Como não havia combustível, saí empurrando a máquina com o pé, como se faz com patinetes. As jovens negras me fitavam embevecidas e eu convidei uma para passear comigo. Ela aceitou tôda cheia de mungangas; mas, quando ia subir, ouviu-se um estampido e todo mundo correu. Era o pneumático. Fui recolhido ao xadrez, pois ninguém acreditou que não fosse a minha espingarda. Acusaram-me de tentativa de africanicídio. (Conservem seus rádios ligados.)

SUCIAIS

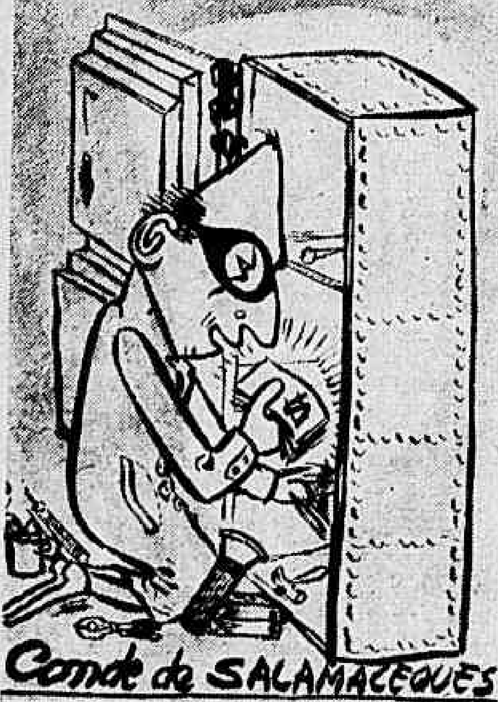
Casamento — Forçados pelas circunstâncias, acabam de contrair núpcias os nossos distintos amigos e conterrâneos Genolânio Palimércio de Aragão Izado, com a prendada solteirona Melânia Alameda de Castelão Desmoral, com residência incerta até achar apartamento. Parabens ao distinto casal Desmoral-Izado.

VENDE-SE, por preço módico, um restaurante com capacidade para transformar gato em vitelinha com arroz, baiacu em garopa, carne de bode em carneiro, baratas em tempêro e óleo de ricino em a z e i t e português. Guarda-se sigilo



Julito — Não podemos dar guarida ao que nos pede. O Sr. Conde de Salamaleques vive s e m p r e muito ocupado e não dispõe de horas de lazer para futilidades. O melhor será que o amigo marque comigo um encontro num bom restaurante, à hora do almôço. Convidarei o Sr. Conde. Mas é bom levar dinheiro suficiente.

Maria China — O traço de sua letra demonstra um coração bem formado, facilmente dominável. Aconselhamo-la a que não vá muito a cinemas. Todo o dinheiro nos traga que lhe daremos conselhos.



Reprodução proibida

ÊRRO DE INTERPRETAÇÃO — Telegramas do Oriente próximo revelam que foi visto nas fronteiras da Iugoslávia em grande marcha para o ocidente afastado o grosso do exército russo. Só voltou a calma aos noticiaristas quando ficou provado que não se tratava de exércitos, mas de um soldado gordo e baixote, o grosso do exército soviético...

ROUPA SUJA — Lava-se com ciciência. Tratar no Conselho Municipal

A DENTADA É UM BEIJO DADO PELO AVESSO. POR ISSO, QUANDO UMA MULHER BEIJA É P O R Q U E TEM VONTADE DE MORDER.

TUDO EM JÓIAS E DINHEIRO NO BOLSO DE UMA FAMOSA PERSONAGEM...

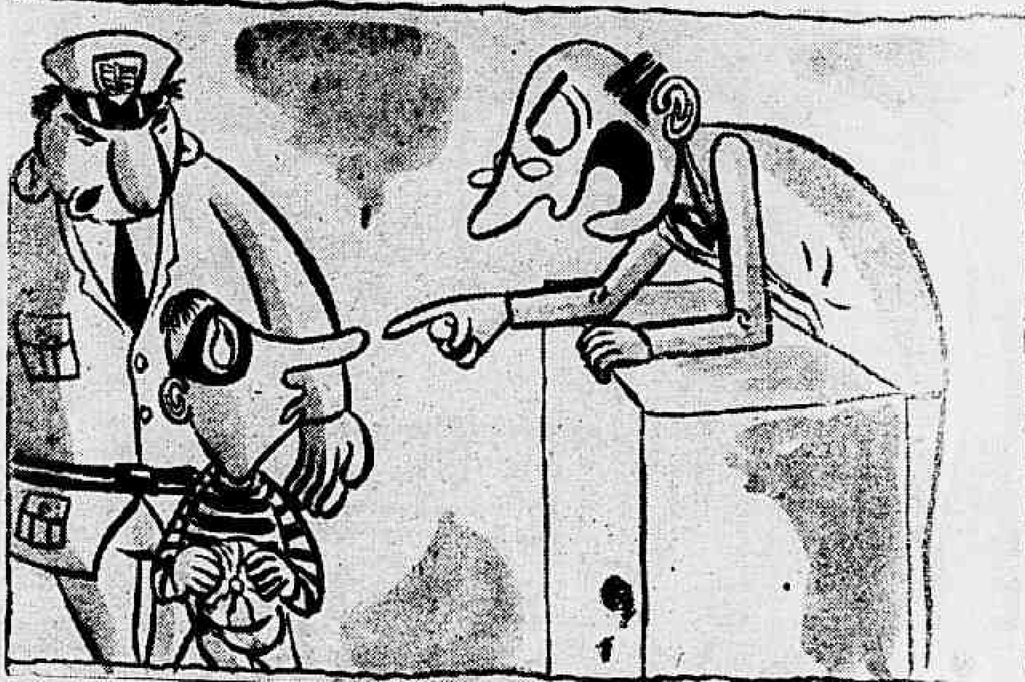
Êle foi criado num sistema que muito favoreceu suas velhacarias. Tornou-se poderoso e rico. Desafiava a polícia e a justiça dêste país grandioso. Vai ser um sucesso "A vida íntima de um tubarão".



Qualquer semelhança com esta publicação não constitui mera coincidência. É plágio no duro.

ESTÁ NASCENDO OUTRO CHIFRE NO RINOCERONTE

Nosso jardim zoológico acaba de receber mais um bicho notável. E' o rinoceronte, animal de gênero dos que mamam, é perissodádilo, isto é, conhece datilografia e tem um chifre na tromba, como prova de que enxerga alguma coisa diante do nariz. Êsse animal, porém, em conversa confidencial com o urso revelou que está ansioso por pedir uma licença às autoridades para poder ir à sua terra natal, onde ficou sua exma. família, a fim de saber o que se passa por lá, pois que desde que chegou ao Rio nunca mais teve notícias dos seus entes queridos. Além disso está sentindo sintomas esquisitos, e isso muito o preocupa. Atenda-se.



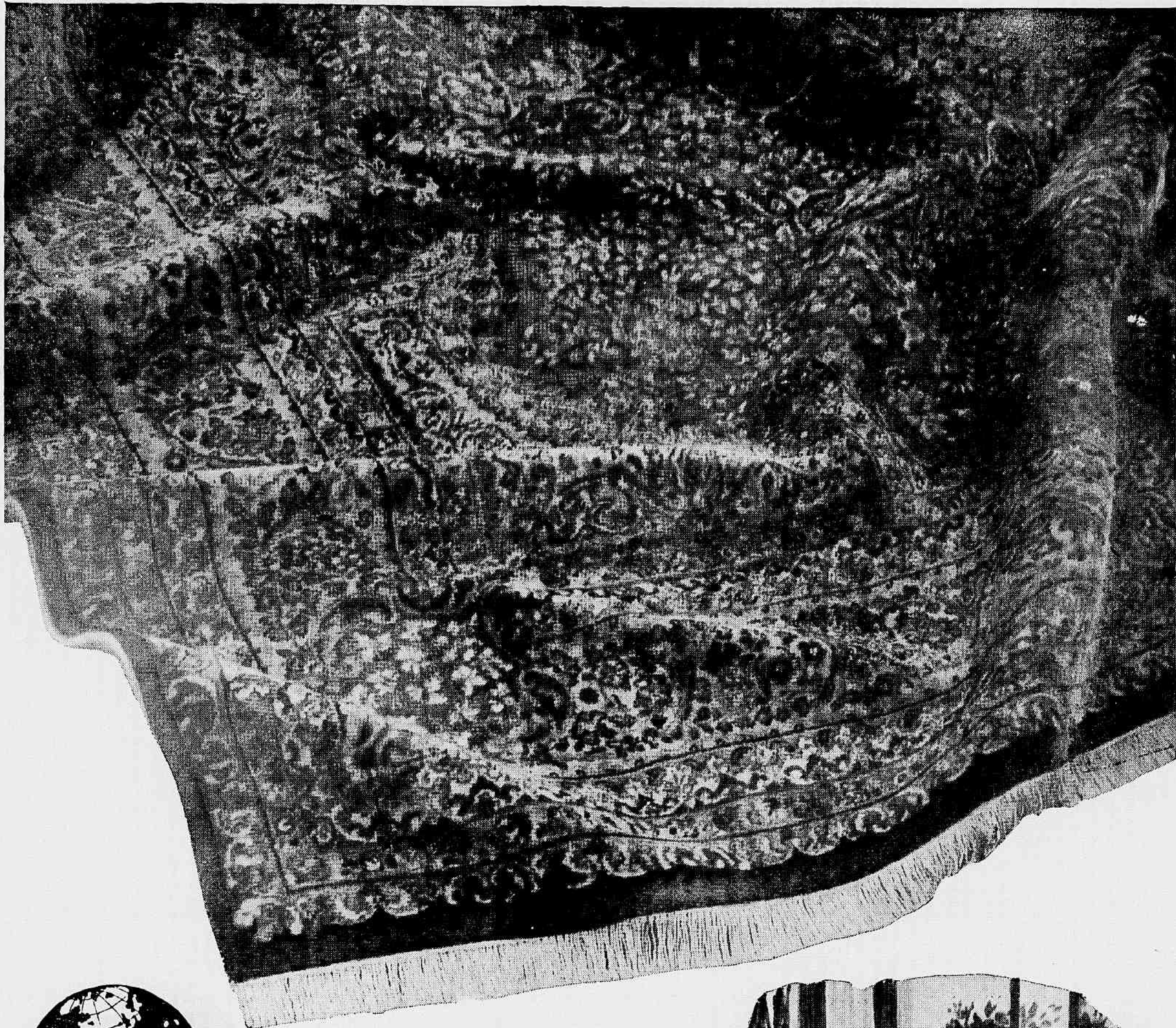
O DELEGADO — Seu delito agrava-se por ter tentado arrombar o cofre.

O DETIDO — E se eu tivesse arrombado, doutor, quanto queria para me soltar?



Agorre qui dejá paguê un mois de pension muite atrasê, je non quer fazê consulte fiade. La miserrê qui je experrimentê fui tremende. Tutes mon travai son a dinherre.

Juliete — Je vi en bolê de cristale qui un moçe muite rique e bonite estê apassionê par la senhorite. Si êle pede bêje non fazê care feie. Dá logue de une vez. E pronte.





TAPETES de pelúcia e TAPETES e PASSADEIRAS **com flores**, recebidos da Inglaterra

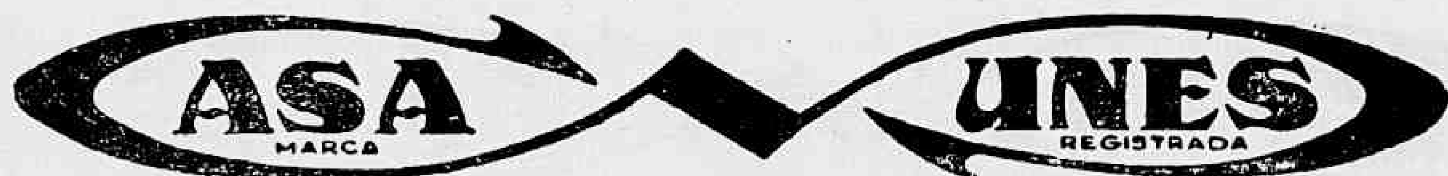
Tapetes e Passadeiras

franceses, tchecos, portuguêses, persas (legítimos) e nacionais — diretamente das fábricas

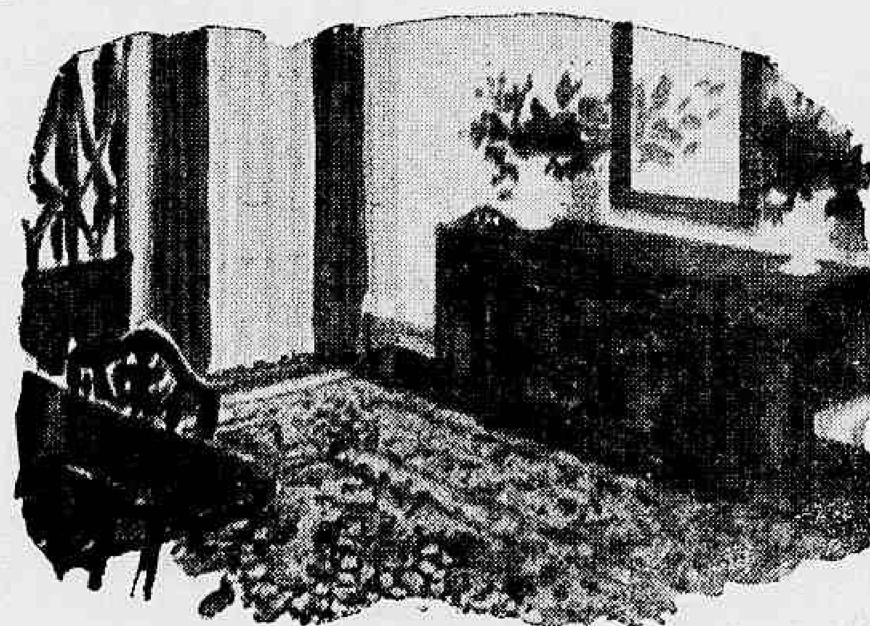


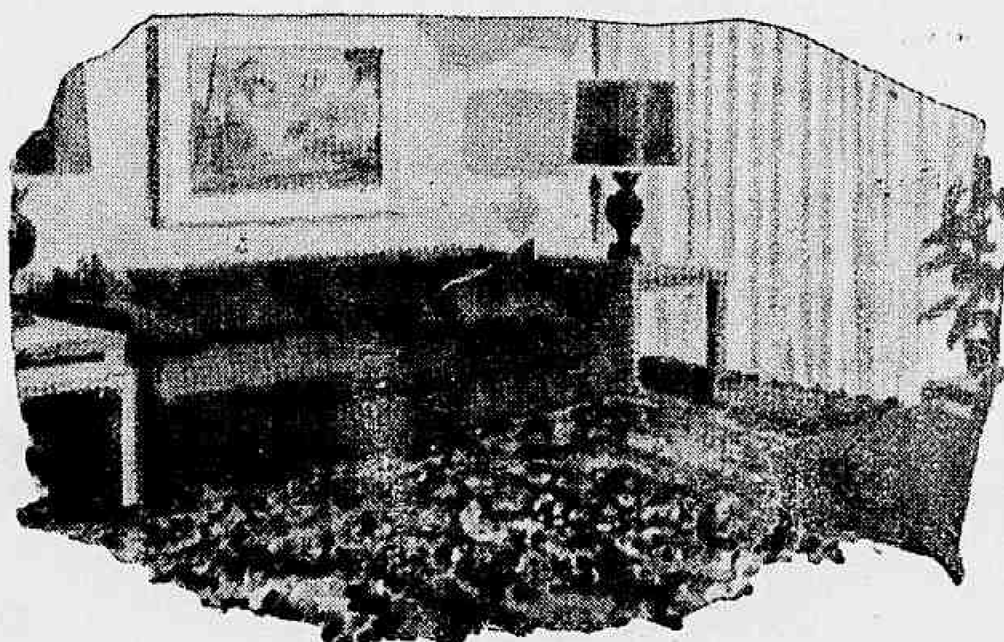
MOBILIÁRIOS e DECORAÇÕES

orçamentos e sugestões **GRATIS**



65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO





A ARQUITETURA SE TRANSFORMA



...mas

a preferência pelos

cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil



Sim — a evolução é uma característica marcante da arquitetura brasileira, mas entre os brasileiros, a popularidade dos cigarros Continental permanece a mesma. Porque a suprema qualidade dos cigarros Continental mantem-se sempre **uniforme**. Hoje, como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros **Continental**

- uma preferência nacional

LISOS OU COM PONTEIRA

Companhia de Cigarros SOUZA CRUZ

88.017-C